

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**PRECONCEITOS E DISCRIMINAÇÕES RACIAIS: UM OLHAR DE
PROFESSORAS SOBRE SEUS (SUAS) ALUNOS (AS) NEGROS (AS).**

ROSANA APARECIDA PERONTI CHIARELLO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos à obtenção do título **MESTRE EM EDUCAÇÃO**, na Área de concentração: Metodologia do Ensino, sob orientação da Professora Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.

SÃO CARLOS - SP
2003

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

C532pd

Chiarello, Rosana Aparecida Peronti.

Preconceitos e discriminações raciais: um olhar de professoras sobre seus(suas) alunos(as) negros(as) / Rosana Aparecida Peronti Chiarello. -- São Carlos : UFSCar, 2006.
200 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2003.

1. Educação – discriminação racial. 2. Professores - formação. 3. Racismo. 4. Docentes do ensino fundamental. I. Título.

CDD: 370.19342 (20^a)

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva Petronilha B. G. e Silva
Profª Drª Emília Freitas de Lima Emília
Profª Drª Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira Anunciato
Prof. Dr. Ademil Lopes Ademil Lopes

"Talvez dêsmolas. Mas, de onde as tiras, senão de tuas rapinas cruéis, do sofrimento, das lágrimas, dos suspiros? Se o pobre soubesse de onde vem o teu óbulo, ele recusaria porque teria a impressão de morder a carne de teus irmãos e de sugar o sangue de seu próximo. Ele te diria estas palavras corajosas: não sacieis a minha sede com a lágrima de meus irmãos. Não dêsmo pobre o pão endurecido com o soluço de meus companheiros de miséria. Devolve a teu semelhante aquilo que reclamaste e eu te serei grato. De que vale consolar um pobre, se tu fazes outros cem?" São Gregório de Nissa, (330). Sermão contra os usuários.

AGRADECIMENTOS

A Prof^a Dr^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva pela orientação durante estes anos de trabalho e por sua força na luta contra toda forma de preconceito e discriminação racial.

Aos professores do Departamento de Metodologia do Ensino e aos professores do PPGE, em especial a Prof^a Dr^a Emília Freitas de Lima, que com competência e dedicação muito têm ensinado a seus alunos.

Aos meus queridos pais Oswaldo e Zulmira que um dia disseram sim e me deram a oportunidade de estar realizando este trabalho.

Aos meus queridos filhos Viviane e Wellinton que suportaram minha ausência para realização desta pesquisa.

A grande amiga Pilar que nos momentos difíceis sempre soube me oferecer uma palavra de incentivo.

A todos aqueles que um dia acreditaram na minha capacidade e souberam me dar o incentivo necessário para caminhar.

A CAPES pela concessão da bolsa que facilitou meus estudos.

A Deus meu único, eterno e verdadeiro companheiro.

RESUMO

Este trabalho busca conhecer e compreender representações que professoras, da cidade de São Carlos, tiveram e têm de seus alunos negros; além de buscar identificar como estas professoras percebem a repercussão destas representações no seu fazer docente e na vida futura de seus alunos.

Foram entrevistadas seis professoras que iniciaram sua prática docente nas décadas de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990, períodos em que o país, e também o mundo, passaram por diferentes transformações, econômicas, sociais e educativas.

Com enfoque, centrado nas relações raciais, pretende-se verificar se o passar do tempo solidificou, consolidou ou transformou idéias e concepções, de tais professoras, em relação à raça negra, e se elas têm clareza da interferência de suas idéias e concepções no fazer docente e no reconhecimento social, cultural, racial do povo negro, ideologicamente inferiorizado, em um período aproximado de quatrocentos anos de história brasileira.

O estudo revelou a existência de preconceitos e discriminações raciais na representação social das professoras sobre os alunos negros em virtude do desconhecimento das tensas relações raciais existentes em nossa sociedade, motivadas por uma visão eurocêntrica. Tal descoberta não revela uma escola imobilista mas, um local que conta com professoras negras e brancas que acreditam na ação transformadora da educação sobre situações de desigualdade racial.

Com esta pesquisa pretendo estar colaborando com a formação de professores (as), para que se comprometam com a superação de idéias e conseqüentes ações preconceituosas e discriminatórias.

Palavras Chaves: Representação Social - Preconceito e Discriminação Racial - Idéias e concepções de professoras – Formação de Professores - População negra.

SUMÁRIO

Apresentação	1
Capítulo I: O despertar para pesquisa	
1.1-Contexto de vida da pesquisadora: seus anseios e descoberta do racismo	9
1.2-A presença do aluno negro no sistema escolar	16
1.3-Reprodução, resistência e libertação no sistema escolar	21
1.4-Professoras, um olhar sobre seus alunos, a partir de situações de vida e formação acadêmica	39
1.5-Situando a questão de pesquisa	46
Capítulo II - As referências teóricas	
2.1-Encontro dos principais conceitos	60
2.2-O conceito de Ideologia	61
2.3-Racismo, Preconceito, Discriminação	65
2.4-Democracia racial	73
2.5-Ideologia do Branqueamento	78
2.6-O que são representações sociais?	83
Capítulo III - Metodologia	
3.1-A escolha do método	96
3.2-O método com base na postura inspirada pela fenomenologia	99
3.3-A constituição do estudo e os critérios para escolha dos colaboradores da pesquisa	102
3.4-As professoras entrevistadas	105

Capítulo IV - Análise dos dados

4.1-As representações das professoras sobre seus alunos negros	110
4.1-Experiências vividas	111
4.2-Contexto social.	126
4.3-Preconceito.	136
4.4-Superação do preconceito.	149
4.5-Considerações sobre as dimensões encontradas na fala das professoras.	157

Capítulo V

Acertando o passo: superando o preconceito nas relações professor (a) / aluno (a) negro(a).	164
--	-----

Bibliografia	184
---------------------	-----

Anexos	194
---------------	-----

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa teve origem em entrevista exploratória com uma professora que iniciou sua prática docente no ano de 1938. Durante nossa conversa percebi que sua fala trazia preconceitos raciais, por ela não percebidos, em relação aos alunos negros. Como ex-professora e ex-estagiária das escolas públicas estaduais havia percebido semelhante situação com outros professores.

A percepção de tal problemática levou-me a ter a pretensão de saber se a forma dos professores representarem seus alunos negros se assemelham no decorrer de diferentes décadas. Voltei-me para as professoras da cidade de São Carlos, iniciantes na atividade docente em diferentes décadas do século XX, para tentar entender como elas representam e olham para seus alunos não brancos. Com esta intenção determinei os seguintes objetivos para esta pesquisa:

- Identificar as representações que as professoras do Ensino Fundamental nutrem sobre seus alunos negros;
- Saber se o passar do tempo solidificou ou transformou idéias e concepções de professoras, do Ensino Fundamental, sobre o discente negro;
- Verificar se as professoras possuem consciência que podem interferir no presente e no futuro de seus alunos negros, a partir de suas idéias e concepções;
- Desvelar, ou não, a existência do preconceito e discriminação racial no ideário pedagógico, refletido nas representações das professoras;
- Abrir caminhos para o reconhecimento social do aluno negro, com suas peculiaridades, jeitos de ser, de viver, garantindo sua permanência no sistema formal de ensino.

Para atingir tais objetivos, realizei conversas informais com seis professoras, nascidas na cidade de São Carlos, que atuaram ou ainda atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental. A escolha de seis professoras deveu-se ao fato de desejar ouvir experiências docentes das décadas compreendidas entre 1940 e 1990. As décadas de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 correspondem ao início da atividade docente das professoras, logo foram seis as colaboradoras deste trabalho.

Desejo esclarecer que, inicialmente, meu projeto de pesquisa tencionava recuperar a memória de uma escola primária existente na Instituição Negra Flor de Maio entre os anos de 1935 e 1945.

Tomei conhecimento desta escola através da dissertação de mestrado de Márcio M. Aguiar, intitulada "*As organizações negras em São Carlos: Política e identidade cultural*", realizada no ano de 1997 na Universidade Federal de São Carlos.

Tendo dificuldades para encontrar materiais, documentos, pessoas envolvidas com a escola e pelo tempo reduzido do curso de mestrado, modifiquei minha trajetória de estudos para este que realizei.

Na busca de informações sobre a escola, que pretendia pesquisar, anteriormente, consegui descobrir, através do próprio pesquisador Márcio Aguiar, o nome da professora que atuou neste local de ensino. Consegui através de uma ligação telefônica informal a apresentação e explicação do trabalho que pretendia realizar. A professora mostrou-se disposta a ajudar e assim estabeleci o critério de iniciar meu trabalho a partir de 1940, pois, a professora iniciou o exercício docente em 1938; este foi o ponto de partida.

As demais professoras participantes encontrei facilmente, pois, já fiz parte da rede pública de ensino, tanto que, as professoras correspondentes às duas últimas décadas foram minhas colegas de trabalho.

Para escolha das professoras, além do critério do ano em que iniciaram sua atividade docente, considerei fundamental que estivessem atuando ou tivessem atuado nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Esta exigência deu-se em virtude de poder ouvir professoras que trabalham ou trabalharam com um mesmo grau de ensino.

Outro critério considerado foi a atuação em escolas do município de São Carlos. Esta opção deve-se ao fato de que nosso município, com uma população aproximada de duzentos mil habitantes, foi considerado, próximo da abolição da escravatura, a sétima cidade do estado de São Paulo com grande contingente de escravos negros. Este município foi um dos grandes centros de produção cafeeira do século XIX e início do século XX. Recebeu grande número de imigrantes europeus que para cá vieram valer-se de uma economia em mudança e de forma não tão explícita alvejar, isto é branquear, o quanto possível a população local. (Lopes, A : 1995, p. 34).

Boa parte dos escravos pertenceram à Fazenda Conde do Pinhal, hoje um patrimônio histórico do município. Com a Lei Áurea, esta população africana e seus descendentes, abrigaram-se nos bairros de Vila Izabel e Vila Pureza, de São Carlos, e receberam os apelidos de "cinzeiro" ou "bola preta" (Lopes A. : 1995).

Segundo Lopes A¹. (1995, p.44) o racismo estabeleceu-se em são Carlos amparado pela prática social herdada de conceituações "científicas" falaciosas sobre o negro que penetraram no país no final do século XIX. Com estas informações, trabalhar com professoras nascidas e formadas neste município, tornou-se importante para saber se as mesmas continuam, após tantos anos, inseridas neste contexto histórico social que segregou, marginalizou a população negra.

Além do critério acima mencionado estabeleci, também, como de importância ouvir tanto professoras negras como brancas, pois, esperava encontrar experiências diferenciadas e saber se o racismo permanece atuante em nosso município, nas instituições escolares e na prática das professoras negras e brancas junto a seus alunos não brancos. Esclareço que faço constantes referências às professoras porque às séries iniciais do Ensino Fundamental estão contempladas, quase que exclusivamente com mulheres. Professores homens parecem não atuarem nestas séries.

A metodologia de estudo utilizada, neste trabalho, está fundamentada na fenomenologia. Esta linha de estudo é um dos movimentos filosóficos mais importantes e fascinantes do século XX que, desde o seu início, guardou relações de intimidade com a recém criada Psicologia (Moreira: 2002, p.59).

Seguindo este processo de busca não realizei com as professoras entrevistas pontuais, mas conversas informais onde as mesmas exteriorizavam sentimentos, pensamentos, compreensões a respeito de seus alunos negros, da escola, da sociedade, do

¹ Ao citar autores com o mesmo sobrenome colarei o diferencial com a letra correspondente ao seu primeiro nome e, mesmo não sendo, uma transcrição literal do autor colarei o número de página de sua obra a qual se refere assunto em discussão.

mundo. Esta pesquisa construiu-se frente aos conhecimentos e informações adquiridos pela pesquisadora junto às “pessoas pesquisadas” que livremente colaboraram com sua realização.

A questão norteadora desta investigação, assim ficou determinada: *Que representações a respeito das pessoas negras, particularmente de seus alunos (as), professores (as) da cidade de São Carlos, que exerceram sua função em diferentes décadas, no decorrer do século XX, formula?*, e a dissertação ao seu final, ficou assim estruturada:

No primeiro capítulo explicito os motivos pessoais que despertaram a realização desta pesquisa. Contextualizo o aluno negro no sistema de ensino formal a partir de estudos e pesquisas realizadas; falo da presença do professor no âmbito educativo desde sua formação até sua prática docente; incluo os estudos sobre a reprodução e a resistência nas escolas, apoiada nas obras de Paulo Freire sobre a humanização, conscientização, libertação das pessoas. Encerro este primeiro capítulo com a já mencionada questão de pesquisa.

No segundo capítulo, apresento os fundamentos teóricos deste trabalho. Falo sobre o conceito de representação social estudados e pesquisados por Sergé Moscovici e Denise Jodelet. O estudo da representação social conduziu-me à necessidade de esclarecer o conceito de ideologia, neste caso, utilizei os estudos de Marilena Chauí e o preconceito, como manifestação do cotidiano, por Agnes Haller. Os estudos da Ideologia do Branqueamento e da Democracia Racial foram importantes para a compreensão do fenômeno procurado, no caso: *a representação social que as professoras possuem de seus alunos negros.*

No terceiro capítulo descrevo a metodologia de trabalho com opção teórico-metodológica apoiada na fenomenologia, dito anteriormente. Utilizo os estudos de Merleau Ponty acentuando a importância da fala na compreensão do fenômeno procurado. A investigação seguiu os procedimentos adotados por Giorgi (1985) e Moreira (2002). Descrevo, neste capítulo, as seis professoras participantes, apresento os procedimentos seguidos para a análise e interpretação dos dados, apresento as unidades de significado, encontradas nas falas das professoras e que revelam as dimensões que encaminharam esta pesquisa para seu final.

As dimensões encontradas foram: experiências vividas, contexto social, preconceito racial e superação do preconceito.

No quarto capítulo intitulado: "*A Representação Social das professoras sobre seus alunos negros*", faço a descrição das dimensões acima citadas com base nas palavras proferidas pelas professoras. No final deste capítulo, comparo as falas das professoras negras e brancas, pois, percebi que a professora negra possui uma atuação diferenciada da professora branca na relação com seus alunos afro descendentes.

No quinto capítulo, "*Acertando o passo: superando o racismo nas relações professor (a) / aluno (a) negro (a)*", teço as considerações finais procurando dizer como as representações sociais estão presentes na vida das professoras; sua interferência na relação professor (a) aluno (a) mantendo ou não situações de preconceito e discriminação racial no interior das escolas.

Neste capítulo os estudos de Paulo Freire e as demais referências teóricas desta pesquisa, ajudaram-me a entender que a representação social está presente na vida do professor que, influenciado pelo ambiente social poucas modificações consegue no seu

fazer docente. Há um déficit na formação para o Magistério, pois, as conflituosas questões étnico-raciais são omitidas dos currículos de formação.

Os resultados desta pesquisa apontam para a presença dos preconceitos e conseqüentes discriminações raciais nos olhares que as professoras lançam sobre seus alunos negros, principalmente no caso de algumas docentes brancas. Este olhar é resultado da desinformação que elas possuem sobre as questões raciais. Acreditam que a escola é um espaço de igualdade racial. Somente algumas delas reconhecem ser portadoras de preconceitos e esperam que o sistema de ensino possa sofrer alterações e conscientizar os profissionais docentes sobre este grave problema.

As professoras negras possuem um olhar diferenciado sobre seu discente negro. Não o vêem como um problema, pois, dizem que eles podem superar as discriminações que sofrem no âmbito escolar e conseguir sucesso na vida acadêmica e social.

A mentalidade das professoras negras e brancas é diferenciada mas, isso não impede que a escola seja um local de transformação das injustas desigualdades existentes entre negros e brancos. A escola pode oferecer para todos uma educação que garanta o êxito dos alunos negros. Conclui que as desigualdades raciais permanecem no decorrer das décadas; o interessante é que nas últimas décadas as professoras estão adquirindo maior consciência das questões étnico raciais, surgindo a oportunidade de romper as barreiras que separam negros e brancos.

Existe, nestas últimas décadas, a pretensão de se conseguir viver em uma sociedade mais humana, justa e igualitária. Sabemos que é um trabalho difícil, mas possível de acontecer: exterminar as injustiças raciais de nossa nação.

CAPITULO I

O DESPERTAR PARA PESQUISA

Neste primeiro capítulo pretendo inicialmente situar-me como aluna e como professora. Olhando para momentos do meu passado, identificarei como minha formação pedagógica ajudou-me a ser uma aliada da causa do povo negro.

Meu envolvimento com a questão do negro abriu caminhos para que pudesse verificar que no ambiente escolar existem espaços de reprodução e resistência a uma sociedade iníqua.

Professoras inseridas no processo educativo, muitas vezes, desconhecem as graves questões raciais. Certifico o exposto no momento em que situo a questão da pesquisa e sua problemática.

Neste momento é possível notar como as representações sociais, criadas sobre a pessoa negra, influenciam relacionamentos com o negro.

1.1 - CONTEXTO DE VIDA DA PESQUISADORA: SEUS ANSEIOS E DESCOBERTA DO RACISMO

Possuía em minha vida um grande ideal, cultivado desde minha infância: tornar-me professora. Senti certa frustração quando, ao final do Ensino Fundamental, não foi possível ingressar no curso de formação para o Magistério. Questões financeiras obrigaram-me, precocemente, a iniciar atividades no mercado de trabalho e modificar meus antigos sonhos.

O período em que estive afastada da escola não apagou de minha memória meu primeiro ideal. Com oportunidade de retomar meus estudos, no Ensino Superior, não titubeei, retomei as rédeas de minha vida acadêmica e coloquei-me a caminho.

Iniciei o curso de Pedagogia sentindo-me uma pessoa realizada, pois finalmente meu sonho era concretizado.

A retomada dos estudos ajudou-me a olhar para o grande palco da vida e descobrir que em nossa sociedade existem muitas desigualdades impostas por ideologias, busca de poder, desejo de acumular bens e riquezas.

Senti a complexidade dos seres humanos que, interagindo entre si, enquanto homens e mulheres, formam grupos, culturas, formas de ser e de viver diferenciadas. Os estudos aos poucos me revelaram esta realidade que, reavivaram fatos de minha própria história de vida.

Descobri que existem em nossa sociedade oprimidos e opressores, dominados e dominadores. Assim pensei: Quem é o ser humano? Em que consiste a complexidade da vida humana? Como as pessoas humanas estabelecem relações entre si e com o meio em que vivem?

Tais interrogações ainda não foram respondidas, pois descobri o quanto é difícil para as pessoas estabelecerem relações harmoniosas. É difícil compreendermos o outro e com ele procurarmos viver princípios básicos de igualdade e solidariedade.

Esta reflexão remeteu-me a momentos vividos do meu passado. Era uma aluna branca, pertencente à classe social empobrecida de nossa sociedade. Estudava em colégio de alunos socialmente ascendentes. Fui discriminada pela minha condição social. Colegas de sala de aula não aceitavam minha presença. Em contra partida sempre recebi incentivo de meus professores.

Alcansei sucesso nos estudos, pois sempre fui boa aluna, com boas notas. Reconhecida e valorizada pelos professores, reconhecia o esforço que meus pais faziam para manter-me naquela escola. Não reclamava das ofensas recebidas.

Sofria duras represálias por parte dos colegas que, a bem da verdade, nunca cheguei a ter. Meu grupo de amigas restringia-se a quatro ou cinco, num universo de aproximadamente mil alunos - universo que tínhamos de enfrentar se quiséssemos ter algum espaço na escola e futuramente na sociedade.

Foram momentos tristes, pois freqüentemente estava exposta a brincadeiras de mau gosto, recebia apelidos, não era convidada para festas nos finais de semana. Sentia-me diferente, rejeitada por aqueles com os quais convivía. É um sentimento horrível a rejeição, a exclusão e a desvalorização. Penso que somente aqueles que enfrentam esta situação podem dizer algo.

Nos dias atuais enfrento semelhante situação, pois pessoas de meu convívio não aceitam meu ingresso na universidade. Sofro discriminações, opressões, conflitos,

momentos difíceis; mas superados pela consciência que possuo de viver minha vocação e dela não abrir mão.

Motivada pelos trabalhos acadêmicos, expandindo meus horizontes, encontrei oportunidade de participar, na universidade, de um grupo de pesquisa e realizar um trabalho com crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental², de uma escola pública da cidade de São Carlos. Entre estas crianças existia um pequeno grupo de alunos negros.

Na fala e nos desenhos destes alunos negros³ descobri que existia um desejo de "despertarem" para o mundo. Serem vistos como pessoas negras, respeitadas por colegas e professoras. Este trabalho revelou-me as graves questões raciais existentes em nosso país.

Estudos e pesquisas⁴ atuais mostram que o negro na sociedade brasileira está exposto à marginalização, à exclusão, à invisibilidade. Sua identidade racial é dominada por uma ideologia branca que considera o negro inferior. Desde a colonização do Brasil até dias atuais o direito de vida e dignidade humana deste povo são usurpados.

O mundo branco desqualifica a pessoa negra. Na sociedade brasileira, o negro é oprimido por ser considerado diferente dos modelos ideais os “eurocêtricos”.⁵

² Esta observação ocorreu de minha participação, como aluna bolsista, em projeto “de pesquisa com objetivo de identificar através do ouvir e contar histórias, conhecimentos que crianças das séries iniciais possuíam. A escola onde ocorreu o trabalho situava-se na periferia da cidade de São Carlos. A instituição de ensino responsável pelo trabalho foi a UFSCar, sob orientação da Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Desta minha participação, apresentando trabalho no Congresso de Iniciação Científica da UFSCar, no ano de 1998, fui premiada com o prêmio "Jovem Pesquisador".

³ Este foi meu primeiro trabalho de pesquisa. Despertei e voltei meu olhar para o negro, e descobri o preconceito racial. Ouvindo estas crianças, muito aprendi sobre a vida.

⁴ Podemos citar, Silva P.B.G. (1987), (1995), Silva, Ana C. (1997), Oliveira R. (2001), Oliveira, I. (2001), Lopes, A. (1995), Hasenbalg, C. (1996), Chiavenatto, J. (1999), entre outros.

⁵ O eurocentrismo é uma idéia que considera as pessoas com características européias - brancas, olhos e cabelos claros - como tipos ideais de pessoas.

Trabalhar com aquele grupo de crianças negras despertou minha consciência para a questão do "ser negro" na sociedade brasileira. Até então, considerava existir uma harmonia racial em nosso país. Despertei para a grave problemática racial, social e humana do povo brasileiro.

Vislumbrei a presença do racismo, da desigualdade racial, social e econômica no interior de nossas escolas que, muitas vezes legitimam tal situação.

Lendo a seguinte frase: "*Tenho um sonho de que um dia esta nação se erguerá e colocará em prática estas verdades auto evidentes de que os homens são todos iguais[...]* Tenho um sonho que meus quatro filhos pequenos um dia viverão numa nação onde serão julgados não pela cor da pele, mas pelo conteúdo de seu caráter." (M.L.King), optei por assumir esta causa e realizar um estudo que ajudasse a compreender e superar esta problemática racial.

M. Luther King ajudou-me a olhar para minha história de mulher branca que apesar das discriminações sofridas no passado, venceu pelo seu caráter e disposição para a vida mas, suas palavras eram dirigidas ao povo negro, àquelas crianças negras com as quais trabalhei para que enchessem seus corações de força e coragem, assumissem sua negritude e vencessem porque são seres humanos com direitos e potencialidades.

Assumir a luta do povo negro é algo complexo, pois durante longo período de nossa história sua existência foi negada em nossa sociedade, a mesma foi precária diante de outros com condições favoráveis e agradáveis. Este processo de inferiorização do negro diante do branco levou-me a perguntar: De onde vem essa idéia de inferioridade? O que impede a igualdade entre as pessoas?

Refletindo entendi que o preço para estar entre os “superiores” e ser reconhecido muitas vezes é alto; significa a negação de si próprio, de seus grupos de convívio. Significa submeter-se a uma vontade alheia, neutralizando suas próprias vontades em prol de seu reconhecimento.

Paulo Freire mostra que aquele que é negado como ser humano, quando considerado inferior, não deixa de ser um ser humano, não perde sua essência. Ao redescobrir-se ele afirma com sua luta, com suas palavras e ações, que é um ser humano e deve ser reconhecido e respeitado.

Esta descoberta é fundamental para afirmação de qualquer pessoa e para o fortalecimento de seu grupo social. Reconhecer quem sou significa afirmar minha própria identidade, minha própria história e não desistir das lutas cotidianas.

Taylor (1994)⁶ explica que durante a existência há muitas vezes a necessidade de negação do que se é. Nega-se a si mesmo, a fim de ser reconhecido. A exigência de reconhecimento e respeito é ponto de honra para os grupos postos socialmente à margem.

Este filósofo do multiculturalismo entende por identidade a percepção que as pessoas têm de si próprias e as características que as definem como seres humanos. Ele levanta a tese de que nossa identidade é parcialmente firmada, ou não, pelo reconhecimento ou pela percepção positiva ou negativa que os outros têm dela.

⁶ TAYLOR, Charles (1994). The Politics of recognition. In: GOLDBERG, David Theo. Multiculturalism: a critical reader. Oxford - UK, Cambridge-USA. Este filósofo faz parte de estudos do multiculturalismo. Seu trabalho trata do reconhecimento que deve existir entre os seres humanos, principalmente aqueles considerados diferentes.

Diz que uma pessoa ou um grupo pode sofrer prejuízos morais ou reais de formação de sua identidade, se as outras pessoas têm dele e lhe transmitem uma imagem limitada, irrelevante, desprezível.

Logo, o desconhecimento ou o reconhecimento inadequado, pelos outros, da visão de mundo, da identidade, dos ideais, dos pensamentos, dos modos de ser e viver, próprios a diferentes grupos, podem causar sofrimentos a seus integrantes e se constituir em forma de opressão.

Isto pode levar à auto depreciação, à baixa auto estima, na avaliação de Taylor, arma eficaz para opressão destes grupos. O reconhecimento não pode se restringir a um simples ato de polidez, já que se trata de um ato humano vital. Por tal motivo deve ser autêntico, real, verdadeiro, não forjado, tampouco, manipulado.

Hoje compreendo, a partir de minhas experiências e história de vida, que o destino torna-se terrível para aquele que perdeu suas raízes, sua origem, seu reconhecimento humano e social. A perda impulsiona o ser para aquilo que não deseja.

Simone Weil (1992) explica que cortar raízes não significa perdê-las, mas atrofiá-las, isto é, esquecer suas origens a fim de ser reconhecido. Este atrofiamento impulsiona homens e mulheres para aquilo que não desejam, mas para o que os outros desejam que eles sejam.

Ao procurar entender a situação de vida do povo negro, a partir dos referenciais acima citados, tento compreender minha posição no mundo, exposto a constante transformações, como mulher e professora branca.

Na condição de aluna e professora sinto que a causa do negro, do marginalizado, do excluído deve ser motivo de luta junto às escolas, aos professores que

necessitam, em muitos casos, de esclarecimentos para perceberem estragos feitos em suas vidas e na vida daqueles que os cercam.

Revejam palavras, atos, ações, sentimentos e consolidem, com apreço e carinho a identidade de todos os alunos independente de cor, credo, classe social. Superem as opressões sociais e tenham uma compreensão mais apurada sobre os "diferentes" da nossa sociedade. Colaborem para que o aluno negro conheça e conserve sua história, sua ancestralidade.

A cultura dos povos da raça negra valiosa aos olhos daqueles que buscam conhecê-la, não deve ser omitida. Reconquistar o passado e valorizar o presente, para os afro - descendentes é o encontro do valor de existir, viver e conviver em um espaço de direitos e igualdades.

Os afro descendentes,devem cultivar o desejo de participar de um verdadeiro processo de construção da "cidadania negra" na sociedade brasileira. Nos corações negros, Zumbi deve permanecer imortal, prevalecendo no interior de cada comunidade um verdadeiro Palmares que honra seus ancestrais.

Os grilhões que acorrentaram tantas vidas devem ser destruídos. Apoiar o povo negro na coragem para lutar como sujeito histórico, capaz de tomar nas mãos sua história e com ela semear seu presente é compromisso de educadores e professores.

Com esta pesquisa pretendo colaborar para o reconhecimento social e humano deste povo. A seguir situo a presença do aluno negro em nossas escolas; busco identificar as condições a que estão submetidos no aparato escolar e quais representações a sociedade impõe a eles e a seus professores.

1.2 - A PRESENÇA DO ALUNO NEGRO NO SISTEMA ESCOLAR

Ao falarmos da escola devemos lembrar que aos milhares, crianças e jovens negros vão à escola exercer o direito de se educarem. Infelizmente muitos são submetidos a um processo de exclusão e humilhação resultado de um processo histórico que, de longa data, desconsidera as pessoas da raça negra.

Para muitos o processo de exclusão e humilhação raciais não são vistos como uma questão social, mas um comodismo das próprias vítimas que não lutam por seus interesses. Este é um grave problema da sociedade brasileira.

Segundo Rosemberg (1988, p. 28), o processo histórico, no qual está fundamentado o pensamento social brasileiro sobre relações raciais apóia-se nas seguintes correntes: a primeira representada pelo trabalho de Gilberto Freyre (Casa Grande e Senzala), entre outras obras escritas no início do século XX, postula a existência de uma cordialidade racial na sociedade brasileira e uma segunda idéia representada por Carlos Hasenbalg, que podemos considerar como a mais aceita para compreensão das "desigualdades raciais e sociais", analisa as articulações entre raça e classe social. O autor verifica as profundas desigualdades existentes entre população branca e negra no Brasil:

"Sem dúvida alguma a grande maioria dos negros e mulatos no Brasil são expostos aos mesmos mecanismos de dominação de classe que afetam outros grupos subordinados. Além disso, as pessoas de cor sofrem uma desqualificação peculiar e desvantagens competitivas que provém de sua condição racial" (Hasenbalg: 1979, p.20).

O ensino no Brasil não foi formulado para as classes pobres, mas para as classes dominantes, do período colonial e republicano. Seguiu modelos europeus ou norte - americanos que em nada condiziam com a realidade do povo brasileiro. Desde o início

buscou-se preencher as necessidades da elite burguesa que progressivamente ascendia na sociedade.

A população negra, após a abolição da escravatura, foi lançada a margem da sociedade. A segregação racial⁷ impôs a desigualdade educacional presente ao longo destes anos em nosso sistema de ensino. A deterioração da imagem social do negro, tendo como forte aliada a segregação racial deu poucas oportunidades de se conseguir sucesso no ambiente escolar.

O monopólio dos brancos permaneceu sobre o sistema de ensino e a maioria dos negros que, de alguma forma, conseguiram romper a ideológica barreira da discriminação, atravessando os muros escolares, conseguiriam com grande esforço atingir no máximo o antigo curso ginasial, isto após séculos de luta. (Rosemberg: 1988, p. 30).

Henriques (2001) apresenta em recente pesquisa que, apesar dos avanços educacionais, a população negra continua em grande desvantagem em relação à população branca - considerando os anos de permanência na escola.

A baixa escolaridade dos negros interfere fortemente na sua participação no mercado de trabalho afirmando as desigualdades sociais que marginalizam este povo.

Segundo dados que Henriques (2001) coletou verificamos:

"[...] a escolaridade média de um jovem negro com 25 anos de idade gira em torno de 6,1 anos de estudo; um jovem branco da mesma idade tem 8,4 anos de estudo. O diferencial é de 2,3 anos de estudo. A intensidade dessa discriminação racial, expressa em termos de escolaridade formal dos jovens adultos brasileiros, é extremamente alta, sobretudo se lembrarmos que trata-se de 2,2 anos de

⁷ Queiroz (2001) diz que a segregação racial é uma consequência do preconceito e da discriminação racial. A segregação evita contatos e é marcada pelo distanciamento geográfico e social, pela separação, perda de convívio e de proximidade física com outros grupos.

diferença em uma sociedade cuja escolaridade média dos adultos gira em torno de 6 anos". (Henriques: 2001, p. 26 - 27).

Os dados acima revelam que mesmo adentrando os muros escolares o negro continua em desvantagem diante do branco. Os avanços conquistados pela população negra, no decorrer do século XX, poucas transformações trouxe para a sua vida em sociedade. Novamente utilizando dados de Henriques (2001) é possível confirmar:

"[...] um jovem branco de 25 anos tem, em média, mais 2,3 anos de estudo que um jovem negro da mesma idade, e essa intensidade da discriminação racial é a mesma vivida pelos pais desses jovens - a mesma observada entre seus avós". (Henriques: 2001 , p. 27).

Henriques (2001) revela que os baixos índices de escolaridade da população negra estão historicamente determinados. Aponta que o rendimento escolar do aluno negro é inferior ao do aluno branco. Mostra que 84% dos alunos negros não conseguem concluir o ensino secundário e 98% dos negros não conseguem ingressar nas Universidades. (Henriques:2001, p. 31).

Tais dados, são alarmantes, pois recentes pesquisas mostram que o número total de negros e pardos existentes na sociedade brasileira gira em torno de 46%. Fica claro o forte poder da discriminação racial existente em nosso país. Muitos negam o racismo, mas os dados confirmam sua existência em nosso meio social, em nossas instituições escolares.

As pesquisas realizadas após 1980 muito têm confirmado as situações discriminatórias que retiraram e retiram muitos alunos negros dos bancos escolares. A dura realidade vivida por este aluno nas instituições de ensino tem início no seu primeiro dia

de aula estendendo-se ao longo de sua vida. Sofrem sérios problemas de aceitação por parte de colegas e professores.

Silva C. (1995, p. 57) pesquisando a presença dos alunos negros nas escolas, revela que na vida em sociedade, fora da família, o primeiro elemento de identidade que o negro perde é o nome. Apelidos são largamente utilizados em sua trajetória de vida. Seu eu começa a ser diluído no imenso universo de representações do branco.

"As brincadeiras, dos alunos, têm como motivo os apelidos com os quais é rotulado. [...] alunos brancos apelidam os colegas negros, mas não aceitam receber o mesmo tratamento dos não brancos. Eles acreditam ter o direito de determinar o lugar do outro; entretanto, não admitem a possibilidade de ocupar este mesmo lugar".
(Silva C.: 1995, p. 63).

Possui o aluno negro grande sentimento de inferioridade, baixa auto-estima, principalmente, pelo desconhecimento da história de seu povo. A omissão de fatos históricos sobre a resistência negra no Brasil, entre outros fatores, faz com que muitos alunos negros possuam sentimentos negativos em relação a sua descendência - diminuindo suas oportunidades no sistema formal de ensino. *"A aluna negra reproduz os estereótipos veiculados pela ideologia dominante de que o negro por pertencer a uma raça que foi escravizada é sinônimo de ser inferior".* (Silva, C.: 1995, p. 60).

Esta pesquisadora afirma que o negro diante das situações que diminuem sua pessoa frente à sociedade, no sistema de ensino, assimila uma imagem negativa de si. Este conceito formulado indica seu lugar na hierarquia social. *"Os alunos pertencentes ao grupo étnico dominante da sociedade, acreditam de fato, ser hierarquicamente superiores às crianças de outros grupos raciais".* (ibid, p. 64).

A falta de conhecimento da resistência negra no período da escravidão faz com que muitos alunos negros desacreditem das capacidades de seu povo e fiquem submetidos ⁸ a uma ideologia dominante e opressora.

A cultura etnocêntrica ⁹ que domina o mundo desqualifica a pessoa negra, inferioriza este povo perante aqueles considerados superiores, no caso os brancos, motivo que muitos negros preferem assumir a cor parda e não a negra.

Dominado por um sistema social e educacional que reforça estereótipos que diminuem sua capacidade de aprendizagem, o aluno negro imprime em sua consciência a falsa idéia de ser incapaz para o aprendizado formal de ensino, reduzindo a cada momento sua participação ativa na sociedade. (Rosemberg: 1988, p. 36).

Rosemberg¹⁰ (1984, p. 41), estudando escolas da grande São Paulo, verifica que alunos "carentes" possuem jornadas escolares reduzidas, grande rotatividade de professores, que diminuem as possibilidades de sucesso escolar. Completa explicitando que nas escolas "carentes" estão presentes alunos brancos e negros, mas as desigualdades raciais impõem uma diferenciação para negros e brancos na escola.

A desigualdade de oportunidades para os alunos negros no sistema escolar não se esgota no oferecimento de vagas em escolas carentes, com poucos recursos didático

⁸ Mot, Maria Lúcia de Barros. *Submissão e Resistência: a mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo. Ed. Contexto. 1988, p.29, afirma que muitos adjetivos pejorativos que qualificavam hoje a pessoa do negro surgiram de sua resistência a escravidão. Os escravos limitavam seu trabalho somente ao necessário e obrigatório. Negras abortavam filhos para buscarem liberdade aos mesmos. Muitos escravos encontravam no suicídio a liberdade. Assassinato dos senhores brancos era outra forma de resistência. O marco maior da resistência foi a formação dos Quilombos, que durante muitos anos, resistiu às investidas do homem branco. Os Quilombos eram o refúgio para negros fugitivos das grandes fazendas.

⁹ Queiroz, Renato S. *Não vi e não gostei*. S. Paulo. Ed. Moderna. 1997, p. 29, vê o etnocentrismo como um fenômeno que dá origem e sustentação ao racismo. Trata-se de uma atitude emocionalmente condicionada baseada em fundamentos psicológicos sólidos e profundos. Consiste em repudiar as manifestações culturais, religiosas, morais, estéticas, sociais que mais se afastam daquelas consideradas "modelo"

¹⁰ ROSEMBERG, Lia. *Educação e Desigualdade Social*. São Paulo. Loyola, 1981.

-pedagógicos. Geralmente, a escola freqüentada pelo aluno negro não possui recursos para atender às suas necessidades educativas e falta, também, informações sobre a história do povo negro por parte dos professores e das professoras.

As idéias divulgadas e disseminadas a respeito desta população na mente de educadores, e outras pessoas da sociedade, criaram compreensões errôneas que desmerecem aquele que não é branco, neutralizando sua identidade.

Lopes H. (1988, p. 54) explica a necessidade de afirmação da identidade deteriorada do aluno negro, que conta com a ação dos militantes do movimento negro. Explica nesta fala, como a construção da identidade negra foi prejudicada socialmente, precisando ser resgatada, principalmente em nossas escolas:

"Acredito que, dentro da nossa escola, a identidade negra, atue como um elemento dialético. Nós não podemos pensar em livro didático, nós não podemos pensar em experiência curricular, sem pensar no professor que está lá e que tem a sua identidade pessimamente construída, bem como o diretor da escola e cada um de nós, militantes do movimento que também temos os nossos problemas com identidade [...] o problema do preconceito não está somente nas pessoas que não estão no movimento. Está introjetado em nós a cada dia, a cada instante, a cada momento através dos meios de comunicação de massa. Acredito ser muito difícil não assumirmos o racismo que existe em nossa sociedade e contra o qual lutamos [...] temos que aceitar que foram introjetados em nós uma série de mecanismos, uma série de posturas que são racistas e autoritárias [...] vivemos na contradição e a contradição é que nos dará coragem para lutar". (Lopes, H., 1988, p. 54).

A referida autora revela o quanto é difícil ser negro no Brasil, após tantas ideologias criadas sobre a negritude. Os enfrentamentos ocorrem, muitas vezes, entre aqueles que lutam nos próprios movimentos negros. O arcabouço de idéias racistas de

cunho destrutivo criam conflitos entre os militantes negros e entre aqueles que desconhecem a condição histórica e social do negro no Brasil.

Posso dizer com base em estudos realizados por Lopes, H. (1988) que muitas crianças negras enfrentam na escola problemas de ordem psicológica e não pedagógica, isto é, as discriminações e preconceitos sofridos no ambiente escolar afetam sentimentos e emoções destas crianças. O reflexo deste mal, ocorrido no interior da criança, está na sua baixa produção escolar, nas dificuldades encontradas no processo de aprendizagem.

Gonçalves (1988, p. 61), mostrando a falta de conhecimento que a escola possui em relação ao povo negro, diz que o cotidiano escolar trata o patrimônio cultural do negro de forma esporádica, eventual. Capoeira, Candomblé, Umbanda e outros são seus temas prediletos. Via de regra, compõem repertório da Semana do Folclore. Não se consegue ir além do aparente, sequer se percebe que ali há uma pungente visão do Mundo Ocidental.

A escola trata o patrimônio cultural do negro como um saber menor. Muitas festividades, relacionadas ao povo negro, findam em folclorização. Tal episódio passa despercebido por muitos que não possuem informações sobre o assunto. Gonçalves (1988, p. 61) diz:

"uma questão crucial para a população negra brasileira é a sua visibilidade na sociedade. Estar, esporadicamente na escola, através da folclorização da cultura negra, é compactuar a meu ver, com o mecanismo societário repressivo que torna a população negra invisível, sob a capa do mito da democracia racial".

As pesquisas mencionadas acima revelam uma problemática de alguns anos passados que se conserva inalterada. Faço tal afirmativa com base em pesquisa realizada por Santana (2001), que trabalhando junto a rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte com projetos pedagógicos, demonstrou as ambigüidades que perduram nas relações raciais brasileiras.

Observou que a discriminação racial se manifesta em todos os setores da escola e nas questões referentes ao ensino como: conteúdos trabalhados, omissões das questões raciais, livros didáticos, silenciamento dos professores diante de situações de preconceito e discriminação racial no cotidiano escolar.

Desenvolvendo projetos escolares de sua pesquisa, com temas cruciais para os alunos negros, deparou-se com as contradições raciais e encontrou oportunidade de fazer os professores refletirem sobre sua prática. Assim:

"O silêncio vai sendo rompido e, no lugar da omissão e do embaraço, esses professores passaram a desenvolver atividades e projetos que pudessem contribuir para alterar o quadro encontrado nas escolas. Não será por acaso que um dos eixos mais importantes dos projetos está relacionado à auto - estima, à construção de uma auto estima positiva para alunos negros, buscando valorizar a cultura e beleza negra, resgatando a história dos negros no Brasil, discutindo sua realidade atual".
(Santana: 2001, p. 50).

Santana (2001) mostra como é possível superar as diversas dificuldades que alunos negros sofrem no aparato escolar. Tal ato depende muito do esforço dos professores e das autoridades educacionais de lançarem mão de recursos e investirem de forma concreta na valorização e reconhecimento deste aluno.

Os estudos desta pesquisadora juntamente com o trabalho de Oliveira R. (1992, p. 87) revelam que os professores não possuíam ou não possuem subsídios para abordar assuntos relativos à história e à cultura africana. No cotidiano escolar as crianças negras são vítimas da violência racial e os professores não sabem intervir e não compreendem o preconceito existente em sua sala de aula.

Neste sentido, as escolas não possuem currículos, tampouco professores preparados para entender às necessidades de uma sociedade pluriétnica. Existe no âmbito social a invisibilidade que recai sobre o negro impedindo que ele possa ser visto, reconhecido e valorizado pela sua cor.

Ao referir-me ao currículo utilizo a definição de Silva T (1995, p. 41): "[...] *o currículo constitui o núcleo do processo institucionalizado da escola*". O currículo escolar, composto pelos conhecimentos veiculados pelo sistema de ensino, está distanciado da cultura dos alunos e atende a interesses dominantes. *"No novo mapa cultural traçado pela emergência de uma multiplicidade de atores sociais e por ambiente tecnicamente modificado, a educação institucionalizada e o currículo continuam a refletir, anacronicamente, os critérios e parâmetros de um mundo social que não mais existe"*. (*Silva, T.: 1995, p. 42*).

Conforme Silva T. (1995) os currículos escolares não contemplam a diversidade cultural presente nas escolas. Estão aprisionados a um modelo formal que não atende às reais necessidades dos alunos, em especial os afro-descendentes.

Professores com apoio pedagógico, podem adquirir conhecimentos e esclarecimentos dos preconceitos e discriminações raciais presentes na sociedade e transpostos para as escolas e, assim, com maior clareza lidar com as questões étnicas.

Estudos como o de Silva A. (2001), também oferecem elementos que sustentam a argumentação de que a escola, através do currículo formal, do currículo em ação e dos materiais pedagógicos utilizados, não contribuem para a valorização e permanência do aluno negro neste espaço.

Os materiais utilizados causam constrangimento ao negro, pois possuem referenciais exclusivamente etnocêntricos ou eurocêntricos, destacam somente aspectos da cultura branca dominante. *"A cor negra aparece com muita frequência associada a personagens maus. O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna os textos escolares com bastante frequência [...] a criança que internaliza esta representação não gosta de si [...] nem de seus semelhantes".* (Silva A., 2001, p. 20).

Esta pesquisadora mostra que entre os materiais utilizados o livro didático é um dos principais veículos de disseminação do preconceito e discriminação racial na escola.

Pesquisadores que investigam a situação educacional da população negra como Gonçalves (1985), Silva A. (2001), Oliveira R. (1992; 2001), Silva C. (1995), Gomes (2001) apresentam dados indicativos de que o insucesso escolar do aluno negro está estreitamente ligado ao preconceito racial que permeia o currículo escolar em toda sua extensão: objetivos, conteúdos, metodologias de ensino e posturas do professor, atividades em classe e extra classe, materiais e textos didáticos.

A forma como está estruturada a escola e os currículos formais de ensino não permite que os alunos negros encontrem espaços que incentive sua permanência nos bancos escolares. Como se vê tal escola não é uma escola democrática, como alguns pretendem.

Segundo Silva P. (1997, p. 50) a escola cuja concepção e organização administrativa e pedagógica desconsidere especificidades e peculiaridades próprias dos povos negros, terá mais o papel de adestrar estes indivíduos para assumirem determinados papéis na sociedade do que de formá-los cidadãos. *"Trata-se de uma escola não democrática, pois não atende a diversidade sócio cultural nela presente."*

A escola que assume esta função de adestrar deixa de agir pelo público e passa a atender interesses privados e dominantes. Reproduz interesses das classes privilegiadas e não reconhece, tampouco respeita, as diversas raízes que formam a nação brasileira.

Neste contexto, a escola legitima a reprodução cultural e social, na perspectiva de um grupo que se quer o mais importante. Desta forma a escola é um agente conservador de modelos dominantes, por isso em muitas situações, impede transformações nas relações sociais e também nas raciais existentes em seu interior.

No sistema de ensino, os alunos negros sofrem ainda com estigmas criados pela escravidão. Perversas idéias criadas pela sociedade a respeito deles parecem ter criado raízes que a todo momento, de forma velada ou não, estão reproduzindo relações opressoras, com base no doloroso passado deste povo.

É possível existir no interior de nossas escolas espaços de resistência a um poder que desqualifica pessoas. suas experiências, sua cultura, seu jeito de ser e de viver em prol de privilégios de outros

Em continuidade ao exposto apresento a seguir uma breve discussão sobre a reprodução e a resistência no ambiente escolar. Não deixo de considerar nesta discussão os trabalhos de Paulo Freire que esclarecem os caminhos para o ser humano conquistar sua humanização, sua liberdade - ponto de honra para alunos, alunas, pessoas negras e outros/ outras discriminados/discriminadas pela sociedade.

1.3 - REPRODUÇÃO, RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO NO SISTEMA ESCOLAR

A escola entendida como instituição social possui papel de transmitir conhecimentos acumulados, de longa data, pela humanidade e formar cidadãos “íntegros”, isto é, pessoas moldadas nos padrões dominantes da sociedade e que a ela sirvam.

Sociedade e escola estão intimamente relacionadas, sendo que, problemas e dificuldades enfrentados pela sociedade o são também vividos e enfrentados pela escola.

Nesta relação dialógica entre a sociedade e a escola, esta última segue os modelos da classe dominante considerados mais valorativos.

A função socializadora do sistema escolar está moldado no sistema econômico capitalista, do qual sofreu e sofre grande interferência nos rituais e práticas pedagógicas que realiza e desenvolve. Segundo Santos (1997, p. 61):

"As pesquisas recentes no campo da educação apresentam a escola não são só como uma integradora, mas como formadora de uma subjetividade. Nesse sentido, mais do

que coordenar as experiências mentais, ela incute valores, constrói identidades e reforça determinados padrões de comportamentos em detrimento de outros. No entanto, para muitos educadores contemporâneos, a função integradora da escola ainda significa homogeneizar padrões de comportamento, inibindo a criatividade do aluno e impossibilitando a convivência com o diferente".

Santos (1997) apresenta a grande dificuldade da escola com o tratamento das diferenças. Em seu interior há espaços de reprodução visíveis dos modelos sociais dominantes que privilegiam a alguns e marginalizam a outros.

Os alunos são vistos e compreendidos a partir de padrões tidos como ideais. Embora, pretenda-se homogeneizar o sistema escolar, a partir das referências dominantes, muitos alunos conseguem driblar o sistema e resistir de forma não explícita à dominação social, cultural, econômica que lhes é imposta. Santos (1997, p. 63) assim diz:

"[...] a educação como um sistema cultural, apresenta a escola como um espaço e tempo em que se realizam rituais instrucionais que estabelecem liminaridade entre cultura do estudante e a sua destinação social, política, cultural, econômica. Os estudantes devido à uma ausência de mediação satisfatória entre cultura de origem e a cultura de destino, oferecem resistências que também se constituem como rituais". (1997, p. 63).

Mesmo diante de um sistema escolar previamente organizado para atender os abastados da sociedade, a escola não deixa de oferecer espaços para seus alunos marginalizados resistirem aos modelos impostos.

Por mais difícil que aparente ser, o aluno visto como diferente, pela sua cor, condição social encontra oportunidades para conquistar seu reconhecimento social.

Bourdieu (1979), um dos teóricos da reprodução social, da violência simbólica, desmancha a ilusão de autonomia do sistema escolar; para ele a escola é

marcada pelo sistema social que estabelece uma função "discriminadora e repressiva". Em suas ações está implícita uma violência que sob a aparência de neutralidade oculta uma permanente violência simbólica.

*"Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta ser sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força".
(Bourdieu: 1979, p. 19).*

Bourdieu (1979), através da violência simbólica, mostra que a ação pedagógica impõe a cultura dos grupos ou classes dominantes aos grupos ou classes dominadas. A função da educação, segundo este pesquisador, é a reprodução das desigualdades sociais, inculcando modos de ser, de viver e de pensar que não são vividos pelas classes socialmente discriminadas.

A escola se limita a reforçar o "habitus" de classe, ou seja: *"...uma forma durável e transportável, isto é, um conjunto de esquemas comuns de pensamento, de percepção, de apreciação e de ação..." (Bourdieu:1979, p.259).*

Os trabalhos de Bourdieu (1979) esclarecem que as crianças privilegiadas socialmente recebem na escola um reforço do que é aprendido e vivido no ambiente familiar, isto é, os hábitos familiares são semelhantes aos que povoam o universo escolar. Assim sendo, os alunos das classes dominantes não encontrarão na escola um universo diferente daquele vivido fora da escola.

As crianças de outras categorias sociais, com outras experiências de vida não se ajustam a essa proposta escolar, que está fora da realidade vivida por elas na sociedade. São excluídas do sistema, reconhecidas como "incompetentes", ficam a meio

caminho na corrida para o êxito pessoal, do qual na maioria das vezes, os vencedores pertencem à classe dominante.

Charlot (1976, p. 57), faz um percurso de estudos semelhantes aos de Bourdieu; diz que a pedagogia apresenta, sem cessar, a educação como processo cultural e oculta assim sua significação social e política.

Cumprir uma função ideológica, sendo ao mesmo tempo um processo cultural individual e um fenômeno social, favorecedor da classe dominante. O sistema educacional mascara, em última análise, as desigualdades sociais, tais como são encontradas na divisão do trabalho e na luta de classes. A máscara utilizada tem como objetivo ocultar as desigualdades sociais.

Charlot (1976, p.59) explica que tais condições impedem o desabrochar, o despertar dos alunos para capacidades e habilidades, impedindo a valorização integral da vida, pois educar é como cultivar uma planta que cresce, passa pelo jardim de infância e desabrocha para tornar-se uma jovem flor.

Ocultar as situações opressoras existentes no interior de nossas escolas significa impedir alunos (as) negros (as) de serem vistos pela sua cultura e modo de vida, igualmente privando a existência de um trabalho pedagógico que contemple as diversas etnias e culturas que formam nosso povo.

A reprodução, a violência simbólica e a mistificação pedagógica abrem e produzem espaços nas escolas para existência do preconceito e discriminação racial. Tal fato é justificado pelos estigmas sobre a pessoa negra, tais como: incompetente, marginal, fraco para aprender, uma mercadoria, uma peça. Tais ideologias racistas ouvidas fora da escola são muitas vezes, no interior da escola, reproduzidas pelos professores (as).

A escola reproduzindo os modelos sociais dominantes nega ao aluno negro o direito de ser visto pela sua cor, suas capacidades, potencialidades, pois a história encarregou-se, através das ideologias, de desmerecer e destituir de valor as pessoas negras.

Os estudos de Bourdieu são de extrema relevância para compreensão da problemática que envolve nossas instituições de ensino e influenciam diretamente a prática pedagógica de nossos educadores. O caso é que nos dias atuais somente as teorias reprodutivistas não são suficientes para mostrar os movimentos existentes no interior de nossas escolas.

As teorias da resistência representam formas de manifestações contra a reprodução social existente nas escolas. A resistência, por parte dos alunos discriminados, é muitas vezes entendida como *indisciplina*.

Apple (1989), participante dos estudos da resistência - nas escolas - vê na figura do professor e do aluno pessoas não ajustadas a um sistema de dominação social e cultural, mas que vivem uma dinâmica na qual ambos são sujeitos históricos, que não se curvam frente aos grupos dominantes. Apple (1989, p. 108) assim explica seu pensamento:

"[...] a reprodução social é por sua própria natureza um processo contraditório, não algo que ocorre simplesmente sem luta.[...] mostrarei como as próprias contradições que os estudantes experienciam em suas vidas cotidianas podem reforçar as instituições e ideologias às quais eles parecem se opor, ao mesmo tempo em que oferecem um terreno para uma ação transformadora. . "(Apple, 1989, p. 108).

Para Apple (1989) as ideologias criadas para dominação abrem espaços para transformações no interior das escolas. Os alunos ao resistirem ao processo de dominação

não percebem que suas ações são de protesto e resistência. Tais ações são concretas e mostram que o aluno não é passivo diante das discriminações sofridas.

Apple (1989) contesta a passividade dos alunos no sistema educacional. Não acredita na aceitação pacífica dos modelos determinados pela sociedade e seus dominadores, por ele, reconhecidos como iníquos, perversos. Desta não aceitação nasce a resistência. Assim:

"[...] estudantes, como trabalhadores estão criativamente agindo sob formas que freqüentemente contradizem aquelas normas e disposições que permeiam a escola e o local de trabalho.[...] trabalhadores criam algumas condições informais para obter algum grau de controle sobre seu trabalho [...] estudantes tornam-se hábeis em 'driblar o sistema'."(Apple, 1989, p.12).

Tais movimentos revelam que os alunos, trabalhadores não são seres apáticos, mas pessoas dispostas a lutar pela sua emancipação social e política. Os estudantes criam espaços de luta para transformação da realidade vivida dentro e fora da escola.

Enguita confirma a resistência dizendo: *"As teorias da resistência são a reação contra análises deterministas, reprodutivistas [...] especialmente as que reduzem ou parecem reduzir os indivíduos a mera impotência frente a onipotência e onipresença das estruturas sociais". (Enguita, 1987, p. 4).*

Enguita (1987) diz que a instituição escolar, na compreensão daqueles que não desejam transformações mas acomodações neste local, é tratada como um *"supermercado"* no qual tudo já está produzido e somente à espera de ser adquirido.

Esta visão funcionalista, para Enguita, não é real, pois vivemos em "*uma sociedade dividida e conflitiva e não, conforme muitos afirmam, uma sociedade sem conflitos*".(Enguita, 1987, p. 4)

Para este pesquisador, na escola está presente a reprodução cultural e também não deixa de existir a produção cultural legitimada pela resistência dos grupos menos favorecidos da sociedade.

Estes grupos menos favorecidos, nos dizeres deste pesquisador, são os alunos anti - escola, portadores de uma cultura anti - acadêmica; fazem opção pelo divertimento dentro e fora da sala de aula, suas preferências opõem-se aos modelos escolares determinados socialmente e com estas ações, rejeitam uma ordem social dominante. (Enguita, 1987, p.5).

À rejeição, à resistência que estudantes manifestam, frente a situações impostas pelo sistema criam espaços de luta para transformação da realidade educacional, ainda que de forma pouco explícita. Mostram por suas ações que não estão acomodados a uma situação, mas dispostos a conquistar seu espaço no mundo em que vivem.

Neste espaço de lutas está o aluno negro muitas vezes rejeitado pelo sistema de ensino, considerado indisciplinado, fora dos padrões escolares; promovendo ações de resistência contra um sistema que não foi pensado para ele, mas para aqueles considerados seus senhores. "*[...] apesar de existir uma lei garantindo a educação das crianças negras e livres, estas foram consentidamente excluídas dos processos de escolarização.*"(Gonçalves e Silva, 2000, p. 137).

Desde o período da escravidão o governo brasileiro dificilmente apresentou preocupações com a educação escolar dos escravos e seus descendentes. Está aquisição

social que podia lhes conferir melhores condições de vida foi-lhes negada, sendo que, a situação começa a ser alterada em inícios do século XX com a organização das entidades, dos movimentos negros e de seus militantes.

Desta feita, resistir foi uma conquista do povo negro ao seu direito de humanidade. Esta humanidade tratada por Paulo Freire - portador de uma compreensão sócio cultural da educação – faz-nos sentir a opressão sofrida por aquele visto como diferente.

Freire acredita no ser humano capaz de refletir, dialogar, transformar a realidade, em que está situado. Diz que os seres humanos não são espectadores, mas atores.

"A sua transcendência está, também, para nós, na raiz da sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação". (Freire, 1992, p. 39).

Para Freire o homem vive um drama cotidiano, a luta permanente por sua humanização e por isso, é crucial sua integração em seu contexto, ou comunhão com ele. A sua integração no mundo o enraiza. Freire aponta uma das maiores tragédias para o homem moderno:

" dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, a sua capacidade de decidir. Vem sendo expulso das órbitas das decisões. Mas: as tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma elite que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida". (Freire:1992, p. 51).

Com estas palavras Freire mostra o perigo da massificação, da perda de fé e de esperança, domesticando e acomodando os seres humanos em um processo de alienação que significa a perda de sua condição de sujeito histórico, transformador da realidade, rebaixado à condição de coisa. Tal ato tem como objetivo manter a dominação das elites sobre as classes populares, mantenedoras de seus privilégios escusos.

O remédio para tal questão seria: "[...] *a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de seu tempo*". (Freire: 1992: p. 52).

A humanização depende da captação dos dilemas da época. Para o povo negro, superar sua condição de coisa é assumir seu lugar na história. Significa sair da mera condição de espectador dos fatos para protagonista da história. Aquele ou aquela não aberto à mudança, acomodado às situações, está impedido de uma existência autêntica. Fecha-se em uma *armadura* que o escraviza e o impede de *amar*.

Em sua obra, *Educação Como Prática da Liberdade*, Freire (1992) explica que a educação deve oferecer aos sujeitos envolvidos capacidades para reflexão sobre seu próprio poder de refletir e instrumentos para desenvolvimento de tal poder, demonstrando suas potencialidades e capacidades de opção, escolha.

"A radicalização, que implica no enraizamento que o homem faz na opção que fez, é positiva porque preponderantemente crítica. Porque crítica e amorosa, humilde e comunicativa. O homem radical na sua opção, não nega ao outro o direito de optar. Não pretende impor sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir aos que lhe pretendam impor o

silêncio. Dos que em nome da liberdade, matam em si e nele, a própria liberdade". (Freire, 1992, p. 58 - 59).

A ação sectária, sem vigilância, é reacionária e grande empecilho para o processo de humanização do homem. Este carece de estruturas propícias para alcançar a reflexão e a reflexão sobre a reflexão. A educação parece instrumento mais apropriado para libertar o povo dos fanatismos que enrijecem a consciência e impedem um real processo libertário.

Olhando para a história do povo brasileiro, Freire relembra que nossa sociedade possuía, no passado, status de sociedade colonial. Sofreu uma passagem do estágio de colonial por ele denominado *reflexa* para a de *sujeito em si mesma*. O processo educativo em nosso país nunca conquistou autonomia porque era um modelo *transplantado* de outros países, resultado de sua *inoperância*.

"[...] nas sociedades alienadas, condição de onde partíamos e de que saíamos, as gerações oscilam entre o otimismo ingênuo e a desesperança. Incapazes de projetos autônomos de vida buscam nos transplantes inadequados as soluções para os seus problemas de contexto. São assim utopicamente idealistas, para depois se fazerem pessimistas e desesperançosos. O fracasso de seus empréstimos, que está na inorganicidade, confunde suas elites e as conserva numa posição ingênua diante de seus problemas"(Freire, 1992, p. 60).

O trabalho de Paulo Freire traz em si um caráter essencialmente humanizante e político. Mostra que o ser humano, a partir da tomada de consciência de sua condição de *sujeito humano*, torna-se forte agente de transformação político / social do contexto em que vive. Sua pedagogia libertadora abre os caminhos para através da educação a pessoa atingir sua liberdade como ser construtor do mundo em que vive e que lhe pertence.

Ter um novo olhar sobre a educação é considerar fortemente estas palavras de Freire: *"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa"* (Freire, 1992, p.104) .

Certamente, a educação das pessoas negras deveriam estar neste padrão libertário proposto por Paulo Freire. A medida que, acontece a tomada de consciência, o processo de desmanche da discriminação e do preconceito passa a ceder espaço ao reconhecimento, à valorização da vida daquele cujo único diferencial é a cor.

O aqui exposto, para compreensão do funcionamento do sistema de ensino, claro está que se trata de enfoques teóricos diferenciados, mas complementares.

O racismo presente no ideário pedagógico escolar e docente reproduz o negro como ser inferior, marginal, inapto para o aprendizado. Ao interiorizar tais afirmativas o aluno negro sente-se excluído do espaço que lhe pertence por direito, fato ocorrido no passado e no presente.

As constantes profecias auto realizadoras, presentes nas concepções de muitos educadores, indicam que o lugar do aluno negro não está na sala de aula, mas no esporte, na música, em atividades que pouco esforço mental irão exigir. No desejo de sucesso e oportunidades acabam por acreditar que é este o único caminho para sobrevivência.

Tais idéias devem ser destituídas de valor para que a escola seja um local de movimentos, embates, encontro e superação das contradições, dos diferentes, daqueles que neste local de ensino mostram e revelam sua existência.

A beleza da resistência está na luta que é travada, superando a passividade. A dificuldade está nas pessoas envolvidas no processo de reconhecerem seus erros frente aos discriminados, e buscarem promover acertos que resgatem a dignidade destes alunos marginalizados, vítimas do preconceito, da discriminação racial / social.

Seria necessário que educadores, organizações e administrações escolares permitissem que a escola assumisse seu papel de agente transformador, criador, humanizador dos seus alunos, dos conhecimentos produzidos e transmitidos à todas as gerações, oportunizando o caminho da igualdade em meio às diferenças. .

A escola, com esta prática, desempenharia sua função de socializar, respeitar diferenças, criar espaços para construção de novos conhecimentos, novos saberes, capazes de superar toda desigualdade que rouba de seus alunos o direito de serem sujeitos de sua própria história.

Seria uma grande conquista para a humanidade, mas depende de um agente intermediário neste processo do saber, da atividade escolar. Refiro-me à pessoa do professor.

Importante discorrermos sobre o ensino, a escola, o aluno negro e, finalmente, o professor. Pretendo, a seguir, falar de sua formação acadêmica, presença na sociedade e na história; e quais as possibilidades de ser ele um aliado da causa do aluno negro.

1.4 – PROFESSORAES, UM OLHAR SOBRE SEUS ALUNOS NEGROS, A PARTIR DE SITUAÇÕES DE VIDA E FORMAÇÃO ACADÊMICA

Pensar no olhar dos professores sobre seus alunos negros exige daquele que pretende discutir tal assunto, certos cuidados ao abordar a presença deste profissional no âmbito educacional. Tentarei iniciar esta discussão mostrando como a professora tem sido situada pela sociedade, sofrendo interferências desta em sua prática. Após, tento situar fatos históricos que interferiram na formação docente e no olhar da professora sobre o aluno negro.

Nas últimas décadas muito tem se falado da formação do professor, de sua desqualificação, proletarização, assim como do descaso educacional existente em relação aos alunos, principalmente de escolas públicas. Acredito existir muitos discursos que buscam desqualificar e desmerecer o profissional docente - uma das engrenagens do sistema econômico de nosso país.

Franchi (1995, p. 34) confirma as palavras anteriores: "*A mídia contribui bastante para marcar, com seus comentários e críticas, esse processo de desvalorização. Refere-se muitas vezes à má formação dos professores, sobretudo em relação a aspectos de sua linguagem. Já se referiu ao concurso de ingresso ao magistério como uma oportunidade para os deserdados - como a busca de um sub - emprego*".

As condições desfavoráveis, nos dias atuais, em relação à profissão docente não é um acaso do destino, mas resultado de um conjunto de transformações econômicas, políticas e sociais que nosso país tem atravessado desde o início do século XX.

No início do século XX o professor possuía um perfil sócio - econômico diferenciado dos que hoje exercem esta profissão. No passado tal profissional pertencia à

classe média alta de nossa sociedade e trabalhava com alunos desta mesma classe social. Nos dias atuais esta realidade foi alterada, pois os professores pertencem a classe média baixa, a escola não é mais elitista, isto é, toda a população tem acesso ao ensino.

As mudanças do perfil docente sofrem alterações a partir dos anos sessenta, assim como um outro perfil de aluno começa a estar presente nos bancos escolares. Utilizo palavras de Franchi que confirmam o exposto: "*[...] a nossa escola do primeiro grau não é mais a escola do passado: aquela era estritamente seletiva e preparava os alunos das classes dominantes para o ingresso nos graus superiores do ensino[...] a escola de hoje, abriu-se ao ingresso de alunos das periferias sociais para se tornar uma "escola para todos"*". (Franchi, 1995, p. 32).

Esta escola para todos infelizmente não estava e não está preparada para atender a demanda sócio econômica de alunos provenientes de diferentes camadas sociais. A escola pública ao democratizar-se fez vir à luz uma séria crise ao sistema educacional. Habituada a trabalhar com a elite de nossa sociedade não conseguia e não consegue viver a diversidade no interior das salas de aulas, isto é, pobres e ricos, negros e brancos, todos compartilhando um mesmo espaço.

Esta crise tem seu ponto nevrálgico no perfil da clientela que começa a fazer parte do sistema educacional brasileiro. Esta clientela tanto é representada pelos alunos como também pelos professores. O perfil do professor sofreu alterações nas décadas consideradas de transição para educação brasileira, no caso, os anos de 1970, 1980. Assim:

"Hoje se os alunos provêm de diferentes classes sociais, com suporte econômico extremamente diferenciado, os professores, também, vêm sendo transformados gradualmente. Sabe-se como grande parte deles, sobretudo os da 1ª série do 1º grau e os que trabalham

nas escolas rurais e de periferia, provém, como os alunos, de classes menos favorecidas, na medida em que o professorado vem sendo submetido a um crescente empobrecimento, obrigado a lutar pela defesa de reivindicações materiais e pedagógicas". (Franchi, 1995, p. 34).

A grave crise educacional que acometeu o país após os anos sessenta causou prejuízos tanto aos educadores como aos educandos. O descompasso educacional impôs perdas àqueles formados nestas décadas de setenta, oitenta. Sofreram uma grave redução cultural dos conhecimentos e saberes transmitidos pela escola.

As idas e vindas das diversas políticas educacionais causaram prejuízos à formação de alunos e para o trabalho docente que ficaram reduzidos ao mínimo que se julgava necessário para formar cidadãos que garantiriam o progresso da nação.

Por tal razão, quando pensamos em realizar um estudo sobre a relação dos professores com seus alunos devemos em primeiro lugar considerar que a formação do professor não tem início no ambiente escolar. Inicia-se desde o momento de seu nascimento e desenvolve-se ao longo de sua vida. Sofre as interferências econômicas, sociais, culturais do meio em que vive. É moldada pelas ideologias dominantes que, não refletidas, passam a ser verdades de vida. Tais fatores estão e estarão presentes na sua prática pedagógica desenvolvida em sala de aula.

" Cada professor tem uma história pessoal, uma formação variada, aspirações e necessidades pessoais e modos próprios de agir. Tais elementos, juntamente com as condições ambientais, vão construir um quadro de referência que orienta as ações do professor em direção ao aluno e aos objetivos pretendidos. Também tem o aluno uma história pessoal que, diante de contexto situacional e educativo, constitui um quadro de referência que orienta as reações em relação aos professores".(Franchi, 1995, p. 41).

Possível notar que tanto professor como aluno trazem suas histórias de vida de forma particular. Esta individualidade pode gerar conflitos no interior da sala de aula, pois nem todos possuímos contextos de vidas iguais, tão pouco, partilhamos das mesmas idéias e dos mesmos ideais.

Os conflitos mostram que ninguém é portador da verdade. Cada um possui suas experiências de vida e com elas constrói seus referenciais. O professor com seus referenciais irá construir sua prática, devendo respeitar igualmente os referenciais de vida de seus alunos. Supera assim a homogeneidade, sendo capaz de junto com seus aprendizes abrir caminhos para o desenvolvimento de conhecimentos, aquisição de novas aprendizagens não desvinculadas do contexto de vida dele, professor, e de seus alunos. A medida em que o professor respeita seu aprendiz será com certeza por ele respeitado.

Não seria interessante dizer que professor e aluno são vítimas da sociedade, mas não encontro outra forma de expressar a posição que os mesmos ocupam no âmbito educativo. Notamos que o professor é muitas vezes adestrado para desempenhar papéis, utilizar máscaras que escondem seu real compromisso com aquele que é seu educando.

Por outro lado está o aluno esperando receber daquele que é seu mestre os conhecimentos necessários para conquistar espaços no meio em que vive, não sabendo que muitas vezes existe um arcabouço formado, organizado, negando a ele o direito de aprender, conhecer, desvelar saberes que lhe garantirão o direito de ser pessoa ativa na sociedade e não simples receptor de informações.

Diante do exposto volto meu olhar para o aluno negro e sobre a sua presença na sala de aula. Notório que o contexto de vida do aluno negro, em virtude da própria

situação histórica que o envolve, poucas oportunidades lhe oferece de conquistar espaços na educação formal.

Faço tal referência com base em dados estatísticos já apresentados neste trabalho que mostram a ausência de negros e pardos no meio educacional. Tal fato não é mera fatalidade, mas fruto de um conjunto de idéias criadas com a pretensão de invisibilizar o negro na sociedade brasileira.

Os trabalhos de intelectuais brasileiros como Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, muito influenciaram a mentalidade de nossos professores nos cursos de formação em inícios da década de vinte.

Ribeiro & Cardoso (1997, p. 42), assim expõem esta situação:

"Silvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha, entre outros, são apontados como alguns dos intelectuais brasileiros que absorveram e reelaboraram, no interior das instituições de ensino, como as Faculdades de Medicina e Direito, os Institutos Politécnicos e Museus Etnográficos, as teorias raciais de Lapouge, Gobineau e Lombroso. A partir desses intelectuais, o racismo passa a ser a forma pela qual serão apreendidas e explicadas as contradições da sociedade brasileira".
(Ribeiro & Cardoso, 1997, p. 42).

Chiavenatto (1999, p. 79) faz a mesma observação em relação aos intelectuais brasileiros que influenciaram nossos educadores. Diz que: *"Intelectuais brasileiros não percebiam que as idéias consagradas do racismo estavam sendo substituídas pelo conhecimento científico e continuavam aceitando preconceitos que historiadores ultrapassados teimavam em repetir".*

Homens como Joaquim Nabuco, Érico Veríssimo, Oliveira Viana entre outros, viam a ideologia do branqueamento como um mal menor, e esta ideologia avança

pelo século XX enaltecida por estudiosos do "problema do negro" e por pessoas consideradas abolicionistas. (Chiavenatto, 1999, p. 79).

O constado por Chiavenatto (1999) revela como o racismo presente na sociedade brasileira inculcou nas mentes de pessoas e educadores, em especial, uma falsa idéia de cordialidade racial e miscigenação. Diz o referido pesquisador que "*descuidado de uma crítica mais profunda, sem a intenção de mascarar o racismo, Sérgio Buarque de Holanda incidiu no vício de inúmeros intelectuais: aceitou a aparência como algo real*". Ao fazer esta citação Chiavenatto (1999) diz que até os mais lúcidos caem nas armadilhas do racismo.

Compreendo que muitas obras, fruto das mãos de grandes intelectuais, influenciaram fortemente o pensamento pedagógico brasileiro com idéias racistas, que sob a aparência de suavidade e respeito à pessoa do negro, traziam grande dose de preconceito e discriminação racial.

Utilizo novamente palavras de Chiavenatto (1999) mostrando a grande influência que *Casa Grande e Senzala* provocou em muitos educadores, uma vez que, esta era uma das leituras recomendadas a futuros professores: "*Casa Grande e Senzala influenciou gerações de professores e intelectuais, que transmitiram seus preconceitos, ajudando a ofuscar as mazelas do racismo e provocando distorções históricas que dificultam a interpretação de nossa evolução política e econômica*". (Chiavenatto, 1999, p. 85).

Diante das ideologias criadas e impostas pela sociedade, educadores, formadores de futuros cidadãos, lançariam sobre o aluno negro um olhar não condizente com a realidade vivida por ele na sociedade brasileira.

"[...] o ensino é um processo de influência interpessoal, um diálogo intersubjetivo que implica contatos recíprocos entre professor e alunos, a adoção de normas e adesão a objetivos, a questão que se coloca é aquela de saber como o professor atuará nesse meio para que isso ocorra naturalmente, com aquiescência e compreensão por parte dos alunos, a fim de que a relação pedagógica se estabeleça plena e eficazmente". (Franchi, 1995, p. 42).

Possível compreender a dificuldade que os mestres têm encontrado na relação com seus alunos negros, em virtude do preconceito e da discriminação racial presentes em nossa sociedade e legitimado pela escola através de seus currículos, práticas pedagógicas, objetivos que impedem a transformação desta dura realidade vivida pelo negro no âmbito social.

"[...] a transformação da relação pedagógica passa não somente pelas relações de forças sociais que reproduzem a sociedade, como exemplo a ilegitimidade do currículo oculto, mas também pelos fundamentos da legitimidade sobre o que torna qualquer ordem aceitável" (Franchi, 1995, p. 42).

A superação de tal problemática não é de fácil solução, uma vez que os professores esperam muitas vezes que problemas sejam resolvidos sem grandes esforços. A questão da heterogeneidade presente em sala de aula causa sérias apreensões pois implica posicionar-se contra idéias dominantes, fortalecidas por crenças.

As crenças dos professores podem ser consideradas como concepções prévias que os mesmos possuem sobre seus alunos, impondo barreiras para mudanças e aquisição de novas informações.

Não é incomum professores conceberem alguns de seus alunos e suas características mais como um problema do que uma fonte de recursos (Zeichner: 1992,

apud Reali: 2000, p.3). Falta ao professor em diversas situações os requisitos necessários para conviver com e aceitar a diversidade presente em sua sala de aula.

O olhar que muitas vezes o professor lança sobre seus discentes, em especial negros, é fruto de um contexto de vida pessoal e social, de suas crenças, experiências, modos de conviver e entender as diferentes nuances presentes no mundo. O desconhecimento das diferentes culturas, particularidades dos povos dificultará este olhar.

A representação do professor em relação ao aluno será fruto das diversas situações vividas no mundo, das idéias formuladas, transmitidas e legitimadas sobre aqueles com os quais convive. O olhar, a representação nunca serão algo neutro, mas fruto da relação estabelecida do homem com seu meio.

Após esta discussão pretendo ter exposto a posição de professores em relação a seus alunos, em especial negros, a partir de um processo social historicamente construído do qual o professor e o aluno negro são grandes protagonistas.

Adiante, a partir de minhas experiências como aluna e docente, contextualizo situações presenciadas e vividas que deram origem à questão norteadora desta pesquisa.

1.5 - SITUANDO A QUESTÃO DE PESQUISA

Esta problemática de pesquisa à insatisfação que sentia como profissional docente, diante dos rumos que nosso sistema educacional assumia frente às questões étnicas, principalmente em relação ao aluno negro, em sala de aula.

Foram muitos os momentos em que me deparei com a desvalorização e neutralização deste aluno, tanto por professores (as), como pelo próprio aparato escolar no

seu todo. Observava existir pouco ou nenhum conhecimento sobre os negros na sociedade brasileira.

Não ocorrendo a valorização e o reconhecimento do aluno negro pelas instituições educacionais, a escola legitima as mazelas a que a sociedade freqüentemente expôs e expõe a raça negra, ao longo de nossa história.

Este meu contato com a realidade do povo negro teve início com trabalhos de pesquisa que realizei durante o curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos¹¹.

Os estudos universitários e meu trabalho como professora substituta na rede estadual de ensino, Fundamental e Médio, ajudaram-me a descobrir o preconceito racial existente no ambiente social e escolar.

Tive oportunidade de descobrir que o preconceito e a discriminação racial estão presentes nas escolas de forma velada ou explícita, sendo generalizada sua atuação nos meios sociais com fortes reflexos no cotidiano escolar.

Observei, nas escolas em que trabalhei, que os alunos negros são minoria no período diurno (manhã e tarde). O negro, em sua maioria, concentra-se no período noturno, horário destinado aos cursos Supletivos e as Tele - salas.¹²

Rosemberg (1988, p. 44) em pesquisa realizada no ano de 1988¹³, concluiu em dados percentuais que o grande número de alunos negros concentra-se no curso

¹¹ Participei, como bolsista do CNPq, de trabalho de pesquisa intitulado "Pensamentos em Educação - estudos comparados entre África e Brasil"- orientado pela professora Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Busquei neste trabalho identificar quais os entendimentos de educação existentes, no pensamento de pessoas oriundas de diferentes países do continente africano, comparando-as a conceitos existentes no Brasil, buscando com tal compreensão colaborar com a formação de professores para um diálogo entre culturas.

¹² Encontrei oportunidade de dar aulas tanto no supletivo como na tele - sala. Senti que o ensino era defasado. Os alunos pouco aprendiam em virtude do cansaço e das aulas que pouco lhes oferecia de conteúdo.

noturno. *"Se os alunos negros constituem 33,3% dos alunos freqüentando um curso regular de primeiro grau, no noturno eles representam 40,3% do alunado"*.

Tal situação, segundo esta autora, independe da escola; relaciona-se às dificuldades de vida da população negra que se vê obrigada, por sua condição econômica, a freqüentar este período.

Tive oportunidade de presenciar professores convidando alunos negros a freqüentarem o Curso Supletivo, na ótica destes professores única forma de conseguirem o almejado diploma - condição básica para muitos manterem-se no emprego.

Esta fala transmite formas de representar o negro, existentes na mente de determinados professores, que desconsideram a capacidade intelectual destes alunos.

Diante desta problemática inicial e verificando dados estatísticos da população brasileira, quanto a sua cor, encontro nos estudos de Henriques (2001) ao IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em acordo com o PNAD¹⁴ que de cerca de 160 milhões de indivíduos que compõem a população brasileira, 54% se declaravam brancos, 39,9% pardos, 5,4% pretos, 4,6% amarelos e 0,16% índios.

Este pesquisador observa que ocorreu uma recomposição racial da população brasileira. Este fato deve-se ao entrecruzamento de raças e à alternativa da cor parda, que passou a fazer parte das estatísticas oficiais a partir de 1992, sendo que muitos negros preferem considerar-se pardos e não negros.

¹³ Até o momento, não encontrei dados atualizados sobre a presença dos (as) negros (as) nos cursos noturnos. Os dados de Fúlvia Rosemberg, foram os mais recentes.

¹⁴ PNAD = Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio.

Com estes dados é possível verificarmos o grande contingente de negros em nosso país. Não é explicável a ausência destes das escolas públicas e particulares. Pergunto: Por que os alunos negros ou pardos estão, na sua maioria, fora da escola?

O Artigo 4º de nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz: "A educação é dever da família e inspirada nos princípios de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Penso: Quais garantias possui o educando negro de realmente poder exercer sua cidadania angariando oportunidades para exercer trabalho digno e ter sua vaga garantida em nossas escolas?

O preconceito racial está refletido na desigualdade social que afasta, exclui as pessoas negras do sistema educacional, já que como vimos anteriormente, a educação brasileira foi pensada para as "elites". Pergunto-me: Os alunos negros que chegam às nossas escolas recebendo, na maioria das vezes, um ensino de má qualidade, sem oportunidades de ascenderem socialmente, como conseguirão meios ou recursos de serem socialmente aceitos?

Nas escolas em que trabalhei era rotineiro ouvir-se a classificação de alunos negros como macumbeiros, feiticeiros, formas pejorativas de referir-se a uma tradição cultural africana, sendo que os acusadores pouco ou nenhum conhecimento possuíam daquilo que acusavam, mas que representavam como algo negativo, destrutivo.

Não poucas vezes me deparei com alunos negros negando seus caracteres afros. Alisavam seus cabelos, mudavam-lhes a cor, assumiam um padrão de beleza próprio dos povos brancos, negando sua negritude, sua identidade.

Os professores incentivavam tais atitudes, afirmando que nisto não havia nenhum mal, pois temos direito de mudar e sermos "mais bonitos". Percebia que a imagem da pessoa negra, solidificada na mente destes professores, era extremamente negativa, suas representações sobre questões raciais possuíam forte dose de preconceito.

Tais fatos deixam claro que nossa sociedade possui padrões de beleza, inteligência, bondade e verdade dominantes que modelam consciências, sentimentos, formas de pensar e agir que estão refletidas nas representações proliferantes no ambiente escolar, fruto do eurocentrismo.

As professoras¹⁵, em geral, continuam escolhendo para representar histórias infantis a aluna branca para ser a Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Gata Borralheira; não presenciei ainda alunas negras sendo convidadas para representar tais papéis.

Presenciei professoras, durante meu trabalho nas escolas, que aconselhavam seus alunos negros a desistirem dos estudos, pois os mesmos eram "burros" e por essa razão, alcançariam maior sucesso como pagodeiros, jogadores de futebol, profissões que, na ótica de tais professoras, pouco empenho intelectual iria exigir deles, além de propiciar uma possibilidade de ascensão social.¹⁶

Ouvi de um aluno negro as seguintes palavras: "Professora sou preto. Não dou mesmo para os estudos. Preciso ser jogador de futebol, quem sabe eu consigo ficar

¹⁵ Faço referência a professoras, pois, não há homens atuando nas séries iniciais, 1ª a 4ª série, do Ensino Fundamental, local em que ocorreu o problema mencionado.

¹⁶ Gonçalves, Luís A. O. A Discriminação Racial na Escola. In. Educação e Discriminação dos Negros. Ministério da Educação. Belo Horizonte. Mazza Edições. 1988. P. 59.

rico". Esta idéia percebia estar introjetada em sua mente. Uma professora branca reclama de seu aluno negro dizendo: "ele é fraquinho, não vai ser alfabetizado"¹⁷.

São manifestações que assinalam representações presentes e reproduzidas no pensamento e ações de nossas professoras, proliferantes na mente dos alunos e das pessoas negras e na própria sociedade, tais fatos têm origem no período colonial.

Em um curso oferecido pela Diretoria de Ensino de São Carlos, do qual participei, cujo tema era "Direitos Humanos: Combate ao Racismo", no ano de 2000, direcionado a professores (as) da rede municipal e estadual de ensino, descobri que a cultura e a história da raça negra, suas contribuições para a formação do povo brasileiro, são desconhecidas por parte dos professores: estão diluídas no imenso universo cultural europeu.¹⁸

Pesquisas realizadas por Oliveira R (2001), Oliveira R (1992), Silva A (1988), Silva P. (1997), Lopes, A. (1995) entre outras, revelam o desconhecimento, por parte dos professores (as), da História do Negro, da História da África. Este assunto não faz parte dos currículos escolares¹⁹. Tal fato provoca seria defasagem nos conhecimentos do professor. Questiono: Será possível modificar uma realidade cruel e opressora em relação ao ser negro no interior de nossas escolas, se questões étnicas não são discutidas? Com pensar a formação docente?

¹⁷ Esta afirmativa pode não só ocorrer com os negros. Brancos podem, também, ser considerados como inaptos para aprendizagem. A questão está em que a grande maioria dos considerados inaptos são negros, que por sua vez, são minoria na escola.

¹⁸ Tal afirmativa pauta-se em curso oferecido pelo NEAB/UFSCar, no ano de 1998, a professores da rede estadual/municipal de ensino. O tema do curso era "Direitos Humanos: Combate ao racismo", sendo que muitos professores confirmaram a falta de conhecimento sobre a cultura africana, considerando importante tais conhecimentos para, assim, melhor colaborarem com o pleno desenvolvimento de seus alunos (as) negros (as).

Muitos docentes legitimam às vezes inconscientemente o preconceito, a discriminação, a própria democracia racial dizendo que na escola não existe racismo.

Deparei-me com esta problemática durante meu estágio, nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente uma segunda série do antigo Ciclo Básico, em uma escola pública da cidade de São Carlos. Cursava, na época o sexto período do curso de Pedagogia.

Deveria realizar uma observação em sala de aula, dando especial atenção para a relação professor e aluno no processo ensino e aprendizagem. Tal não foi minha surpresa quando, logo no primeiro dia de estágio, fui "intimada" a dar aulas de recuperação, a três meninas negras e um menino negro.

Estes alunos estavam excluídos do processo de ensino formal, isolados dos demais alunos brancos; limitavam-se à realização de atividades que pouca relação tinham com o que a professora ensinava em sua sala.

Durante a aula manuseavam brinquedos e seus olhares sempre estavam perdidos ao longe, talvez buscando algum significado para estarem naquele local, sentados naquelas carteiras. A professora pouca ou nenhuma atenção dispensava a elas. A presença destas crianças na sala parecia incomodar.

Senti despertar em meu interior a tristeza pela situação destas crianças. Estavam totalmente desacreditadas em suas capacidades e habilidades para o aprendizado formal de ensino. A alfabetização seria algo desconsiderado de seus destinos.

¹⁹ Esta realidade, pela lei, parece estar sendo transformada. Neste ano de 2002, foi sancionada lei que exige estudos africanos nas escolas, ou melhor, no currículo escolar.

Severamente desvalorizados em sua condição de estudantes, vagavam em seus pensamentos por todo tempo em que estavam na escola. O fracasso escolar era fato iminente em suas vidas. A professora afirmava a exclusão e dizia que para eles nenhuma solução poderia existir; eram alunos fracassados, com os quais não perderia seu tempo.

Desenvolvendo meu trabalho com estas crianças, por período de mais ou menos quatro meses, verifiquei ser verdadeira a hipótese de que toda criança é apta ao aprendizado. Possuíam grande potencial criativo para o desenho, representações de histórias, sendo que a atividade que mais lhes despertava interesse era o teatro. Utilizando os recursos metodológicos que o curso de Pedagogia oferece, fui descobrindo que aquelas crianças estavam superando suas deficiências da alfabetização.

A contradição ocorre neste momento. A professora, verificando a evolução dos alunos, confiou-me o acompanhamento de um garoto loiro de olhos azuis que, segundo ela, portava algumas dificuldades de aprendizagem. Avaliando o aluno verifiquei que sua problemática superava as dos quatro primeiros.

Neste momento é desvelada a presença do preconceito, não reconhecido pela professora, mas presente nas representações que ela possuía em relação a seus alunos negros, determinando de forma opressora o destino destas crianças.

Escolas da cidade de São Carlos, locais em que trabalhei, legitimam da mesma forma citada acima, situações de preconceito e desigualdade social e racial em sala de aula. A escola deixa de exercer uma de suas principais funções: socializar seus alunos, respeitando às diferenças. Sinto dizer que estes objetivos educacionais, de igualdade, cidadania, criticidade, entre outros, são letra morta, pois somente estão presentes no papel; na realidade pouco são concretizados.

Lopes V. (2001, p. 183) destacando alguns pontos da nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9394/96, revela que, se eles fossem cumpridos, existiria uma transformação da atual realidade educacional:

- caracterizar o processo de desenvolvimento do indivíduo, dinâmico, em permanente transformação e atualização, identificando, portanto, um modelo educacional não fechado, receptivo às mudanças que ocorrem na sociedade e que, conseqüentemente, se refletem e interferem na escola;
- propor o conhecimento como processos de aproximações e produtos de construções sucessivas, a partir da realidade, como resultado do diálogo estabelecido entre os sujeitos em razão da aprendizagem e ampliação dos saberes. O tempo escolar é apenas considerado um dos segmentos para futuros saberes;
- colocar o professor não como reproduzidor do conhecimento, mas como agilizador da produção de conhecimento em parceria com seus alunos e a comunidade;
- entender e colocar o aluno como centro do processo educativo, transformando-o em sujeito do conhecimento construído e produzido, aquele que detém saberes e não somente aprende o que o professor ensina.

Logo após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no ano de 1996, seguem-se, no ano de 1997, os Parâmetros Curriculares Nacionais, adotados pelo Ministério da Educação e Cultura que segundo fala do então Ministro da Educação Paulo Renato de Souza, foram preparados para orientar os professores das redes estaduais e municipais na montagem de currículos adequados às peculiaridades regionais e culturais do Brasil.

Os temas transversais apresentados pelos parâmetros curriculares objetivavam formar o aluno para o exercício da cidadania e respeito às diferentes culturas que compõem nosso país. O aluno encontraria oportunidade de posicionar-se de modo crítico e construtivo, conhecendo características sociais e materiais de seu país; valorizando a vida e combatendo toda forma de discriminação racial, religiosa, cultural.

Cavalleiro (2002, p. 10) vê nos Parâmetros Curriculares Nacionais um grande avanço para mudanças sociais em nosso país, todavia afirma que não há práticas das políticas públicas que trabalhem cuidadosamente o processo de exclusão social. Nesta perspectiva as formas de organização educacional em nosso país, embora tencionem, não resolvem problemas como: racismo, preconceito racial, discriminação, fortes realidades que emudecem pessoas em nosso meio.

Falsas crenças, opiniões e idéias apreendidas por nossos professores não serão facilmente transformadas somente com a regulamentação de leis. É preciso existir boa vontade, conscientização, desejo de transformar e reconhecer nas pessoas negras sujeitos, cidadãos com direitos iguais às pessoas brancas.²⁰

Lopes V. (2001, p. 188), esclarece que é preciso insistir sempre que a sociedade brasileira é discriminadora em relação à sua população negra. Em decorrência, o modelo de educação não tem sido inclusivo, ainda quando permita a entrada de todos na escola. A instituição escolar precisa desenvolver programas que reconhecendo as diferenças e respeitando-as, promovam a igualdade de oportunidades para todos.

²⁰ Não menosprezo às leis. Reconheço o valor que possuem as mesmas. Porém acredito que somente "leis" não transformam a realidade social e racial da sociedade brasileira.

O professor, muitas vezes, com pouco conhecimento da cultura de seus alunos, diante de diversas situações não consegue identificar se suas posições são paternalistas ou racistas, surgindo certo conflito na tomada de decisões que resultam na negação da identidade do aluno negro.

Berger e Luckman (1987) explicam que a identidade social surge da interação entre pessoas e grupos, determinando quem é o indivíduo, criando uma identidade determinada e cristalizada pela estrutura social, exposta à transitoriedade da realidade, em freqüentes mudanças, que provocam severas transformações na consciência do sujeito.

Pergunto-me: Quais contextos sociais e escolares têm permitido ao negro assumir sua verdadeira identidade? Está o povo negro adquirindo condições de libertar-se do aprisionamento ideológico a que foi e é submetido na sociedade ?

A superação das mazelas causadas pelo sistema escolar pode estar em grande medida, nas mãos do professor que olhando para seus alunos de diferentes raças, reconheça e valorize modos de ser, agir, pensar e conviver próprios daqueles considerados diferentes pela sociedade.

Professores e professoras que ao longo de suas vidas, de sua formação profissional, interiorizam imagens e opiniões negativas em relação à pessoa negra, com certeza terão grande dificuldade de criar uma representação positiva de seus alunos negros, não dando a eles oportunidades iguais de aprender, produzindo uma injusta realidade educativa.

Moscovici (1978, p. 59) diz que : "*As representações individuais ou sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser*". Segundo ele: "[...] *as práticas educativas modelam a estrutura da personalidade dos membros de uma cultura*

definida. Sintomatologia proliferante que uma sociedade reclama e renova desvairadamente. Um modelo que assimilado, ensinado, comunicado, repartido, dá forma a nossa realidade". (Moscovici: 1978, p. 18).

A autoridade pedagógica desponta como aquela que faz valer a verdade, reproduz no interior das escolas as relações criadas pela sociedade, homogeneiza seus alunos em nome da cultura dominante. Isto traz conseqüências seríssimas para os alunos negros, em razão da história que trazem consigo.

Charlot (1976) diz que a escola reforça a ideologia dominante dispensando uma educação que se diz humanista, puramente cultural e independente das realidades sociais. Posso entender que o ambiente educacional brasileiro utiliza uma máscara que legitima a condição de sujeitos privilegiados e desprivilegiados.

Os professores são portadores de conceitos de igualdade social e racial que na prática pouco se efetivam, pois discriminam seus alunos com piadas, entre outras atitudes, que desqualificam o aluno negro.²¹ Assim:

"Os meios institucionais da sociedade propagam a idéia de igualdade entre os homens, mas admitem as condições reais de desigualdade em que eles vivem. Este discurso ideológico da igualdade contém uma visão do mundo pretensamente justa e neutra em relação a todos os grupos que compõem a sociedade" (Lopes, 1995,p. 66)

A desigualdade é confirmada a partir dos preconceitos velados ou explícitos que professores nutrem em relação a seus alunos negros. Ao utilizar o termo igualdade tenta-se ocultar as graves injustiças do sistema educativo. Esta visão de aparente

neutralidade, utilizada pelo sistema de ensino, citada por Ademil Lopes, parece existir de longa data.

Tendo, como pesquisadora, ao iniciar a exploração de campo para esta pesquisa, realizado uma entrevista exploratória com uma professora, que atuou na década de 1930, na escola existente na Instituição Negra Flor de Maio, tentei, junto a ela, entender o desenvolvimento de sua prática educativa.

A professora manifestava algumas posições e alguns entendimentos não diferenciados dos apresentados nesta problemática. Era nítida a desigualdade existente entre alunos negros e brancos naquela época. Expressava em sua fala o preconceito e a discriminação racial, não de forma consciente no sentido de entender o significado de tal ato, mas de forma presente em seu trabalho educativo.

Ficou pontuada nesta conversa a existência do racismo. A professora explicitava em sua fala que os alunos negros eram um problema. Qualquer confusão tinha participação de um aluno negro que para aprender necessitava sempre da ajuda de um colega.

Este fato em par com as diversas situações que envolvem o aluno negro na instituição escolar, já citados anteriormente, levou-me a pensar se haveria uma continuidade, ao longo dos anos, da representação negativa do aluno negro pelos professores na cidade de São Carlos.

Tal fato sugeriu-me a busca de compreensão da representação que professores, atuantes em diferentes décadas, de 1940 a 1990, formulam ou formulavam

²¹ Tive oportunidade de ouvir em sala de professores a seguinte "piada": "O que significa um preto, dentro de um fiat na frente do Bradesco"? - Resposta: "Nada. Porque preto não é gente, fiat não é carro e Bradesco não

sobre este aluno. Considerei, a partir da fala desta professora que iniciou sua atividade docente no ano de 1938, que as ideologias racistas criaram cor e forma e perduraram na sociedade brasileira com o passar dos tempos.

Questiono no sentido de saber que representações professores (as) formulam ou formularam, a respeito das pessoas negras. Minhas indagações, creio, encontram uma síntese na questão que orienta esta pesquisa:

- *Que representações a respeito das pessoas negras, particularmente de seus alunos(as), professores(as) da cidade de São Carlos, que exerceram sua função, em diferentes décadas, no decorrer do século XX, formulam?*

CAPITULO II

AS REFERENCIAS TEÓRICAS

2.1 - ENCONTRO DOS PRINCIPAIS CONCEITOS

As referências teóricas, suporte para esta pesquisa, focalizam-se na complexidade do preconceito racial presente em nosso meio social, assim como as representações edificadas a partir dele e seus efeitos na prática docente.

Preconceito racial são idéias que geram posturas e ações que desencadeiam sofrimento, marginalização, desconhecimento, e apesar de tudo, é tratado pela sociedade como algo cotidiano. (Heller, 1970, p.59)

Busco, nesta pesquisa saber se concepções de educadores sobre o racismo e suas conseqüências mantêm--se inalteradas com o tempo, se o professor, durante sua vida e formação acadêmica, adquiriu consciência das responsabilidades que possui sobre a vida de seus alunos.

Os conceitos de preconceitos e discriminações raciais e suas conseqüentes representações sociais são importantes e fundamentais para este estudo.

Considero que representações sociais formuladas sobre raça, calcadas em profundos preconceitos, limitam as tomadas de decisões a favor daqueles que são injustiçados, menosprezados e desqualificados em seu direito de ser e de viver.

Criam-se nas mentes um mundo não existente, no qual se justificam práticas desonrosas e ilegais, que rompem com a dignidade humana, por muitos entendidas como vontade divina ou mero fatalismo.

Tais idéias reforçam a realidade cruel e desumana, sofrida pelo povo negro, desconhecido em sua história, cultura e potencialidades. Sua existência menosprezada passa a ser explicada por "criações ideológicas".

Assim sendo, encontro necessidade de precisar o conceito de ideologia que adoto neste estudo.

2.2 - O CONCEITO DE IDEOLOGIA

Para trabalhar o conceito de ideologia utilizo uma das definições de Chauí (1980, p. 117): *"ideologia é um mascaramento da realidade social que permite a legitimação da exploração e da dominação. Por intermédio dela, tomamos o falso por verdadeiro, o injusto por justo"*. Esta autora amplia este conceito dizendo:

"um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como sentir, o que devem fazer e como devem fazer." (Chauí:1980, p. 113)

Chauí (1980, p. 113) vê ideologia como *"um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais."*

A função da ideologia, continua Chauí (1980, p. 114), é apagar as diferenças de classe, entre outras, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento de identidade social, encontrando certos identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação ou o Estado.

A ideologia não mostra todos os aspectos da realidade; eles são recortados e simplificados para facilmente serem aceitos, apreendidos e vividos por aqueles que dela se apropriam e assim fazem prevalecer os seus interesses próprios, em detrimento dos que abrangem toda a sociedade. (Chauí, 1980, p. 118).

Idéias são fabricadas. A História aprendida e ensinada nas escolas, ao longo dos tempos, é fruto destas idéias que pretendem manter os interesses sociais dominantes. Assim:

"[...] a ideologia não tem história, mas fabrica histórias imaginárias que nada mais são do que uma forma de legitimar a dominação da classe dominante, compreendemos porque a história ideológica, aquela que aprendemos na escola, seja sempre uma história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos. Não possuímos a história dos escravos, nem a dos servos, nem a dos trabalhadores vencidos - não só suas ações não são registradas pelo historiador, mas os dominantes não permitem também que restem vestígios dessa história. Por isso os dominados aparecem nos textos dos historiadores sempre a partir do modo como eram vistos e compreendidos pelos próprios vencedores".(Chauí: 1980, p. 122).

Desta forma, os grupos que, para garantir o domínio de outros, os marginalizavam e marginalizam são sempre apresentados como o único sujeito da história, uma vez que eliminam fisicamente os demais ou eliminam seus feitos, fazendo com que sejam lembradas somente suas ações, destacadas como vencedoras.

Exemplo disto é a abolição da escravatura no Brasil, atribuída unicamente à assinatura da Lei Áurea, pela Princesa Isabel. As lutas dos escravos estão sem registro na historiografia e tudo que delas sabemos são registros deixados pelos senhores brancos.

Nestes registros não há direito à memória para o negro, como também não há para o índio, para os camponeses e os operários.

No entanto, o saber histórico não nos dirá, pois não consta de tais registros, que esses "grandes" conquistaram sua grandeza dominando e explorando estes²² "pequenos". A idéia de que estes são pequenos é um produto da ideologia dominante. Infelizmente, os "pequenos" interiorizam, muitas vezes, a idéia de que não são sujeitos históricos, mas apenas seus pacientes.

A ideologia somente se concretiza na relação social. As ideologias são criadas quando são determinadas as ações, formas de ser e agir como tolerantes ou intolerantes.²³

Héritier (1999, p. 84) diz que a intolerância gera formas evidentes de exclusão ou aniquilação de grupos inteiros. Trata-se de uma vontade de assegurar a coesão daquilo que é pertencente a seu grupo, idêntico a ele, destruindo tudo o que se opõe a sua preeminência absoluta.

Héritier (1999: p.84) assim nos fala da intolerância ideológica relativamente ao racismo:

" Uma noção profunda do racismo e da intolerância que integra a pureza do sangue, consiste na convicção íntima de que os Outros não pensam, não sentem e não reagem como Nós, essência da humanidade e da civilização (qualquer que seja este Nós), pensamos, sentimos e reagimos. Isto vai desde a crença na insensibilidade à dor física dos africanos, até a crença

²² Pequenos nesta citação referem-se aos negros, índios, camponeses e operários. Os dominados da sociedade capitalista.

²³ Héritier, Françoise. *O eu, o outro e a tolerância*. In. Uma ética para quantos?, Jean Pierre Changeux (org.). 1999, p. 82, trabalha a questão da tolerância e intolerância existentes entre os diferentes grupos étnicos e sociais.

em uma forma de insensibilidade moral ao destino daqueles que nos são ou não afetos".

Trata-se aqui, no fundo, de uma necessidade de negar o outro como verdadeiramente ser humano, para poder excluí-lo, fazer-lhe mal, destruí-lo, ou seja, tentar impedir sua sobrevivência sem se sentir culpado por isso, já que seria legítimo.

Na ideologia nazista os judeus foram considerados animais, gado. Na ideologia colonialista, de meados do século XV, e posteriores, o negro era uma "peça", uma "coisa", mercadoria a ser negociada a bel prazer daquele que o dominava. Está idéia de não ver o outro como humano pode significar não necessariamente eliminá-lo, mas desumanizá-lo, ideologicamente. (Héritier, 1999, p.85).

Entretanto, a humanização muitas vezes negada, torna-se afirmada na própria negação. Diz Freire (1988: p.30): "*Vocação negada na injustiça, na exploração, na opressão, na violência dos opressores, mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada*".

A humanização é uma vocação histórica, mas a desumanização não o é (Freire, 1988, p.29). Se tal ocorresse nada mais teríamos a fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero.

Assim sendo, a luta pela humanização, pela afirmação dos homens e das mulheres, possui imensos significados para superação do preconceito, discriminação racial a que são expostos os povos não brancos em nossa sociedade, cuja situação de vida e sobrevivência resultam de uma ordem injusta que gera a violência, baixa auto estima e muito sofrimento.

A crueldade disto está no fato das pessoas exercerem a opressão e a dominação com tanta naturalidade, que não chegam a sentir o mal que praticam. Nesta condição estão professores, que praticam atos de discriminação contra seus alunos negros - dentre outros tipos como "diferentes" - e não reconhecem, por exemplo, sua prática como preconceituosa, aniquiladora daqueles vistos como "diferentes".

A sutileza do preconceito, fruto da ideologia opressora, faz que muitas "mentes esclarecidas" não compreendam e não vejam o mal causado por seus atos preconceituosos no espaço em que vivem. Cabe, pois, aos oprimidos, buscar "recuperar sua humanidade", tornando-se, assim, restauradores da humanidade também daqueles que os oprimem. (Freire, 1988, p.30).

Até aqui, buscamos precisar o significado das ideologias que nascem e sustentam relações sociais e também, como vimos, ainda que brevemente, relações raciais. Estas resultam da ideologia do racismo que se apóia em preconceitos e se manifesta em discriminações.

Para este estudo é necessário precisar os significados destes termos: racismo, preconceito e discriminação racial; é o que farei a seguir.

2.3 - RACISMO, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL

A definição e compreensão do que seja racismo é essencial para que saibamos identificar e combater as variadas formas de manifestação de ideologias que defendem as idéias de hierarquia entre as pessoas e grupos humanos.

O racismo é decorrente de uma ideologia que postula a existência de uma hierarquia entre povos e seres humanos, estabelecidas a partir de diferenças aparentes, fenotípicas- cabelo, epiderme, entre outras, e culturais. Tais características determinariam, também, diferentes níveis de inteligência e de qualidades morais. É assim que, em meados do Século XIX, surgem na Europa as chamadas teorias raciais, que preconizavam a superioridade do povo europeu em contrapartida à inferioridade dos povos não europeus.

As teorias raciais nascem no momento em que os europeus saem em busca da dominação de povos e terras "diferentes" (Programa de Direitos Humanos, 1988, p. 12), servindo o racismo para justificar a exploração e a dominação de determinados grupos sobre outros.

Atualmente, em várias partes do mundo, as teorias raciais continuam servindo de pretexto para o tratamento discriminatório e desumano de exclusão, de marginalização que povos com poder econômico e bélico reservam a povos menos poderosos. Vejam-se os exemplos das iminentes guerras, justificadas como combate ao terrorismo, nos dias atuais.

Sant' Ana (2000, p.53) diz que a origem etimológica da palavra racismo é o termo italiano *razza*, que significa família ou grupo de pessoas, bem como o termo *ras*, do árabe, significando origem ou descendência. Assim sendo, a palavra raça quando se refere a seres humanos não teria conotação biológica, mas conotação social por fazer referência a grupos sociais.

No século XIX, Darwin provou que geneticamente as diferenças entre as pessoas eram mínimas; assim, cientificamente não poderiam existir tantas raças humanas, apenas uma. Como se vê raça é um conceito, uma construção social e não biológica. Sant'

Anna (2000, p. 34) explica que "*o racismo , como ideologia elaborada, é fruto da ciência européia a serviço da dominação sobre a América, Ásia e África*".

Com esta definição tomamos ciência de que o racismo surgiu como forma de explorar e manipular povos considerados, ideologicamente, como inferiores. Estes povos tiveram seus direitos humanos roubados, receberam "títulos" desonrosos com objetivo de legitimar sua dominação e exploração.

Silvério (1999, p. 53) diz que com base em preconceitos e estereótipos os povos foram classificados em raças, algumas delas, como a dos negros; caracterizadas como inaptas para o trabalho intelectual.

As tipologias fixas, socialmente construídas, para raça se firmaram após a Segunda Guerra Mundial, período em que características fenotípicas, em virtude dos avanços genéticos, deixaram de possuir tanta força na definição de raça.

As teorias raciais, no dizer de Silvério (1999, p. 57) inflacionaram o significado do racismo, designando não só um pensamento injusto e negativo sobre o outro que é diferente, mas até as ações pelas quais esse pensamento se concretiza e que na atualidade designa os preconceitos.

Oliveira R. (2001, p. 29), em tese de doutorado, observa que a polêmica instalada sobre o conceito raça fez com que alguns autores opinassem por substituir raça pela expressão "grupo étnico".

Tanto os preconceitos como o racismo regulam as interações sociais. São julgamentos prévios e negativos que estigmatizam pessoas e grupos, consolidados por estereótipos.

Segundo o Programa Nacional de Direitos Humanos (1998, p. 14), o estereótipo funciona como se fosse um carimbo. Uma vez "carimbados" os membros de determinado grupo, como possuidores deste ou daquele atributo, deixam de ser avaliados por suas reais qualidades e passam a ser julgados pelo carimbo imposto. Exemplo de carimbo: ao dizer que "todo negro é ladrão", a sociedade é levada, em situação de roubo, a identificar como primeiros suspeitos as pessoas negras. Outro exemplo: "ele é um negro de alma branca", o que, interpretado no âmbito das religiões cristãs, quer dizer que os negros se tiverem comportamentos e práticas iguais às do branco poderão ter um corpo negro, mas uma alma branca que os livrará do inferno.

Os estereótipos estão intimamente relacionados aos preconceitos. Grupos étnicos marginalizados costumam ser pré - julgados com base em preconceitos construídos mediante estereótipos. As percepções individuais do outro, pelos dominantes da sociedade e pelo pouco conhecimento que possuem do "diferente", determinam as marcas recebidas:

" Os estereótipos super generalizados ocorrem com a maior frequência quando faltam informações ou conhecimentos adequados. Muitos estereótipos que ocorrem na percepção das pessoas operam em nível das dimensões relativamente insignificantes da percepção interpessoal: cor de pele, feições do rosto, sons do nome e coisas parecidas"(McDavid, Harari: 1980, p.211).

Diante do exposto, podemos concluir com Oliveira R. (2001, p. 35) que estereótipo é a simplificação de uma imagem mental e o preconceito uma distorção cognitiva causada por essa simplificação. O preconceito independe do estereótipo, ambos são independentes mas fazem parte das atitudes racistas.

Com base em estereótipos posso dizer que as pessoas pré julgam outras; emitem conceitos prévios sobre elas, sem nem mesmo conhecê-las. Tais conceitos nada mais são do que preconceitos.

Quem já não ouviu dizer as seguintes frases: "Preto quando não "faz" na entrada, "faz" na saída"; "Lugar de mulher é na cozinha"; "Esse é um programa de índio"; "Ela é tão feia que só conseguiu se casar com um preto"; "Sorte dos americanos que foram colonizados pelos ingleses". Os exemplos aqui mencionados ilustram manifestações típicas de preconceito, entre tantos outros chavões pejorativos que se ouvem, e muitas vezes se repetem.

Preconceito é, pois, uma indisposição, um julgamento prévio, negativo, que se faz de pessoas estigmatizadas por estereótipos. (Programa Nacional de Direitos Humanos, 1988, p. 14). Estes julgamentos prévios são generalizados na sociedade, estigmatizando pessoas vítimas destes julgamentos.

Portanto, preconceito significa conceito prévio, formulado sem o cuidado de permitir que os fatos sejam investigados e possam contrariar nossos julgamentos ou opiniões. Atitudes preconceituosas são emocionalmente condicionadas e acabam por provocar simpatias ou antipatias com relação a indivíduos ou grupos. (Queiroz, 1997, p. 16).

Heller (1985, p. 43) argumenta que o preconceito, *"é uma das categorias do pensamento e do comportamento cotidiano"*. Os preconceitos desempenham funções importantes nas esferas da cotidianidade. Eles não procedem dessas esferas, mas aumentam sua eficácia. O pensamento cotidiano implica comportamentos. Isto significa que o preconceito mantém formas incorretas de pensamento e percepção da realidade, como

também atitudes individuais e coletivas de antipatia e no mínimo, falta de cortesia em relação a pessoas pertencentes a grupos considerados diferentes e/ou inferiores.

O preconceito é uma manifestação irracional que nos envolve emocionalmente, impedindo que possamos examinar a complexidade dos fatos de forma honesta e objetiva. As diferentes modalidades de preconceito, por exemplo, contra mulheres, negros, índios, entre outros, geram suspeitas, desprezo, intolerância e aversão a outras raças, etnias, religiões, nacionalidades, grupos e papéis sociais.

O preconceito racial pode ser entendido também como forma de justificar a sustentação de um modelo econômico que pouco valor atribui à vida de pessoas consideradas inferiores. O olhar para si, como centro do mundo, impede o olhar para o outro e assim vai se constituindo uma rede de relações que tem favorecido a existência de uma ordem social desumana e injusta.

O massacre da população negra superou o massacre nazista ocorrido durante a Segunda Guerra Mundial, salienta Chiavenatto (1999). Podemos, diante deste fato, perceber o quanto o preconceito contra os negros foi ideologicamente criado para sustentar fins econômicos e como foi violenta e cruel a escravidão dos povos africanos.

O preconceito racial é gerado de um lado pela crença na fraqueza; falta de capacidade dos discriminados de reconhecerem sua história e cultura, e de outro pela distorção cognitiva dos que discriminam e o desvalorizam.

Oliveira R. (2001: p. 35), com base no pensamento de Sylvia Winter (1992), ajuda-nos a compreender que distorção cognitiva é de uma apreensão falsa da realidade, isto é, o sujeito cognoscente, de posse de uma informação, traduz a mesma da forma que

lhe convier, reduzindo-a, simplificando-a, sem verificar se suas interpretações são fundamentadas, verídicas, em relação ao plano real em que se situam.

Lopes N. (2001, p. 186) afirma que sentimentos de preconceito e modos de exercitar a discriminação não são herdados geneticamente, são desenvolvidos nas relações com os pares, com a família, no trabalho, no grupo religioso, na escola, entre outros locais e instituições.

Preconceito e discriminação se apóiam, carregando um mesmo conteúdo de desumanização. A discriminação pode ser gerada por indivíduos, grupos e instituições.

No Programa Nacional de Direitos Humanos (1998, p. 15) discriminação é definida como conduta, isto é, ação ou omissão que viola os direitos das pessoas, com base em critérios injustificados e injustos tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa, entre outros. A discriminação, afirma-se no documento em pauta, é como a tradução prática, é a exteriorização, a manifestação, a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo. É uma ação, no sentido de fazer ou deixar de fazer algo, que resulta em violação de direitos.

"[...] significa qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseados em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica, que tenha por objeto ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, o gozo ou o exercício, em condição de igualdade dos direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político, econômico, social e cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública" (Convenção da ONU/1966 sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação Racial).

As discriminações causam forte impacto sobre pessoas e grupos dominados. Este impacto é provocado pela neutralização de reconhecimento dos

discriminados, que perdem, em muitos casos, referenciais de vida, existência, sobrevivência, entre outros. São desvalorizados perante os grupos com os quais mantêm relacionamentos e garantem sua sobrevivência.

As ações discriminatórias se constituem em forte instrumento de violência e dominação. O não reconhecimento das diferenças culturais, na escola, é um dos fortes agentes de discriminação existentes. O não reconhecimento pelo professor do preconceito racial torna a ação discriminatória ainda mais perversa. (Oliveira R.: 2001, p. 36) .

Seria ilusão imaginar que os preconceitos raciais possam ser eliminados, simplesmente, à luz da razão. Heller (1970, p. 47) pondera que: *"Os juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão são preconceitos"*. Crer em preconceito, pode ser cômodo porque protege de conflitos, confirma ações empreendidas, mesmo que irregulares e nocivas às vidas humanas.

A condição de ser pertencente à raça negra, diferenciada do resto do mundo, impôs o surgimento de idéias que desqualificavam este povo, implantando o preconceito e a discriminação racial que perdura em nossa sociedade há mais de quinhentos anos no Brasil.

A discriminação racial, com suas sérias conseqüências, manifesta-se com toda intensidade no interior de nossas escolas. A desinformação e o desconhecimento de assuntos étnico / raciais fazem com que muitos professores reproduzam a grave opressão sofrida pela população negra, no decorrer de nossa história.

Oliveira R. (2001, p. 28) afirma que, a partir do ano de 1980, abrem-se espaços na academia para estudo do preconceito e discriminação racial. Vários trabalhos

produzidos e/ou publicados no final da década de 1960 e início da década de 1970, como os estudos de Florestan Fernandes (1964), Octávio Ianni (1970), Oraci Nogueira (1985), Clóvis Moura (1972), entre outros, já apresentam informações que desmontavam o mito da democracia racial, justificativa utilizada para ocultar o preconceito em nosso país.

Para entendermos o preconceito, a discriminação racial e o racismo em nosso país, necessário se faz entender o que seja democracia racial.

2.4 - DEMOCRACIA RACIAL

O mito da democracia racial foi por muito tempo validado em nosso país, ocultando o preconceito racial, e divulgando uma falsa harmonia racial, que impunha ao país e a seu povo, conseqüentemente, uma idéia de igualdade entre as diferentes raças que compõem nosso povo.

No plano discursivo nega-se em nosso país a existência do racismo, do preconceito racial. Ideologicamente, vivemos em uma sociedade harmônica na qual o negro é aceito, tratado com cordialidade e tolerância. Isto foi e é amplamente divulgado no exterior, tanto que, no ano de 1950, a UNESCO, influenciada pelas idéias de igualdade racial presentes em nosso país, encomendou uma pesquisa sobre o assunto, para poder mostrar ao mundo como se vivia numa democracia racial. Tal não foi a surpresa quando verificou em pesquisas lideradas por Roger Bastide, Florestan Fernandes, que tal situação não passava de mera criação ideológica.

O mito da "democracia racial" foi um mecanismo utilizado para amenizar a grave questão do preconceito racial implantado em nossas terras.

A palavra mito, relacionada à democracia, pode ser compreendida como uma ilusão, um engano, alertando para a distância existente entre a representação e a realidade.

Ao criar um mito o ser humano pretende estabelecer uma relação de compreensão com o não compreendido, isto é, não podendo explicar e justificar atrocidades com origem no preconceito, a sociedade cria uma realidade inexistente para a população negra em nosso país e assim, tenta mantê-la à margem do seu direito à cidadania.

Segundo Portelli (2000, p. 21) um mito não é necessariamente uma história falsa ou verdadeira, verídica ou inventada. Ele cumpre duas funções básicas: reconciliar os opostos e ser uma representação para o todo.

Entre nós, o mito da democracia racial concilia, no discurso e na representação simbólica, pelo menos, a subordinação econômica, social, cultural impingida a afro descendentes, hoje, assim como a exclusão em que se tenta manter povos indígenas

Os efeitos da ideologia da democracia racial são percebidos quando grande parte da população afirma não possuir preconceito racial e com suas práticas e ações discriminam os negros, legitimam a desigualdade social entre povos negros e brancos. Tal fato pode ocorrer pelo desconhecimento da história ou pelo medo, que estas pessoas têm, de perderem posições de prestígio na sociedade.

Valente (1987, p. 20) vê no mito uma forma explicativa de aliviar a tensão social oculta entre a realidade e o imaginário. Considera a autora que o mito da democracia racial busca esconder conflitos raciais existentes na escola e na sociedade. Por meio da pretensa democracia racial fecham-se as cortinas do passado e implanta-se na realidade

vivida algo que não é real, mas simbólico, imaginário; desta forma, são ocultas situações vividas de forma conflituosa e cruel.

Agier (1992, p. 103 - 104) revela que o mito foi utilizado para invisibilizar a questão do racismo em nossa sociedade. De forma velada omite-se a opressão negra sofrida no transcorrer de nossa história. O discurso harmônico divulgado pelos políticos e pessoas de prestígio impôs uma falsa idéia de igualdades entre brancos e negros na sociedade brasileira.

Essa "democrática" fórmula omitiu o fato de que o Brasil foi o último país do mundo, de modo formal e legal, a abolir o trabalho escravo. Junto à idéia de paraíso racial, de vivência harmônica entre negros e brancos, também eram divulgadas idéias de inferioridade dos negros. Assim, a dita democracia racial considerava e ainda considera os negros como seres inferiores; além disso, embora ideologicamente, divulga que os senhores brancos sempre foram "generosos e afetuosos" com aqueles. (Bento, 2001, p.68).

Gilberto Freyre, um importante estudioso brasileiro, em seu livro Casa Grande e Senzala, defendia a idéia de que no Brasil a escravidão teria sido suave, amena, e que os escravos eram dóceis e passivos. Criou-se, por exemplo, o mito da mãe preta, que amamentava com muita alegria e felicidade as crianças dos senhores brancos, enquanto seus próprios filhos morriam de inanição.

É evidente que não existe suavidade na escravidão. Entretanto, para justificar um ato condenável, "inventou-se" a história de senhores paternalistas e escravos dóceis e passivos. Isto porque, em época passadas, as falsas representações criadas pela democracia racial preenchiam os interesses das classes que estavam no poder - os escravizadores que de forma autêntica e cruel legitimavam sua prática social. Diziam que junto com a

escravização levavam a civilização e a cristianização aos negros, portadores de costumes "primitivos". (Bento: 2001, p. 69).

Em meados do século XX, conforme já mencionado, estudiosos como Florestan Fernandes (1964) e Octávio Ianni (1970) foram convidados a estudar as relações entre brancos e negros no Brasil. Desempenharam importante papel, pois demonstraram em suas pesquisas que as relações entre brancos e negros jamais haviam sido harmoniosas. Concluíram que, de fato, os negros viviam em desvantagem em relação aos brancos.

No entanto ao tentar explicar as desigualdades, esses pesquisadores veicularam uma idéia que necessita ser repensada. Segundo eles, os negros estariam em desvantagem pelo fato de terem sido escravos, o que os deixou despreparados para agirem como trabalhadores livres e ingressarem na indústria nascente após o fim do escravismo. Ainda segundo estes mesmos autores, o escravismo teria deformado a personalidade do negro (Bento: 2001, p. 70).

Ora, se a escravidão prejudicou a personalidade dos que foram escravos e de seus descendentes, certamente prejudicou a personalidade dos escravizadores e de seus descendentes que cometeram injustiças, atos imorais e condenáveis como: estuprar, torturar, mutilar corpos, apoderar-se do fruto do trabalho alheio para enriquecimento próprio, fatos que explicitamente negam a existência de uma democracia racial em nosso país.

Oliveira R. (2002, p. 30) diz que o mito da democracia racial perde totalmente sua validade quando são desveladas situações conflituosas, manifestas nos estupros violentos, mutilações, flagelos sofridos pelos negros (as), nas senzalas, nas casas de seus senhores e na própria sociedade como um todo.

Verificamos que esta idéia democrática sobre o racismo surgiu de uma ideologia política e social que influenciou de forma significativa a compreensão do ser negro pela classe social dominante, e transposta para a comunidade docente, divulga e amplia em seu trabalho as mesmas mazelas e atrocidades cometidas pelo meio social.

Seria a escola considerada, neste caso, um agente reprodutor. Tal situação poderá começar a ser superada se forem criadas as condições necessárias para implantação da Lei²⁴, sancionada em janeiro de 2003, a qual obriga o estudo, nos estabelecimentos de ensino Fundamental e Médio, de História e Cultura Africana e Afro - Brasileira e dependerá também do currículo em ação que aborde nos conteúdos programáticos às questões raciais.

Estudos recentes, Lopes A. (1988), Rosemberg F. (1988), Silva P. B. (1987), Oliveira R. (1992 e 2001), entre outros, mostram os efeitos da democracia racial nas escolas. Mesmo assim, muitos consideram como real a igualdade entre povos negros e brancos que o mito em questão tem divulgado. O reflexo desta compreensão há de estar presente nas representações que as professoras criam de seus alunos negros, uma vez que desconhecem ou ignoram os preconceitos existentes em sua sala de aula.

Fator de grande interferência no campo representativo, além da democracia racial, nos deparamos com a ideologia do branqueamento, como veremos a seguir.

²⁴ Até o momento em que digitava este trabalho não havia conseguido o número desta lei, sancionada, recentemente.

2.5 - IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO

A elite brasileira do século XIX desejava apresentar o Brasil como um país branco, nos moldes europeus, mas o Brasil era um país majoritariamente negro. O censo de 1872 indicava que 55% da população brasileira era negra, fato não espantoso diante do grande contingente de negros que para cá vieram enriquecer com sua força de trabalho, o capital das elites dominantes. (Bento: 2001, p. 29)

Preocupados com esta questão os deputados da então Assembléia Legislativa da Província de São Paulo, conforme Bento (2001, p. 30), e de outros estados também, viam-se diante da questão: "*Como construir um projeto de nação 'respeitável' num país com tantos negros? Necessário criar um outro Brasil - um Brasil de brancos.*" Os cientistas e políticos da época resolveram abrir as portas do país para a imigração europeia com dois objetivos: substituir a mão de obra escrava por trabalhadores livres e "branquear" a população.

Chiavenatto (1999, p. 76) menciona que nesta linha de pensamento destaca-se o historiador e jurista Oliveira Viana (1883 - 1951), um dos maiores ideólogos, discípulo de Gobineau²⁵. Assim descreve as idéias de Oliveira Vianna :

"Oliveira Vianna e o crítico literário Sílvio Romero (1851 -1914) "explicaram" esta política de branqueamento como "solução racial" para o Brasil. No primeiro ano da liberdade legal dos escravos, estes autores foram uma espécie de ideólogos a posteriori, justificando os temores da classe dominante do século XIX, que não queriam negros povoando o Brasil."(Chiavenatto: 1999, p. 76).

²⁵ Artur Gobineau, citado por Chiavenatto (1999, p. 75), em sua obra *O negro no Brasil - da Senzala à Abolição*, dizia que os negros eram a raça inferior e profetizava uma degeneração genética para os brasileiros em menos de duzentos anos, pois nem um só brasileiro tem sangue puro[...] a única saída para o Brasil seria purificar-se com o sangue europeu para eliminar a mistura do negro. Gobineau foi uma "voz autorizada" para justificar a escravidão e seu extermínio no Brasil.

Estimularam, a seguir, a miscigenação para que o branqueamento começasse a acontecer. Consideravam que após algumas décadas o país seria branco, então a elite brasileira teria oportunidade de dizer ao mundo que o desenvolvimento de um país é maior à medida em que sua população é branca ou branqueada.

A partir de 1869, segundo Schwarcz (1993, p.15), nas Assembléias Legislativas de todo o país, começaram a ocorrer acalorados discursos que exaltavam a mão de obra europeia como ideal para substituir o trabalhador escravo que futuramente, por imposições sociais da época, seria "liberto". E Azevedo (1987, p. 145) afirma que nos anos seguintes a Assembléia recebeu vários projetos nos quais eram avaliados tipos "ideais" de trabalhadores.

O deputado Bento de Paula Souza (Azevedo: 1987, p. 145), por exemplo, não queria nem chineses, nem africanos em nosso país. Dizia ele, em citação referida por Azevedo (ibid):

"Não são, por exemplo, africanos novos que se quer trazer, não são coolies chineses, raça já abatida e velha para inocular vícios de uma população já estragada, ao contrário, é uma nação vigorosa que tem uma civilização sua, uma política toda do país, e que será um acerto se adotássemos".

Na mesma linha o deputado Paulo Souza, discursava:

"Nós queremos os americanos brancos como paulistas novos, como paulistas adotivos, homens prestimosos, que escolheram a província como sua nova pátria, e queremos os alemães como trabalhadores, como homens produtivos que venham aqui habitar. Tanto uns como os outros, os receberemos com o mesmo entusiasmo".(Azevedo: 1987, p. 145).

Intelectuais e filhos de fazendeiros que haviam estudado na Europa não esconderam sua simpatia pelas idéias racistas em moda no continente europeu em fins do século XIX. A conclusão era cristalina: a nação teria de ser formada com o "sangue superior" dos europeus (Bento, 2001, p. 30).

As teorias racistas empolgaram o debate no Brasil, substituindo o debate da luta de classes pela "luta de raças". Chiavenatto (1999, p. 77) afirma: "*Hoje parece grotesco falar em luta de raças, mas no final do século XIX essa polêmica absorvia intelectuais brasileiros[...] essa péssima teoria teve resultados práticos. Consolidou a ideologia racial das classes dominantes e estimulou o branqueamento*".

Com o branqueamento os negros procuram anular as diferenças que provocavam sua desigualdade frente ao mundo dos brancos. Para Hasenbalg (1996, p. 235): "*...o embranquecimento ou o ideal de branqueamento é entendido como um projeto nacional implementado por meio da miscigenação seletiva e política de povoamento e imigração européia*".

Os estereótipos e desqualificações contra os negros causam uma auto-rejeição e conseqüente negação de si, enquanto negro, desejoso de assumir valores culturais, modos de pensar o mundo e a ele reagir, próprios do branco. O negro, assim procedendo, assume o branqueamento - "*anseio de assemelhar-se intensamente ao branco e reclamar dele o reconhecimento de sua dignidade, de fato e de direito*". (Munanga, 1986).

Sansone (1992, p. 162 - 163) observando que negros e seus descendentes fixados na camada inferior da pirâmide social, estão submetidos a uma subordinação social, fruto das idéias e ações históricas, anteriormente citadas. Vê a necessidade de busca de caminhos para superação desta condição indigna de vida, com ações afirmativas que

elevem a auto estima dos negros, expostos à falsas ideologias exclusoras e opressoras, por parte de uma minoria dominante em nossa sociedade.

Expostos a uma ínfima condição de vida, fruto da escravidão e das deteriorantes teorias do "branqueamento", submetem-se os afro descendentes para uma possível valorização social, a casamentos e relações sexuais inter - raciais²⁶. Tal prática, em alguns casos, tem como objetivo embranquecer e garantir a "branquitude" a seus descendentes.

O projeto de inculcação do valor do branco e do desvalor do negro ocorre através da mídia, da realidade cotidiana, da educação formal, dos contatos interpessoais. Esta "rede" de comunicações orais e visuais possibilita e facilita a divulgação do negar a negritude, criando representações desta raça não condizentes com a história, com a realidade deste povo desenraizado de seu espaço de origem.

A preocupação política com o branqueamento vem de longa data, desconsiderando em toda e qualquer situação o significado do ser africano, afro descendente, povo com um capital cultural não valorizado. A omissão da negritude ocorre tanto pelos brancos como por muitos descendentes de negros.

A assimilação cultural dos valores brancos pelo negro, participe do branqueamento fica evidente, por exemplo, na tentativa de mudança de características fenotípicas desta raça, por meio de alisamento dos cabelos, utilização de lentes de contato coloridas nos olhos, até mesmo, no caso de "artistas" buscando recursos na medicina para perderem a cor negra.

²⁶ Aqui estou me referindo a mestiçagem, forma encontrada para inculcar ideologicamente em algumas mentes de negros e brancos a necessidade de branquear a população brasileira através dos casamentos.

O ideal de branqueamento, é assim explicado por Seyferth (1986, p.54): *"A crença na inferioridade genética das raças não brancas e sua incapacidade de ascender foi contrabalançada por uma crença na seleção natural e social, que através da mestiçagem, conduziria a um povo branco (pelo menos na aparência) num futuro próximo"*.

Desde 1950, não há mais reconhecimento teórico ou legitimidade intelectual para esta pretensão racista. Porém sua influência negativa foi incorporada no imaginário de brancos e não brancos, em atitudes, discursos e pensamentos que permeiam a visão de mundo da sociedade, da qual a escola é partícipe. (Oliveira, 2001, p. 35).

O branqueamento conduz à perda da identidade negra. Assimilado por um mundo diferente do seu, por uma cultura que não lhe pertence, está o negro envolvido em um mundo que lhe nega os direitos fundamentais de ser quem realmente é. Sua genealogia perde-se no tempo e no espaço, seu próprio "eu" deixa de possuir significados, pois não possui relações com sua verdadeira história, mas com uma história que não lhe pertence. Consumido pela cultura e mundo branco neutraliza-se ignorando ser quem é. Olha para seu passado e não encontra respostas suficientes para dizer como é seu presente.(Chiarello, 1999).²⁷

Nesta realidade o mundo vivido não oferece espaço para aquele considerado diferente. A homogeneização racial, ainda se perpetua na sociedade brasileira. Os diferentes e "inferiores", ideologicamente, não são reconhecidos. Penso na professora, mediadora do processo ensino e aprendizagem e como tais situações, de preconceito, racismo, discriminação, são processadas e representadas por sua mente.

²⁷ Esta citação foi criada por mim, Rosana Ap. Peronti Chiarello, em relatório de pesquisa entregue ao CNPq no ano de 1999, época em que fui bolsista desta instituição.

A professora assimilando estas verdades criadas por ideologias dominantes e expropriadoras dos valores humanos, culturais daqueles ditos inferiores, cria em sua mente representações sociais que não condizem com a realidade social vivida pelos negros.

Esta apreensão do real, explicada pelo conceito de representação social, possui repercussões em sala de aula - espaço de encontro de diferentes povos, raças e culturas. As professoras ao assimilarem as ideologias formuladas sobre as pessoas negras podem adquirir uma forma de pensar e representar seu aluno negro, talvez de maneira imprópria.

Considero que o aprendizado nos cursos de formação para o magistério não dêem conta de explicar e formar as professoras para as situações vividas no cotidiano escolar, principalmente, no que se refere às questões raciais.

As representações sociais que as professoras formulam sobre a pessoa do aluno negro em sala de aula são ponto chave para esta pesquisa, que considera as influências negativas das ideologias da democracia racial e do branqueamento, dos preconceitos e discriminações raciais nas representações formuladas e divulgadas pelas professoras. A seguir pretendo mostrar os estudos que definem representação social. Para tal utilizo os estudos de Sergé Moscovici e Denise Jodelet.

2.6 - O QUE SÃO REPRESENTAÇÕES SOCIAIS?

Ao buscar conhecer as representações sociais existentes no ideário pedagógico de nossos professores do Ensino Fundamental sobre o aluno negro, estarei tentando compreender como formas de preconceito e discriminação racial foram sendo

construídas e consolidadas em nosso sistema de ensino. Considero que quase todas as representações são frutos de ideologias criadas pelos indivíduos na vida em sociedade. Existe uma íntima relação entre *ideologia* e *representação social*.

Toda representação compreende figuras e expressões socializadas apreendidas sobre a realidade. Inclui uma organização de imagens e falas que perpassam uma cultura, uma sociedade (Moscovici, 1978, p. 25). A partir de uma representação social os comportamentos e os pensamentos tendem a ser padronizados.

A representação social pode ser considerada como um ajustamento da pessoa ao meio em que vive. As representações sociais são criadas pela necessidade que o indivíduo possui de dominar seu meio, identificando e resolvendo problemas emergidos de situações vividas.

Os seres humanos não são apáticos tão pouco isolados e inócuos ao mundo em que vivem " *partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo*". (Jodelet: 2001, p. 18).

As representações sociais circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas, entre outros, em mensagens e imagens fornecidas pelos meios de comunicação e cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais. (Jodelet, 2001).

Representar significa explicitar formas como as pessoas concebem, pensam, refletem, elaboram, constroem, reconstroem, dão significados a modos de ser, viver, ensinar, aprender, enfim aos fatos e acontecimentos que lhes são ou não afetos.

A base das representações sociais está no "capturar" de uma realidade e difere de indivíduo para indivíduo, uma vez que o mundo se dá a cada um diferentemente. O papel da representação é modelar o que é dado do exterior "homogeneizando" as formas de ser, de viver, de pensar em conformidade com modelos tidos como ideais. (Moscovici: 1979, p. 26).

Ela possui a função cognitiva de criar novos elementos a partir daqueles já existentes no ambiente social, e que foram criados por sistemas de pensamentos mais amplos, ideológicos ou culturais. Desta forma ela pode ampliar ou reduzir, criar ou recriar novos elementos de interpretação da realidade social. (Jodelet: 2001, p. 21).

Esta interpretação da realidade social Moscovici (1979) compara com a nitidez e a delicadeza da imagem contida numa foto. Tal imagem nunca será o real e não se apresentará de maneira completa e acabada. A imagem da foto será uma representação do que poderia ser o real.

Assim acontece com a representação social, sendo dinâmica e não estática, terá suas formas a todo momento descobertas, avaliadas, aprendidas, ampliadas ou reduzidas conforme o contexto no qual estiver inserida e daquele que dela se apropria lançando seu olhar.

A imagem traz em si diferentes significados para quem deseja interpretá-la e está intimamente relacionada a representação social que é dependente da estruturação e reorganização daquele que a constrói. Podemos dizer que as nuances psicossociais, as crenças de cada pessoa dão formatos particulares às imagens e às representações sociais carregadas de "tons" absorvidos do social.

Para Libâneo (1980), a representação social trata de concepções de mundo apreendidas da realidade que as pessoas possuem e com elas constituem o que por ele é denominado "esquema mental". Este se constrói a partir das "relações fundamentais" que as pessoas estabelecem consigo mesmas, com as outras pessoas, com o mundo, com a natureza e com o transcendente. Esta relação permite aos seres humanos explicitarem, valorizarem e assumirem modos de convivência que o adequem ao seu ambiente social.

Os discursos, os comportamentos, as crenças, as opiniões e as imagens formulam e expressam as representações sociais com o objetivo de conformar o indivíduo às situações socialmente impostas. *"Estes elementos - estruturas das representações sociais (grifo meu) - são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre o estado da realidade"*. (Jodelet: 2001, p. 21).

A aparência, componente da representação social, permite dizer que é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado com o objetivo prático de construir uma realidade comum a um determinado conjunto social comandando as relações entre os seres humanos e o mundo; orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais, definindo identidades e expressões de grupos humanos e sociais. (Jodelet, 2001).

Moscovici (1979: p. 60) afirma que a representação social faz parte de uma natureza ligada a processos psíquicos (já mencionados), permitindo ao indivíduo apreender o real. Quando a realidade se apresenta como algo desconhecido, ele é tomado pelo desequilíbrio. Para reduzir a tensão provocada pelo desequilíbrio o indivíduo, que já possui em seu interior diversos conhecimentos adquiridos e formulados, procura encaixar o desconhecido em algo já presente em sua vida, em seu rol de informações.

Isto significa que ao longo de sua vida o indivíduo vai organizando e formulando suas próprias concepções e recebendo algo não compreendido, tenta modificá-lo e assim encaixá-lo nos comportamentos já conhecidos e explicados. A realidade do indivíduo é constituída a partir das representações individuais ou coletivas, que lhe dão forma e imagem. Moscovici, explicita:

" A bem dizer, devemos encará-la (a representação) de modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado do exterior, na medida em que os indivíduos e os grupos se relacionam de preferência com os objetos, os atos, as situações constituídas por miríades de interações sociais. Ela reproduz é certo. Mas essa reprodução implica um remanejamento de estruturas , uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras de que se torna doravante solidário" (1979: p. 26).

O ato de pensar estabelece a relação entre o sujeito e o objeto. O objeto pode ser - pelo sujeito - substituído e reconstituído simbolicamente. A representação social traz a marca do sujeito e de sua atividade tendo as características de construção, criatividade e autonomia. Trata-se da liberdade que a pessoa ou os grupos sociais possuem de criar, a partir de suas estruturas cognitivas, as compreensões de homem, mundo, existência, liberdade, verdade, entre outros pontos fundamentais do discurso humano.

Desta forma representar algo não consiste somente em desdobrá-lo, repeti-lo, reproduzi-lo, é reconstruí-lo, retocá-lo, modificar-lhe o texto. A representação social para Moscovici é : *"[...]preparação para ação na medida em que guia o comportamento e sobretudo, na medida em que remodela e reconstitui os elementos do meio ambiente em que o comportamento deve ter lugar" (1979: p.49).* Existe assim liberdade para

representar, mas esta liberdade não é total sofrerá as influências do meio em que se constitui.

A influência é uma poderosa arma social que ajuda a reduzir conflitos e divergências entre os indivíduos, prevendo uma adaptação deles ao mundo, uniformizando a realidade e levando os indivíduos à uma conformidade com valores considerados primordiais. (Moscovici: 1985, p. 72).

As ideologias, as questões culturais, entre outros fatores, podem ser imposições que modelam os comportamentos e as práticas das instituições que compõem a sociedade, a qual estão os indivíduos submetidos, criando as representações sociais.

Assim: "[...] *una sociedade, una organización, una familia o un grupo no podrian existir o preservar su integridad sin imponer a todos sus miembros reglas comunes y convenciones bien definidas, normas que deblen compartir y disposiciones que deblen obedecer*". (Moscovici: 1985, p. 72).

A influência, componente da representação social, através da cultura, das instituições sociais, das ideologias dominantes podem reproduzir e manter uma ordem social injusta, capaz de romper com a "igualdade social". Tal fato é possível notarmos de forma nítida na escravidão negra do Brasil. As supostas idéias de inferioridade pela cor da pele negra impôs a este povo uma condição de vida cruel e desumana. As idéias criadas e divulgadas sobre o racismo representaram o negro como coisa, mercadoria, objeto de consumo capitalista.

Estas idéias, entre outras, criadas para legitimar a escravidão do negro são explicadas por Moscovici (1979), através dos estudos da representação social, como um conjunto de idéias intuitivas, absorvidas de forma não refletida e aceitas como verdadeiras

pela sociedade. Tais idéias divulgadas, sem análise e reflexão, podem em muitas situações causar sérios prejuízos para pessoas, grupos humanos, principalmente, aqueles considerados "inferiores", no caso mencionado acima o *escravo negro*.

Utilizando os estudos de Moscovici é possível ver que o uso da liberdade faz com que os indivíduos captem as informações de seu ambiente externo e transformem elas em expressões que comunicam, ensinam aquilo que está a priori determinado pelo social. *"Pensamos e vemos por procuração, interpretamos fenômenos sociais e naturais que não observamos e observamos fenômenos que nos dizem poder ser interpretados por outros"*. (Moscovici: 1979, p. 21).

Na vida em sociedade as pessoas para formularem concepções concretas dos processos materiais, psíquicos, culturais, a fim de compreender, comunicar ou de agir dependem do volume de informações, conhecimentos que invadem suas vidas e aos quais devem procurar dar uma resposta. Os fatos, os episódios não possuem a clareza devida, sendo que facilmente as pessoas são direcionadas para aquilo que é socialmente desejável. Na caso da escravidão havia a necessidade de pessoas servis, criou-se um arcabouço de idéias que mostravam ser tal fato natural e legítimo.

"O senso comum, com sua inocência, suas técnicas, suas ilusões, seus arquétipos e estratégias é essencial ao conhecimento. A ciência e a filosofia dele extraíram seus materiais mais preciosos e os destilaram em alambiques de sucessivos sistemas". (Moscovici: 1979, p. 20).

Em outras palavras, Moscovici mostra que o conhecimento científico tem seu início no saber comum: *"a gênese do novo senso comum, doravante associado a ciência, inscreve-se entre as preocupações teóricas e práticas do saber científico"*. (Moscovici: 1979, p. 21).

O conhecimento científico tendo sua origem no senso comum ganha terreno para criar e estabelecer regras e normas que sustentam idéias portadoras de preconceitos e possíveis discriminações. O conhecimento científico ancorado em sua validade, neutralidade, fundamentado nas regras da experimentação e da comprovação, permite que as representações criadas e solidificadas pela sociedade ganhem status de valor, e assim muitos preconceitos são generalizados e vistos como naturais.

Os preconceitos produzem uma distorção de um saber sobre a realidade que circula de um grupo para outro. Cria-se a convicção de que entre os seres humanos existem os superiores e os inferiores, os aptos e os inaptos, e outras tantas distorções e simplificações que criam um juízo desfavorável sobre as pessoas humanas presentes na vida social. Representações simplificadas, distorcidas, vistas às avessas, ocasionam preconceitos.

Heller (1985) vê a origem dos preconceitos em um tipo particular de juízo provisório. A vida cotidiana caracteriza-se pela unidade imediata de pensamento e ação. Porém o pensamento cotidiano não é uma teoria nem uma práxis, mas pode ser um ponto de partida para formulação de uma teoria.

Na vida cotidiana a partir das ações e pensamentos pode ocorrer a generalização de pré - conceitos através da conformidade de normas e regras. *"Uma ultrageneralização é correta quando corresponde ao objetivo dado, cuja realização promove; e falsa quando não podemos nos afirmar através dela, quando sua orientação nos leva ao 'fracasso' "(Heller: 1985, p. 45).*

Conformidade converte-se em conformismo quando o indivíduo não utiliza possibilidades individuais dos movimentos presentes na vida cotidiana e deixa

penetrar na cotidianidade ações que neutralizam possibilidades de decisões individuais. É possível compreender que os preconceitos são produtos da vida e do pensamento cotidiano comprometidos pelas assimilações impostas pelo ambiente e pelas integrações sociais nas quais vivem os seres humanos. (Heller: 1985, p. 50).

Neste olhar a situação das pessoas negras é complexa, pois toda ideologia divulgada a seu respeito, socialmente, impediu a existência de uma imagem positiva destas pessoas. Construiu-se e generalizou-se uma visão desumanizante, estereotipada com expressões, vocábulos que conferem, aos negros, baixa auto-estima, por se verem representados no mundo de maneira tão grotesca.

Silva A.(2000, p. 16) explica como são justificadas, através das representações as ideologias racistas, "*a ideologia vista como um sistema de representação dotado de uma existência e de um papel histórico no seio da sociedade dada e como um sistema de símbolos que agem entre si e fornecem as formas básicas de tornar portadoras de sentidos situações que de outro modo seriam incompreensíveis*", cumpre, em parte, seu papel de representar a realidade favorecendo aqueles que desejam manter o poder e as ações discriminatórias.

O professor, pode vir a ser, segundo Silva A (2000, p.17) um mediador inconsciente de representações estereotipadas do negro se "*formado numa visão acrítica das instituições e numa ciência tecnicista e positivista, que não contempla outras formas de ação e reflexão*".

Porém, para Silva A .(2000, p. 17) esse processo não se efetiva de forma linear e determinista, "*uma vez que a mediação da ação humana, realizada através das experiências do cotidiano, das práticas culturais dos grupos subordinados, possibilita a*

apreensão da contradição, a reelaboração a resistência às ideologias e o recalque das diferenças".

Os professores sendo portadores de representações sociais que desmerecem a pessoa negra enfrentaram obstáculos para fazerem valer suas visões sobre os mesmos. Os docentes portadores de idéias, concepções, modo de vida, próprios ao seu grupo irão esbarrar no jeito de ser e viver de seu aluno negro e com certeza os conflitos irão surgir de forma talvez não autêntica, mas existente.

Para ter uma visão mais próxima do assunto utilizei pesquisa de Mello (1982) sobre representações de professores de 1º grau a respeito de sua prática docente. Esta pesquisadora, com algumas ressalvas, não é ativa colaboradora nos estudos raciais, esclarece que existe, nesta prática docente, uma dimensão individual e outra social. Uma subjetividade, acrescenta a autora, que é objetivamente constituída a partir de sua história de vida pessoal e profissional.

Mello (1982, p. 41) diz que a prática docente possui um corpo de idéias organizado e elaborado que a explica, justifica e orienta, constituído de teorias pedagógicas ou psicopedagógicas sobre a educação, o ensino e aprendizagem às quais a autora denominou "ideário pedagógico"; por outro lado o que aparece como dimensão pensada pelo professor sobre a sua prática não é o ideário pedagógico formalizado e sim uma representação deste último.

Assim, as idéias ao se evidenciarem quer pelo discurso, quer pela ação, não constituem o conhecimento em si. O conhecimento é aprendido pelo indivíduo, no caso o professor, que lhe dá significado de acordo com suas experiências e idéias pessoais. Ao expressar este conhecimento o que se tem não é mais o conhecimento tal qual existe, mas

sim a elaboração pessoal deste conhecimento, já filtrado pela sua experiência e sua prática de acordo com sua condição de vida.

O que se tem, pois é a representação do conhecimento. Faça uma pausa para retornar a Moscovici (1979), anteriormente citado, ao mostrar este aspecto presente na representação social, as mudanças das formas de conhecer, saber, elaboradas e influenciadas a partir do senso comum, interferindo no conhecimento científico, neste caso, a prática do professor que é aprendida, mas praticada a partir das convenções pessoais.

As possibilidades que os seres humanos têm de conceber, pensar, elaborar, refletir, reproduzir, recriar, construir e representar a realidade com a qual interagem, oferece viabilidade de ouvir as declarações que professores fazem sobre seu fazer docente e as relações dele decorrentes. O professor exprime sua opinião sobre um objeto de conhecimento, problema, pessoa ou questão da qual ele já representou algo para si, ou seja, *"a sua resposta não é uma reação ao estímulo, mas até certo ponto está em sua origem[...] a representação orienta a resposta na medida em que ela modela o estímulo"*. (Moscovici: 1979, p. 18 - 19).

O indivíduo, no caso o professor, ao emitir uma opinião, conforme suas experiências, estará representando posições, valores individuais ou coletivos, retirados dos conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência, assentados em um fundo de sistemas de raciocínio, de linguagens, próprios da natureza biológica e social dos seres humanos. (Moscovici: 1979, p. 48).

O professor portador de uma visão estereotipada sobre o aluno negro terá dificuldades em olhar e reconhecer, este aluno, em um plano de igualdade. Se suas opiniões, crenças, concepções desmerecem o negro, terá com muita facilidade uma

representação formulada sobre estas pessoas que exteriorizam ações e práticas que rompem com a permanência deste aluno na escola.

O aluno negro sentido-se oprimido e representado como ser inferior e incapaz pelo seu professor deverá encontrar oportunidades de vencer sua dominação e expropriação enquanto ser humano. É algo difícil de ser realizado, mas não impossível. A representação social portadora da sutileza que lhe é própria pode oferecer barreiras para o negro, mas estas barreiras não são intransponíveis é possível derrubá-las. O oprimido, pela representação negativa que dele fazem, pode conseguir sua libertação.

Freire (1988) mostra a necessidade do oprimido buscar sua libertação que ocorrerá *"somente na medida em que se descubram 'hospedeiros' do opressor poderão contribuir para o partejamento de uma pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo"* (Freire: 1988, p. 32).

Romper com uma representação negativa se si, pelo outro, significa não compactuar com as idéias que a sociedade criou para justificar a intolerância e a individualidade. Neste caso faço referência ao aluno negro e ao povo negro que não deve absorver as ideologias e falsas representações divulgadas sobre ele. No caso de já tê-las absorvido é possível reverter esta visão opressora.

Como diz Paulo Freire é preciso lutar para encontrar a humanização: *"A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens [...] é a práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo"*. (Freire: 1988, p. 67).

A ação transformadora deve ter início na família, na escola e na sociedade. Para tal é preciso conscientização e libertação de toda falsa representação que destitui pessoas e povos de valor, de dignidade. Importa neste trabalho saber se os professores estão a caminho para conquista desta visão ou se existe uma imobilidade frente ao racismo, a discriminação racial e que representações as professoras formulam sobre seus alunos negros.

Considerarei neste trabalho os estudos de Jodelet (2001) dizendo que as representações são formuladas a partir da cultura, dos valores, dos modelos sociais, dos diferentes tipos de comunicação individual e social. Sua circulação se dá na partilha e no vínculo social, no contexto ideológico e histórico, na participação e na organização da vida em sociedade.

Seu valor científico ocorre através das relações entre pensamento natural e científico, na difusão do conhecimento, na transformação dos saberes, na validade do senso comum, na defasagem do real através da distorção, subtração e suplementação do conhecimento. Pretendo, assim, saber como estas situações ocorrem no fazer docente tendo como principal enfoque as relações raciais entre professoras e alunos negros.

A fala das professoras será o principal instrumento que oferecerá o caminho para o encontro do objeto procurado - as representações sociais das professoras sobre seus alunos negros no decorrer de algumas décadas do século XX.

Considero além das representações sociais, os demais conceitos que balizam esta pesquisa, de fundamental importância para a busca que realizo. No capítulo seguinte descrevo os encaminhamentos da metodologia de trabalho.

CAPITULO III

A METODOLOGIA

Neste capítulo descrevo a metodologia de pesquisa inspirada em estudos da fenomenologia. Utilizo palavras de Merleau Ponty para justificar esta opção. Descrevo, com base em Giorgi (1985), Silva (1988), o procedimento para a análise dos dados e a postura da pesquisadora diante da coleta e análise dos dados. Brevemente falo dos critérios utilizados para a escolha das seis professoras colaboradoras desta pesquisa, em seguida, faço uma apresentação de cada uma delas. Ao final, explico como organizei os dados, como os analisei e interpretei.

3.1 - A ESCOLHA DO MÉTODO:

A opção teórico-metodológica, deste trabalho tem por referência a fenomenologia, na medida em que esta filosofia oferece, que oferece elementos de reflexão e ação para que se aprenda a construir uma postura investigativa que valorize todas as manifestações dos participantes da pesquisa, buscando interpretá-las do ponto de vista de quem as formulou.

Isto requer do pesquisador esforço para evitar que seus juízos prévios interfiram nas fala das pessoas entrevistadas e na interpretação que delas fizer. É claro que o pesquisador não é impedido de tecer suas interpretações, de dialogar com a literatura que estuda, mas só irá fazê-lo após compreender o ponto de vista dos que o informam. (Silva P. B. G.: 1990, p. 118).

Outro motivo para busca de referências na fenomenologia, se deve ao fato de neste trabalho se buscar compreender um processo em andamento: o de formação de representação a respeito de seus alunos negros por professoras, ao longo de seis décadas. A fenomenologia, segundo Merleau Ponty, se ocupa das experiências vividas e busca no constituir-se passado, presente e futuro as raízes do que se propõe a compreender.

Nós, seres humanos, temos a capacidade de irmos construindo, ao longo da vida, significados a partir de nossas percepções de mundo, na perspectiva da classe social, do grupo étnico racial a que pertencemos. Como diz Silva P. B. G. (1990, p. 110), as visões de mundo "*vão sendo reforçadas ou negadas ao longo da existência*", possuímos o potencial de reverter compreensões e mudarmos nossa forma de pensar durante nossa "jornada". Nada é definitivo.

A fenomenologia, como outras filosofias, nos permite ir além no pensamento, na ação, na compreensão do mundo, da vida, pois, o ser humano está em trânsito, isto é, em busca de novos e renovados significados da vida, do mundo, da sociedade.

Silva P.B.G. (1990, p. 114) diz: "*O ser humano está em trânsito. Enquanto se desloca no mundo, para fora e para dentro de si, avançando sempre, distribui e recebe significados. Dar sentido instaura de uma só vez o sujeito e o mundo. Dar sentido constitui o ser humano, é forma sempre nova que adquire a vida*".

Merleau Ponty (1984, p. 138) diz que o sujeito constituído sou eu. O outro, no qual meu olhar tropeça, convoca as possibilidades de meu próprio corpo, como se tratasse de gestos e comportamentos meus. Assim, à medida em que me revelo ao outro, o outro se revela a mim. São atos recíprocos, não distintos e isolados.

Na perspectiva da fenomenologia, o pesquisador e o "pesquisado", não possuem status diferenciados, ambos são pesquisadores, pois, buscam juntos a aquisição do conhecimento do fenômeno pesquisado. Um não existe sem a existência do outro (Silva, P. B. G.: 1990, p. 124).

Ao buscar compreender o fenômeno, no meu caso as representações das professoras sobre seus alunos negros, não estou tentando formular uma verdade, como diria Merleau Ponty (1984, p.139), "teoricamente impossível", mas estarei a caminho, pois, as verdades só são conhecidas pela práxis que as fazem. O verdadeiro que não é verdadeiro excita nosso pensar, *"algo que não se findará nunca, se não de ser verdadeiro, pelo menos de significar e excitar nosso aparelho pensante, se preciso arrancando dele verdades mais precisas que aquela"* (Merleau Pont: 1984, p. 139).

Silva P.B.G. (1990, p. 111) esclarece que o rigor científico é garantido, no caso da fenomenologia, pela presença do outro, que não o pesquisador, não como mero informante ou sujeito de pesquisa, mas agente ativo, colaborador na construção do saber buscado.

Estas entre outras justificativas que poderiam estar aqui apresentadas levaram-me a fazer a opção pelo método inspirado na fenomenologia, na tentativa de buscar respostas mais profundas e reais para minha questão de pesquisa: "Que representações, a respeito das pessoas negras, particularmente de seus alunos (as), professores (as) da cidade de São Carlos, que exerceram sua função, em diferentes décadas, no decorrer do século XX, formulam? " A seguir descrevo o método utilizado nesta pesquisa.

3.2 - O MÉTODO COM BASE NA POSTURA INSPIRADA PELA FENOMENOLOGIA

O procedimento para organização e análise dos dados proposto pelo psicólogo Giorgi (1985)''e formado de quatro passos. Parte da fala dos participantes da pesquisa. O objetivo é a obtenção, primeiramente, das unidades de significados contidas na fala dos sujeitos participantes. As unidades de significados contém os temas e questões que revelam a estrutura de uma experiência que em dimensões se desdobra. Os passos para desvendar o fenômeno estudado e as dimensões que o constituem, segundo Giorgi, são assim descritos por Moreira (2002, p. 123 - 124):

- a) Leitura da entrevista transcrita, para ter uma idéia geral de tudo o que foi apresentado, falado.
- b) Tendo o sentido do todo, o pesquisador volta às respostas de suas entrevistas, com o objetivo de identificar as "unidades de significado" que na pesquisa expressam representações que as professoras formularam a respeito de seus alunos negros.
- c) Uma vez identificadas as unidades de significado, o pesquisador as organiza sob a forma de um discurso indireto.
- d) Finalmente, o pesquisador sintetiza todas as unidades de significado em dimensões, consistentes em relação à experiência do sujeito colaborador sobre o fenômeno pesquisado. Na fala das professoras que trabalhei, foram identificadas como dimensões em que se formam suas representações a respeito de alunos negros as seguintes: a) experiências vividas, contexto social, preconceito e superação do preconceito.

Para a realização deste trabalho a pesquisadora precisa sentir-se à vontade com o texto e ler quantas vezes julgar necessário. A idéia é ter uma boa base para o encontro das unidades de significado que encaminham a análise dos dados.

As unidades de significado são encontradas no interior da fala dos sujeitos envolvidos no trabalho de pesquisa, e são notadas pelo pesquisador que lendo e relendo suas conversas toma consciência de diferenças de sentido nas situações descritas pelos colaboradores. É essencial para o método que a retirada das unidades de significado ocorram de forma espontânea e precedam às outras análises.

Giorgi (1985) nota que no encontro das unidades de significado a prática da ciência ocorre dentro de um *contexto de descoberta* antes que no *contexto de verificação*. Giorgi (1985) diz que a verificação é importante para a ciência, mas não exaure a definição de prática científica, porque é impossível somente verificar sem descobrir.

O já mencionado pesquisador ressalta que as unidades de significado são constituintes de significados e não elementos. As unidades de significado não existem nas entrevistas como tais, isto é, elas se expressam na relação do pesquisador que as busca e os participantes da pesquisa que formulam. (Giorgi: 1985).

A transformação da linguagem do dia a dia do sujeito em linguagem apropriada, a um relatório de pesquisa, com ênfase no fenômeno em estudo é conseguida por um processo de reflexão. Tal transformação é necessária porque as falas dos sujeitos expressam múltiplas realidades, e é preciso elucidar o aspecto que interessa e aprofundá-lo para compreensão do fenômeno buscado. (Giorgi: 1985).

A transformação das unidades de significado em uma declaração consistente da estrutura do fenômeno seria o último passo da análise. Neste momento o pesquisador

busca sintetizar e integrar o conteúdo nas unidades de significado. Nessa síntese, todas as unidades de significado devem ser levadas em consideração, ao descrever-se o processo observado. (Giorgi: 1985).

Seguindo os diferentes passos, acima mencionados, realizei a análise dos dados. O percurso que realizei foi o seguinte: primeiramente, conversa com as professoras, registradas em fitas cassetes, dispostas a participar do trabalho; transcrição das conversas; leitura e releitura das falas transcritas para identificação das unidades de significado que me levariam à compreensão de representações sociais das professoras sobre os alunos negros; construção do quadro em que organizei os dados – unidades de significado. Na etapa final descrevi o todo apresentado pelas unidades de significado, a partir das dimensões encontradas e formulei uma síntese que expressa a estrutura do fenômeno buscado na fala e na memória das professoras.

Silva, P.B.G. (1987, p. 127) alerta que ao utilizar este método a leitura do conjunto das falas das participantes deve ser feita "*sem pretensão de explicar, justificar o seu conteúdo, não cabendo nesta fase o seu confronto com teorias ou ideologias*". A releitura para identificação das unidades de significado "*auxilia na compreensão do sentido em que vai sendo dado ao mundo, à medida que o fenômeno se desvela*" (Silva, P. B. G.: 1987. P.127).

Utilizando este método pretendi saber que representações professoras do Ensino Fundamental, séries iniciais, possuem sobre seus alunos negros. A representação do aluno negro é o que procurei encontrar nas unidades de significado presentes na fala, na memória das professoras e que foi o elemento desencadeante da análise de dados.

Apresento a seguir a constituição do estudo e os critérios utilizados para escolha das participantes da pesquisa.

3.3 - A CONSTITUIÇÃO DO ESTUDO E OS CRITÉRIOS PARA ESCOLHA DOS COLABORADORES DA PESQUISA

Ao buscar caminhos para investigar o proposto pela minha questão de pesquisa, estabeleci contato com seis professoras que iniciaram seu trabalho docente em diferentes décadas do século XX, na cidade de São Carlos.

Este foi um dos municípios do estado de São Paulo que contou com a presença marcante da população negra. Lopes A. (1995) em sua dissertação de mestrado, no ano de 1995, bem situa a forte presença negra no município e diz que após a abolição, os negros concentraram-se nos bairros periféricos da cidade. Este registro mostrou o interesse que poderia vir a ter a presente pesquisa.

A opção por seis professoras ocorreu após a oportunidade que tive de conversar com uma professora que iniciou seu trabalho docente no ano de 1938. A conversa com esta professora deveu-se a uma pesquisa exploratória que estava realizando para iniciar minha dissertação, que anteriormente tinha por objetivo buscar registros e pesquisar sobre o funcionamento de uma escola primária que existiu na instituição negra Flor de Maio entre os anos de 1935 e 1945.

A dissertação de mestrado de Márcio Aguiar, realizada no ano de 1997 na UFSCar, conduziu-me ao encontro desta professora que teve disponibilidade em atender-me. Durante conversa inicial, ela revelou situações vividas na docência há quase sessenta

anos atrás, e que se assemelhavam a fatos que eu, enquanto professora, presenciava nas escolas nos dias atuais.

Esta descoberta modificou o rumo de minha pesquisa que passou a ter como principal interesse as representações que as professoras do Ensino Fundamental, séries iniciais, possuem de seus alunos negros, ao longo do tempo. A mudança do percurso também se deveu ao fato do presidente na ocasião não disponibilizar o acesso aos arquivos da sociedade, nem havia encontrado registros nos arquivos sobre educação em São Carlos.

A oportunidade e a disponibilidade desta professora, iniciante na carreira docente no final da década de trinta, fez-me buscar mais cinco professoras que tivessem iniciado sua carreira docente nas décadas seguintes, isto é, nos anos de: 1950, 1960, 1970, 1980 e 1990.

Estabeleci como um dos critérios que todas elas estivessem atuando ou tivessem atuado no Ensino Fundamental, séries de primeira a quarta, por tratar-se de uma mesma etapa da vida escolar.

Não fiz exigências quanto a raça das professoras, mas entrevistei duas professoras negras e quatro professoras brancas. As seis professoras foram nascidas e criadas na cidade de São Carlos.

O encontro das professoras deu-se da seguinte forma: a primeira descobri, por meio dos estudos de Márcio Aguiar. As iniciantes das décadas de 1950, 1960 e 1970 foram apresentadas por minha irmã, professora da rede estadual de ensino há mais de vinte e oito anos. Ela me ajudou a encontrar as professoras mais antigas. As professoras das duas últimas décadas são minhas conhecidas, sendo que a última é minha colega de trabalho.

A disponibilidade destas professoras para minha pesquisa levou-me a estabelecer com elas conversas que encaminhariam o processo de aquisição do conhecimento, que com elas pretendia construir. Silva P. B. G. (1990, p. 114) entende *"que todo o saber, só é saber porque constrói uma ação"*.

A fala seria o principal instrumento informativo para esta pesquisa. Este grau de importância confirmo com Merleau Ponty (1984): a fala *"é unidade, coexistência, como a dos elementos de uma abóboda que encadeados se sustentam"*. (Merleau Ponty, 1990, p. 141). Através da fala, o sujeito exterioriza suas idéias; formas de pensar, de sentir, de agir e de compreender sua vida, seu trabalho, sua convivência e existência humana. Busquei captar na fala destas professoras o todo que ela nos oferece, desejando ser fiel ao que ouvia e gravava em fitas cassetes, para posteriormente transcrever suas falas.

Nas conversas considerei importante os fatos que as professoras recuperavam em sua memória. Memória entendida como trabalho, como retomar fatos do passado e iluminá-los com as experiências do presente. Como diz Gonçalves (1988, p. 97): *"Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito"*.

A memória é fator constituinte da cultura de um povo, nela estão presentes fatos que rememorados ajudarão na compreensão de muitas situações vividas no presente. Não existe história e vida sem passado. O passado é guardado na memória e esta oferece:

"A memória oferece o passado através de um modo de ver o passado: exercício de congenialidade, onde há, pois, investimentos do sujeito recordador e da coisa recordada, de maneira que ao termo e ao cabo do trabalho de recordação já não podemos mais dissociá-los: então fará tanto sentido entender o sujeito a partir do que recordou quanto o que recordou a partir do modo como o fez" (Gonçalves: 1988, p. 99).

A recordação traz as marcas de valores ideológicos vividos pelo sujeito, a marca dos seus sentimentos, as marcas da sua inteligência, do modo como viveu e sentiu aquela época, aquele momento que relembra, que busca e encontra no mais profundo de si mesmo. *"A memória faz cruzar a história e a intimidade"*.(Gonçalves, 1988, p. 99).

Na conversa com as professoras, elas buscavam em muitos momentos, fatos que estavam guardados, conservados em sua memória, em suas lembranças e isto foi interessante tanto para elas quanto para mim, enquanto pesquisadora.

Durante nossas conversas eu observava - nas professoras - seus trejeitos, olhares, sorrisos, expressões faciais. Atenta estava a todas as atitudes apresentadas naquele momento, procurando suspender qualquer juízo prévio.

As entrevistas foram todas previamente marcadas, contando com o tempo disponível das professoras participantes.

3.4 - AS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

Conforme já disse seis professoras colaboraram para a realização desta pesquisa. Cada uma delas iniciou-se na profissão em décadas que compreendem de 1940 a 1990. Não é demais repetir que fiquei intrigada com a semelhança dos episódios vividos e narrados pela professora da década de 1940 sobre o aluno negro, com acontecimentos que presenciei nos dias atuais.

Tive curiosidade em saber que representações as professoras dos anos iniciais de escolarização que atuam ou atuaram nas séries iniciais formulam ou formularam sobre seus alunos negros no correr dos tempos.

Consegui estabelecer contato e realizar as conversas desta pesquisa com as seguintes professoras: Aurora, Edite, Perpétua, Celina, Beatriz e Juliana. Cada uma delas iniciou sua atividade docente em uma das décadas já mencionadas.

Pretendia com estas conversas saber que representações sociais estas professoras formulam sobre seus alunos negros, e buscar perceber se há ou não alterações nestas representações com o passar do tempo, sendo possível superar preconceitos e discriminações raciais nas escolas, a partir dos olhares que as professoras lançam sobre estes alunos. A seguir apresento algumas das professoras colaboradoras deste trabalho..

Aurora foi a professora com quem iniciei a busca de compreensão da representação social do aluno negro. Identifiquei-a lendo pesquisa feita por Márcio Aguiar, (*Dissertação de mestrado. UFSCar, 1997*). Esta professora iniciou seu trabalho docente no ano de 1938. Trabalhou em escolas públicas municipais e estaduais. Sua formação deu-se no curso básico para o Magistério, que segundo ela, era suficiente para a época. É professora branca, já aposentada. Encontrei certa dificuldade em estabelecer contato com ela, pois sendo eu uma pessoa desconhecida e ela, uma senhora com oitenta anos, desconfiava de pessoas estranhas. Consegui realizar a conversa por telefone. Foram duas ligações que ofereceram ricas informações para este trabalho. Transcrevi escrever todos os momentos de nossa conversa, assim que a conclui.

Edite iniciou sua atividade docente no ano de 1952 . Possuía o curso de Magistério realizado na Escola Estadual Jesuíno de Arruda e após estar exercendo atividade profissional, no ano de 1967, realizou sua licenciatura no curso de Pedagogia e finalizou sua formação acadêmica com o curso de Biblioteconomia. É professora negra, descendente de africanos e já está aposentada. Apesar das formações superiores, sempre atuou com

alunos do Ensino Fundamental das séries iniciais. Nossa conversa ocorreu em sua casa sendo gravada e depois transcrita.

Perpétua iniciou sua atividade docente no ano de 1969. Possui somente o curso de Magistério, realizado na escola Dr. Álvaro Guião. Por dificuldades financeiras não conseguiu ingressar no curso superior. É professora negra, efetiva em escola pública estadual. Atua no Ensino Fundamental, com turmas voltadas para a alfabetização. Não está interessada na aposentadoria no momento. Está atuando também em uma escola da rede particular de ensino. Nossa conversa ocorreu nesta escola particular em que trabalha, gravei em fita cassete e depois transcrevi.

Celina iniciou sua atividade docente no ano de 1975. Possuía curso de Magistério, realizado na escola estadual Dr. Álvaro Guião, aqui em São Carlos, local em que iniciou a docência no referido ano. Completou seus estudos realizando curso superior em Estudos Sociais. Sempre atuou em escolas públicas estaduais. Não está aposentada, pois não deseja parar com o trabalho docente. É professora branca e efetiva na rede estadual, por tal razão não quer zerar seus pontos com a aposentadoria e assim ter dificuldades de conseguir classes para lecionar. Atua no Ensino Fundamental mas, trabalha também com o ensino Supletivo no período noturno. Nossa conversa ocorreu em sua residência, sendo gravada em fita cassete e depois transcrita.

Beatriz iniciou a docência no ano de 1985. Fez o curso de Magistério na escola Dr. Álvaro Guião em São Carlos. Ingressou no magistério estadual, com turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental. Fez curso superior em História. Não atua com esta disciplina, mas com turmas de 1^a a 4^a série. Não se efetivou no Estado, por tal motivo,

nos dias atuais, leciona em escola da rede particular de ensino. É professora branca. Nossa conversa ocorreu em sua residência, sendo gravada em fita cassete e depois transcrita.

Juliana iniciou a docência no ano de 1990. Possui licenciatura para o magistério e ademais é licenciada em História, pela PUC de São Paulo. Ingressou no magistério, através de concurso público, sendo, inicialmente, professora efetiva na cidade de Campinas e depois tendo pedido transferência passou a exercer suas funções na cidade de São Carlos. É professora branca. Trabalhou e trabalha com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Na rede estadual trabalhou com classes de aceleração. Pediu exoneração de seu cargo no ano de 1995. Hoje atua em escola da rede privada de ensino, com turmas de 1ª a 4ª série e também das demais séries do Ensino Fundamental. Nossa conversa ocorreu em sua residência, foi gravada em fita cassete e depois transcrita.

A partir desta breve apresentação é possível constatar que o perfil das professoras é diferenciado, considerando sua formação, interesse ou não pela aposentadoria, realização de cursos superiores e local de atuação profissional. São dados que durante a análise, pretendo melhor trabalhar.

As professoras foram envolvidas na pesquisa à medida em que recuperavam fatos da memória, analisavam seu presente, reavaliavam sua postura e revelavam à pesquisadora, sua forma de compreender e desenvolver o trabalho docente, especialmente com seus alunos negros. Faziam neste momento uma revisão de sua prática passada e presente.

Foi uma conversa aberta, sem prescrições ou coerções, que revelaram muito do que procurava compreender com a fala das professoras. Só houve intervenção de minha

parte se o assunto começava a ser desviado para outros caminhos, fora do fenômeno buscado. Nada desprezei do que foi falado pelas professoras.

Durante as conversas tentei manter silêncio para não intervir no que elas diziam. É uma postura difícil de ser tomada diante de palavras, situações que contrariam a forma de pensar, agir, compreender determinadas situações da parte da pesquisadora

Com estas professoras muito aprendi. Espero com este trabalho possa contribuir com a formação docente no sentido de esclarecer, desvelar situações de preconceito e discriminação racial existentes nas escolas de forma oculta e mistificada que em muitos momentos, impedem o aluno negro de continuar sua trajetória acadêmica.

No próximo capítulo apresento as dimensões apreendidas pela pesquisadora a partir das falas das professoras.

CAPÍTULO IV

AS REPRESENTAÇÕES DAS PROFESSORAS SOBRE SEUS ALUNOS NEGROS

Neste capítulo, faço a análise dos dados que foram organizados conforme descrito no capítulo III. Para tanto, identificadas, a partir da fala das professoras, dimensões em que foram e vão ser construídas suas representações a respeito de alunos negros, reúnem-se para cada dimensão dos diferentes significados a elas pertinentes expressos pelas professoras. Desta forma, o presente trabalho busca situar representações que podem estar ou não mantendo o preconceito e a discriminação racial na escola, confirmando o que existe na sociedade.

As representações das professoras expressam os pensamentos e vivências das participantes, construído nas relações com seus alunos negros.

O ato de representar é constituído nas experiências vividas em um determinado contexto social, no presente caso, particularmente, o ambiente escolar compreende um particular jeito de ver e entender o mundo e as pessoas.

As experiências, adquiridas no exercício da docência, refletem ou não os preconceitos das professoras, pois, desde sua infância, na educação recebida na família e na escola a docente foi assimilando idéias e crenças dominantes na sociedade.

Tais idéias e crenças, fruto das aprendizagens feitas em diferentes ambientes sociais e circunstâncias, influenciam formas de pensar e entender a realidade sobre a qual atuam como professoras e da qual fazem parte os alunos negros, vistos como diferentes.

A aquisição destes entendimentos são as representações que as professoras formulam ao longo da vida e poderão ter aspectos positivos ou negativos sobre aqueles alunos excluídos, marginalizados pelo meio social.

Diz-se como foram e vão se constituindo suas representações relativamente a seus alunos descendentes de africanos, porque, conforme já vimos, representações baseadas em preconceitos contra pessoas, tomam ao longo das experiências de contato com essas pessoas novos contornos.

O conjunto de experiências, ideologias, teorias e metodologias educacionais vividas e utilizadas pelas professoras, constituem a compreensão de mundo e pessoa humana que solidifica, reforça, materializa as representações que influenciam e fazem parte de sua prática docente, bem como sua interação com seus alunos negros.

Neste espaço de interação entre professoras e alunos, o preconceito racial é formulado e exteriorizado pelas professoras que, tentam elaborar estratégias a fim de modificar situações de desigualdade existentes entre negros e brancos na escola. Estas estratégias se tornam equivocadas, quando o superar desigualdades se configura em exclusão. Em outras palavras, as professoras convencidas da pretensa incapacidade das crianças negras, não oferecem as condições necessárias para que aprendam com sucesso, ao contrário, estimulam o abandono aos estudos.

As dimensões em que formam as compreensões que as professoras participantes desta pesquisa têm a respeito de quem são, como são, o que, como e para quê aprendem seus alunos negros são:

4.1 - Experiências vividas:

São tratados aqui relatos que emergem das experiências vividas na prática e nas demais situações de vida das professoras envolvidas neste trabalho. A experiência é formada ao longo da vida. À medida que os anos passam, a pessoa aberta ao mundo em que

vive, descobre a si e aos outros com quem convive. As experiências marcam sua jornada e são fundamentais para vida humana.

O primeiro passo para ingresso no trabalho docente é o curso de formação para o Magistério. Entre as seis professoras somente a professora Aurora (1940) não fez menção a este local. As outras, à exceção da professora Edite (1950) formada na Escola Jesuíno de Arruda da cidade de São Carlos, receberam seu diploma na escola Dr. Álvaro Guião, de São Carlos, umas das melhores escolas de formação para docentes do estado de São Paulo e que atendia, em sua grande maioria, alunas da chamada elite paulista da época.

O curso de formação, segundo falaram, não tratou das relações étnico-raciais no Brasil, estas questões não eram discutidas em sala de aula e, aparentemente parecia não existir diferenças entre alunos brancos e negros. O que provocou um atraso na superação dos preconceitos raciais pelos professores e pela escola.

Aprenderam, elas, na sua formação como professoras que o aluno era um ser perfeito que ouvia e aprendia tudo o que a professora ensinava. O aluno estaria sempre interessado e pronto à aprender. Nas falas das professoras Edite, Perpétua, Beatriz, Juliana, o aluno era visto como que programado para aprender e obedecer ordens. Não era um aluno real. Isto era o que a escola ensinava e na prática viram que isto não era verdadeiro.

Mencionam que a teoria estudada, no curso para o Magistério, era desvinculada da realidade escolar. Estudaram tantas coisas e, depois, não conseguiam realizar muito daquilo com seus alunos no cotidiano. Por isso, consideram que a experiência do professor é algo importante para superar as defasagens dos cursos de formação.

As professoras Juliana e Beatriz dizem que os professores não podem depender somente dos anos de formação para atuar na área educativa, necessitam estar em constante processo de formação. Novos cursos, leituras diversificadas, ajuda de pessoas mais experientes fortalecem o trabalho, que pretende ser de boa qualidade.

Todas as participantes desta pesquisa reclamam da formação recebida, e o mais incrível é que as reclamações se assemelham entre as professoras. Quanto aos conteúdos estudados parece que atravessam as décadas de 1940 a 1990 inalterados. Tratam sempre de elaborar planos de aula, motivações para despertar interesse dos alunos, comportamentos do professor diante dos alunos e nos escritos feitos na lousa. Estão mais presos às regras do que à reflexão.

As professoras das décadas de 1970, 1980, 1990 dizem que o curso de formação parecia haver esquecido que o perfil das pessoas e da sociedade foram alterados e não é possível manter modelos de ensino de cinquenta anos passados. As professoras das mencionadas décadas dizem que o professor novato, formado em um modelo de ensino arcaico não conseguia ter um desempenho satisfatório, no sentido de que todos seus alunos tivessem aproveitamento escolar e não abandonassem a escola.

No entender das professoras Perpétua e Celina o professor perdeu o respeito da escola, da família e do aluno, pela sua formação precária. Foi desprestigiado, pela sociedade, e passou a ser um profissional de segunda categoria. Muitas vezes estereotipado como incompetente.

O âmbito de formação é importante para entendermos as experiências adquiridas pelas professoras, mas o espaço de atuação também se faz importante para entendermos melhor suas conquistas e frustrações. A prática da carreira docente é ponto de

partida. A professora Aurora (1940) iniciou seu trabalho na escola primária do Flor de Maio no ano de 1938. Foi seu primeiro emprego como professora primária. Esta instituição abriu-lhe o caminho para a carreira. Foi a única professora, das entrevistadas, que chegou a ser diretora de escola.

As demais professoras iniciaram seu trabalho em locais diferenciados, algumas saíram da cidade de São Carlos para ingressar no magistério e outras sempre atuaram nesta cidade. Quanto ao espaço de atuação a maioria atuou na rede pública de ensino e somente Beatriz, Juliana e Perpétua fizeram experiências na rede particular.

Suas experiências mostram duas realidades: uma da escola particular e outra da escola pública. O sistema privado, no seu dizer, oprime o educador, não lhe dando liberdade de ação. Está organizado para atender às necessidades dos pais e não dos alunos e, os professores são meros prestadores de serviço neste locais. É criada a idéia de que os pais comprem o serviço do professor, por isso devem ser atendidos em todas às suas exigências.

Já na escola pública, o professor tem liberdade de ação, pode não contar com o apoio da família, mas conta com o apoio da direção. Possui espaço para realizar seu trabalho e não está isolado na sua atividade docente. Algumas professoras disseram que quando fecham a porta da sala de aula fazem o que querem em seu interior.

Na escola particular, o professor, de acordo com a professora Beatriz, vive o espaço da competição com os demais colegas de trabalho. Necessita ser destaque para agradar pais e mantenedores. Acaba por perder sua autenticidade e passa a ser comandado por agentes estranhos ao processo de ensino.

A mesma professora destaca que as apostilas fixas, das escolas particulares, inviabilizam um ensino significativo para o aluno. O educador com a metodologia de apostilas fixas é acuado e oprimido. Sem estímulos para crescimento profissional estaciona-se no tempo e no espaço. Deixa de acompanhar os avanços na educação de seu tempo e seus alunos sofrem os prejuízos.

As professoras formadas nas décadas de 1970, 1980 e 1990 dizem que a sociedade avança a passos largos e a escola não. O aluno, influenciado pelos meios de comunicação social, desenvolve-se rapidamente, mas na escola depara-se com um sistema desinteressante, por isso desliga-se, envolve-se com atividades que geram indisciplina e desordem, nas avaliações das professoras.

Esta é uma questão que as professoras mais novas reclamam e que leva as mais antigas a se julgarem melhores que as iniciantes, pois conseguiam trabalhar adequadamente com alunos em silêncio, calmos e sem fazerem intervenções e perguntas para a professora. Os conteúdos rendiam e hoje os conteúdos não avançam. Isto foi bem colocado pelas professoras Aurora e Celina.

Percebe-se, em suas palavras, que o aluno era de certa forma passivo no processo de aprendizagem; um receptáculo do conhecimento, acumulava saberes desvinculados de sua história, sua realidade, um reproduzidor do que o professor e o livro didático dizia.

No passado este modelo poderia ser funcional, mas na atualidade não pois, como diz a professora Celina, alunos da primeira série chegam na escola sorrindo, fazem avaliações sorrindo, sem nenhum tipo de medo. Isto não acontecia antes. Os alunos choravam e tinham medo da professora, esta situação mudou.

Celina e Beatriz dizem que os alunos estão críticos e não têm dó da professora. Massacram, a professora, sem piedade. Se o professor não estiver preparado, desiste do trabalho. Dizem, as entrevistadas, que se a formação docente não for repensada as escolas ficarão sem professores.

Celina, Beatriz dizem que a auto-estima das educadoras novatas, de certa forma, parece estar ferida por não conseguirem dominar uma situação que não depende somente delas. Perdem o estímulo para o trabalho e consideram-se incompetentes, desejam, às vezes, abandonar as salas de aula para realizar outro trabalho que lhes dê mais reconhecimento e mérito.

Para as professoras, das décadas de 1940, 1950, 1960, tal postura denota que as docentes recém formadas não se importam com os alunos. Fazem críticas ao atual trabalho docente. Para as demais professoras isto mostra que as “antigas” deixam de observar os contextos sociais para centralizar o olhar na professora, que sempre é a responsável pelos desacertos no ambiente escolar. Não é considerado que o aluno sem estímulos suficientes deixa de adquirir gosto pelo aprendizado e revolta-se contra aquela que representa a autoridade e que deve respeitar – o (a) professor (a).

Outra questão relevante para a professora do passado era o prestígio que sua profissão possuía. No caso, das formadas entre 1940 e 1960, participantes da pesquisa, para as mulheres havia um grande interesse, envolvimento em vontade, motivação para o ato de ensinar, possivelmente, por ser esta uma das poucas oportunidades de inserção, delas, no mercado de trabalho.

No dizer de todas elas, atualmente, houve mudanças neste quadro, pois, a mulher conquistou vasto espaço no mercado de trabalho. O magistério não é mais sua única

forma de inserção profissional feminina. Chega-se a pensar e a afirmar, que nos dias atuais as mulheres que optam pelo magistério são pessoas com pouco conhecimento, que não conseguiram espaço em outros ramos e que não sabem matemática. O magistério seria o caminho de fuga das ciências exatas.

Para Edite, Perpétua, Celina, Beatriz e Juliana esta distinção inferioriza a profissão docente que passou a sofrer grande desprestígio nos últimos anos. Era diferente no início do século, salientam as entrevistadas, porque os docentes pertenciam e atendiam as classes sociais de grande poder aquisitivo. Hoje, atendem alunos pobres que estavam fora das escolas, naquela época.

Esta mudança tem início em meados do século XX, segundo a professora Perpétua, com a LDB 5692/71 que democratizou o ensino. Continua a professora dizendo que no princípio, parecia que os professores não estavam preparados para atender esta população, até então, excluída do aprendizado escolar. O trabalho com alunos pobres e ricos de maneira mais ou menos “homogênea” foi dando traços diferenciados ao ensino público. Para Celina e Perpétua nesta época o ensino público começa a ser sucateado.

Ao mencionar, as professoras de modo geral, os alunos pobres, referem-se com destaque aos alunos negros e situam estes alunos nas periferias da cidade. Escolas centrais não contavam com a presença de negros, porque segundo dizem, a escravidão os expulsou das regiões centrais das cidades.

Esta afirmação não coincide com as professoras Edite, Perpétua e Juliana que disseram ter trabalhado na periferia; segundo elas neste local encontraram poucos alunos negros. Perpétua diz que trabalhou em um bairro pobre da cidade de São Carlos habitado, na sua maioria, por migrantes do estado do Paraná, pessoas loiras de olhos azuis.

Diferentemente das formadas anteriormente, as professoras representantes das décadas de 1980 e 1990, afirmam que pobreza nunca foi empecilho para o aprendizado, o que existe são relações erradas que se fazem entre ser pobre e adquirir conhecimentos formais de ensino. A escola pode ser ainda vista como um meio de ascensão social, no dizer delas.

A professora Aurora, representante da década de 1940, não estabelece distinções profundas entre alunos ricos e pobres, negros e brancos. Ao referir-se à escola do Flor de Maio, que funcionou nos anos quarenta diz que os pais não estavam preocupados que alunos negros e brancos compartilhavam o mesmo espaço. O importante era os filhos aprenderem e conseguirem uma boa colocação no mercado de trabalho.

Na opinião da professora Juliana (1990), os pais das crianças pobres não permitiam a permanência dos filhos no ensino regular, por muito tempo. Esperavam somente o básico da escola para logo em seguida mandar os filhos para o SENAI para fazer curso profissionalizante e assim ajudarem no sustento da família.

Esta situação, no seu entender, mostra que a responsabilidade não é só do professor, mas de todo um sistema social que não permite que as pessoas menos favorecidas ganhem espaço de ascensão social através da educação porque necessitam cedo ingressar no mercado de trabalho.

Continua a professora Juliana dizendo que um país, como o nosso, com uma má distribuição da renda cria um contingente de pessoas miseráveis, que lutam a cada dia por um pedaço de pão, nesta situação fica difícil sonhar com universidades, livros, um mundo letrado e altamente tecnológico. Os alunos são os principais afetados por esta política social excludente.

A exclusão social caminha junto com o preconceito racial/ social. Admitir a existência do preconceito de cor, classe social não é fácil para as professoras entrevistadas. A professora Aurora mencionou que para ela não existia preconceito entre os alunos. A professora Edite também chega a pensar de tal maneira, pois, em virtude de sua pouca experiência, em início de carreira, embora sendo negra, achava que na sala de aula todos os alunos eram iguais e não havia preconceito.

Mudou sua idéia com o correr dos anos. Passou a entender que não tinha informação suficiente sobre o assunto por isso achava que tudo estava bem, quando na verdade existia muita discriminação racial na escola. No final de sua carreira, quando passa a estabelecer contato com pessoas militantes do movimento negro, sua forma de pensar e entender o assunto é modificada.

Retornando à professora Aurora, que trabalhou em uma escola pertencente a um clube recreativo negro, mostra que na época, anos quarenta, as escolas praticamente não existiam, poucas eram as pessoas alfabetizadas, os pais elogiavam a professora, sonhando o mesmo futuro dela para os filhos.

Aurora trabalhou com salas multiseriadas; ficava próxima aos alunos permitindo um tipo de ensino quase que individualizado. Isto acontecia pelo pequeno contingente de alunos que freqüentavam o local. Apesar da pouca infra estrutura, avalia que conseguiu realizar um bom trabalho, embora tenha dito no início que seus alunos negros não aprendiam.

As demais professoras não trabalharam com classes multiseriadas. Todas contam da experiência que foi alfabetizar. Encontraram dificuldades no início da carreira. Sofreram um choque com a realidade escolar que as esperava.

A professora Celina não reclamou de sua formação. Parece que seu trabalho foi sempre calcado nos conhecimentos que possuía em profundidade e exigia um comportamento exemplar de seus alunos. Para ela o aluno devia ser “controlado” antes de entrar na sala de aula, para não causar problemas posteriores.

Sua forma de trabalho levava, segundo diz, os alunos à chamarem de megera. Seu relacionamento com eles, por suas palavras, era distante.

Em se tratando de forma de trabalho, a professora Aurora diz que sua experiência ensinou-lhe que seria interessante colocar um aluno lento ao lado de um aluno mais esperto. Os alunos espertos estimulavam os fracos. Com isto conseguia um bom rendimento da sala. Aprender é responsabilidade, inteiramente, no seu entender, do aluno. Aprendizagem como esforço pessoal, é uma afirmativa que perdura até nossos dias, bem como demonstram as palavras da professora Celina formada nos anos setenta.

O trabalho pedagógico de grande parte das professoras foi feito com cartilhas. Aurora diz não ter trabalhado com cartilhas, considerava que as mesmas aprisionavam o trabalho do professor, além dos alunos não terem dinheiro para comprá-las. Sabia das dificuldades e facilidades de seus alunos e somente ela poderia criar às estratégias para ajudá-los. Somente, o contato professor - aluno pode determinar a melhor maneira de ensinar, disse ela.

A professora Edite, formada em 1950, não era contra o trabalho com as cartilhas, mas estas não poderiam ter um fim em si mesmas, seriam um material de apoio para o professor, que criaria conforme às necessidades dos alunos os recursos necessários às aprendizagens. Segundo ela o ensino livresco, que acumula, amontoa saberes na mente dos alunos é concebido, vivido de longa data.

Para a professora Beatriz (1980) ter cadernos abarrotados de tarefas era sinal de um bom trabalho para pais e mantenedores de escolares particulares, agora se o aluno aprendeu, parecia não ser tão importante.

A cartilha, como dizem as professoras, é um material bom desde que bem utilizado. O “bom professor” saberá até que ponto este material é desejável, dizem elas. O problema é quando ele se torna uma camisa de força para professores e alunos. O docente deve possuir habilidade e competência para bem utilizá-lo, concluem.

A professora Edite (1950) se posiciona contra o construtivismo. Entende que os professores não sabem definir esta proposta pedagógica e assim não conseguem praticá-la. Obrigados que são a utilizar tal prática fazem um trabalho mal feito que prejudica a vida dos alunos. Por causa do construtivismo, na sua opinião, nos dias atuais temos muitos alunos de quartas séries analfabetos. Considera que não é viável trabalhar com aquilo que não se sabe.

Ela chegou a ter quarenta e dois alunos na sala e pegar na mão de cada um deles para ensiná-los a escrever. Foi trabalhoso, mas valeu a pena porque os alunos tinham letras bonitas, não os rabiscos que hoje fazem e os professores não conseguem definir que símbolo lingüísticos o aluno está querendo representar.

A professora Beatriz e a professora Juliana dizem que utilizam em seu trabalho filmes, músicas, programas de TV. É um material diferenciado que parte das situações vividas pelos alunos. Percebe-se que a concepção de ensino está mudando. É importante que o aluno aprenda a escrever corretamente, pois a sociedade dele cobrará a norma culta da língua, mas hoje existem materiais para ajudar no processo de aquisição da língua materna. Isto não significa fazer experiências com os alunos, mas sensibilidade e

autonomia da parte do professor para organizar uma forma de trabalho que contemple, preencha as reais necessidades de seus educandos.

As professoras entrevistadas desejaram e desejam em sua carreira realizar um bom trabalho. A questão, segundo elas, é possuir apreço pela carreira do magistério, saber que a sociedade está em constante processo de transformação e por isso o professor não pode ficar acomodado àquilo que aprendeu no passado.

A professora Celina esclarece que há alunos limitados que, dificilmente conseguiram ultrapassar seus próprios limites, não adianta forçá-los. Trabalha textos com estudos dirigidos e procura não deixar dúvidas na cabeça dos alunos. As classes de alunos repetentes, por exemplo, está sempre com conteúdos atrasados e poucos dos que aí estão conseguem se salvar.

A professora Juliana cita a mesma situação, pois, trabalhou também com sala de alunos repetentes, diz que apesar de se seus esforços existem alunos que não vão de jeito nenhum. Alguns, de repente, sofrem um insight e conseguem avançar nos estudos, outros ficam imobilizados, não saem do lugar e desistem da escola. Ilustra com o caso de um aluno, filho único, muito mimado pelos pais. Apresentava problemas psicológicos e físicos. Fez o que pode e não conseguiu nada com ele.

Beatriz, por sua vez, trabalhou com um aluno portador de Síndrome de Down, foi complicado, pois, não sabia o que fazer. Começou com passos lentos e o aluno, na medida do possível, avançou.

Para as professoras, de modo geral, aprender depende do esforço e do desejo de cada aluno e das habilidades do professor em entender as necessidades daqueles que lhe são confiados. Para elas aprender é um ato de reciprocidade.

Nesse ponto o aluno negro é prejudicado, pois, as professoras, quase todas, possuem a representação de que a história do negro marcou sua vida e isto fez com que seu rendimento escolar fosse inferior ao do aluno branco. Assim, na troca de experiência estará, o negro em desvantagem.

As idéias formuladas sobre o aluno negro são de que ele é um problema. Envolve-se em brigas, confusões e é lento para o aprendizado. A professora Perpétuas fala desta situação mas, acentua que o aluno negro é tão competente quanto qualquer outro. Entende que é mau visto porque a escola está cheia de preconceitos em relação a ele.

A professora Perpétua diz que a sociedade, os meios de comunicação desqualificam o negro. Propagandas, novelas, entre outras formas de comunicação social, situam a pessoa negra sempre em condição inferior e, infelizmente, muitas pessoas negras acreditam e aceitam esta situação de inferioridade.

Para esta professora a pessoa negra sem incentivos para vencer os obstáculos postos à sua frente deixa-se oprimir. Por isso, utiliza sua experiência de vida associada à pedagógica para conversar com seus alunos negros e tentar motivá-los. Ouve o que eles têm a dizer e utiliza exemplos de sua vida para que eles acreditem que é possível vencer.

As professoras disseram que durante a carreira docente sempre esbarraram em sérias dificuldades de aprendizagem, de discriminação social/racial, de indisciplina, entre outras. Dizem que o importante é a professora ou o professor sentir-se valorizado e encontrar condições para desenvolver um bom trabalho, não esquecendo que de uma forma ou de outra estará sempre sendo supervisionado.

Suas estratégias de ensino o ajudarão a sobreviver diante daqueles que o controlam. Isto já acontecia com a professora Aurora no ano de 1940. Ela driblava o

supervisor de ensino. Aparentemente seguia suas ordens, mas sempre fazia o seu trabalho. Nunca foi advertida. Com seu esquema driblava o sistema, representado pela pessoa do supervisor.

Segundo a professora Beatriz, na escola particular acontece quase a mesma coisa, pois, fala das dificuldades que encontra em realizar novos projetos com seus alunos. Não consegue desenvolver seu trabalho da forma como deseja, embora diga que trabalhar a formação humana é mais importante do que ensinar os alunos a fazerem continhas. Existe no interior da escola um esquema que ela deve obedecer, mas que não a impede de ter suas próprias idéias e tentar de alguma forma colocá-las em prática. Sua ação é um tanto diferenciada da professora Aurora, mas a seu modo dribla o sistema que a controla.

A fala das professoras mostra que a sociedade colaborava com o professor porque o respeitava na função que exercia, no passado. Hoje uma das queixas de quase todas as professoras é que a escola não pode mais contar com a presença da família. A família, envolvida com o trabalho, sustento do lar, não possui tempo para atender às necessidades dos filhos. Relega para a unidade escolar a função que lhe caberia em primeira instância, educar seus filhos.

Neste sentido, Celina diz que o (a) professor (a) precisa ser pai, mãe, psicólogo, médico, entre outras funções, para atender as deficiências que os alunos trazem para a sala de aula. A professora Celina diz que o aluno escreve redações contando pormenores de sua vida para que a professora leia e saiba o que acontece com ele. Tanto Celina como Beatriz mencionam este fato e dizem que a professora recebe muitas informações da vida do aluno.

As professoras, participantes desta pesquisa, satisfeitas com seu trabalho possuem experiências significativas, pois muitas viveram no período da improvisação como Aurora (1940) e Edite (1950), períodos em que eram poucos os materiais didáticos e pedagógicos disponíveis, e mesmo assim conseguiram que seus alunos aprendessem, encontrassem oportunidades na vida.

A professora Juliana dentre suas experiências conclui que os professores devem conhecer melhor seus alunos, dialogar, dar opiniões e ouvir também. Sabe que a sociedade estraga as crianças, mas o professor não deve desistir de sua missão de ensinar.

A missão de ensinar é às vezes difícil de ser entendida, pois se ensinar fosse missão todos os professores estariam engajados, assumindo os problemas, enfrentando os obstáculos e aceitando tudo como meio de salvação da humanidade. Pode não ser esta a função da atividade docente na dizer da professora Celina.

Perpétua diz que sua experiência mostrou-lhe que a sociedade politicamente mau organizada não atende às necessidades de seus professores e alunos. Uma política inadequada traz prejuízos para a educação e será uma das prováveis causas do insucesso de tantos alunos e professores no ambiente escolar.

Causas sociais não omitem as professoras de dizer que têm consciência de ter cometido muitos erros. Dificilmente encontravam pessoas dispostas a ajudá-las. Precisavam encontrar soluções para seus problemas que eram os mais adversos possíveis. Na constante busca houve muitos acertos mas, também muitos erros.

Juliana é uma pessoa católica, que acredita em Deus. Sabe que muita coisa pode ser mudada quando se tem fé. Diz que muitos alunos foram massacrados por

professores inaptos para a docência. Pretende não cometer erros, por isso gosta de ser avaliada pelos alunos.

As professoras aqui mencionadas esforçaram-se para realizar um bom trabalho. A vida cotidiana foi determinando o rumo de cada uma delas. Algumas foram mais felizes, outras encontraram maiores dificuldades, mas todas merecem apreço pelo trabalho que realizam e realizaram.

4.2 – Contexto Social

Esta dimensão nos mostrará, de acordo com o que foi dito pelas professoras participantes desta pesquisa, como o ambiente social era estruturado na época em que atuaram como docentes. Sabemos que o contexto histórico-social influi no pensamento e nas ações dos indivíduos na vida em sociedade. Assim é importante entendermos o contexto em que estas professoras viveram e que influenciaram as representações que possuem de seus alunos.

Retornando ao passado ouviremos a professora Aurora dizer que inícios do século XX até meados dos anos sessenta existiam, em São Carlos, pouquíssimos grupos escolares. As escolas em destaque, que atendiam toda a região eram: Escola Estadual Dr. Álvaro Guião, também conhecida como Instituto de Educação, Escola Dr. Paulino Carlos, Escola Dr. Eugênio Franco e Escola Jesuíno de Arruda. As escolas eram realmente escassas e a presença do município ajudava a suprir, em parte, a falta destes estabelecimentos. Como no caso da escola do Grêmio Recreativo Flor de Maio, que era responsabilidade da Prefeitura Municipal e não do estado.

As escolas do início do século, segundo a professora acima citada, ofereciam o mínimo de escolaridade para o indivíduo ser alfabetizado, não existia grande preocupação com altos níveis de aquisição do conhecimento, o básico já era suficiente.

Continuando Aurora diz que as salas de aula, mantidas pelo poder municipal eram multiseriadas, isto é, numa mesma sala funcionava o ensino de 1^a a 4^a série do Fundamental. Tal fato revela que a população escolar era ínfima, tanto que, quatro séries eram concentradas num espaço único. Nestas salas se encontravam crianças negras.

A professora Edite e a professora Aurora trabalharam na escola Dr. Paulino Carlos. Disseram que nesta escola não existiam alunos negros. Era uma escola elitizada, assim como, a Escola Dr. Álvaro Guião. No pátio da escola, na hora do recreio, só eram avistados alunos brancos, todos com seus lanches suculentos.

A professora Perpétua diz que São Carlos em fins do século XIX, início do século XX foi um município que abrigou grandes fazendas de café. Pode-se, segundo ela, dizer que eram as maiores fazendas do Estado de São Paulo. As escolas aqui fundadas no início do século foram criadas para atender os filhos dos grandes cafeicultores da região. Perpétua continua dizendo que a Escola Dr. Álvaro Guião, local de formação de professores e que também oferecia o Ensino Básico, foi construída com apoio desta população rica que trouxe da Europa todo material utilizado na construção deste prédio.

Edite diz que a escola Dr. Paulino Carlos não chegou a ter o destaque da Escola Dr. Álvaro Guião, mais foi local pensado e criado para a população abastada financeiramente. Na atualidade tanto uma escola como a outra são patrimônios históricos do município.

Perpétua, relatando os fatos histórico que possui conhecimento, continua dizendo que juntamente com a alta produção cafeeira que trouxe destaque a São Carlos, para cá vieram, muitos escravos para trabalhar nestas lavouras. Estudos mostraram que o município foi um dos que recebeu maior número de escravos entre todos do Estado de São Paulo.

Diz Perpétua, que após a abolição da escravatura esta população perdeu seu lugar nas grandes fazendas da região. Foram substituídos, principalmente, pelos imigrantes italianos que para cá vieram no início do século. Postos à margem da sociedade, as pessoas negras, concentraram-se ao redor da cidade, nos chamados bairros pobres e “perigosos”.

Perpétua diz que este é hoje um dado passado, pois, com o desenvolvimento da cidade, os bairros antes marginalizados hoje são praticamente centrais e os alunos negros ainda são minoria tanto nas escolas da área central como nas periféricas. Não há uma justificativa coerente para a ausência da população negra dos bancos escolares.

Existe nas falas das professoras das décadas de 1940 e 1950 uma comparação entre as escolas Dr. Álvaro Guião e Paulino Carlos, locais em que trabalharam, com a escola do Grêmio Recreativo Flor de Maio, local em que trabalhou a professora da década de 1940, mostram que as duas primeiras escolas representavam a população rica e a terceira escola a população pobre.

Aurora diz que a escola dos pobres não possuía infra estrutura, caso da escola do Flor de Maio, e tão pouco recursos pedagógicos adequados, ao passo que, a escola dos ricos possuía diversidade nos recursos pedagógicos disponíveis para época e ótima infra estrutura. Fato confirmado pela professora Edite.

Uma desigualdade marcante, segundo as professoras acima mencionadas, que mostra como a desigualdade social e racial é algo construído ao longo dos tempos e se conserva nos tempos favorecendo àqueles que têm o poder e marginalizando os desfavorecidos.

A professora Aurora que fez a experiência de trabalhar nas duas escolas diz que na escola do Flor de Maio, uma instituição escolar que existia para suprir a ausência de escolas públicas estaduais, atendia um mesmo número de alunos brancos e negros, com condições precárias, pois tudo era improvisado. Na escola Paulino Carlos a situação era totalmente oposta.

A maioria dos alunos, freqüentadores da escola municipal, eram filhos de associados do clube, crianças pobres, com poucas chances de modificar sua condição social. Os outros eram filhos de pais preocupados com o futuro de seus rebentos.

Segundo a professora na época não existia preocupação do aluno branco estudar com o aluno negro. A professora entende que pelo fato de negros e brancos pertencerem a uma mesma classe social, não havia motivo para rivalidades entre eles, naquela escola.

Na fala da professora a presença da criança na escola seria uma forma de afastá-la das ruas e da vadiagem, principalmente no caso dos negros e pobres. O contato com a escola seria uma forma de a criança não ficar vagabunda ou marginal. Isto acontecia na zona urbana porque na zona rural com sete anos de idade a criança tinha que trabalhar na roça, com uma enxada nas mãos. Estudar era um luxo delegado aos ricos. Observa-se a distinção também entre meio rural e urbano, bem expressos pelas professoras Aurora, Edite e Perpétua.

Aurora completa dizendo que todos que adentravam o espaço escolar, tinham obrigação de terem boas notas para não serem castigados pelos pais, isto no meio urbano, porque no meio rural o conhecimento escolar não era valorizado, o trabalho valorizado era o braçal. A professora era elogiada pelos pais e considerava isto uma gratificação.

Celina (1970), diz que no passado o professor foi valorizado, mas atualmente isto não mais acontece, tão pouco o aluno está preocupado em tirar boas notas. Para muitos é “carece” ser bom aluno. O aluno que “flauteia” na escola é mais solicitado pelos amigos e consegue ter namoradas, o que o faz ser bem visto por todos.

Continua Celina dizendo que não há esforço, da parte do aluno, como no passado, em estudar e crescer intelectualmente. A escola não é mais local de ascensão social, pois existem na atualidade outras formas de ganhar dinheiro, sem os conhecimentos escolares. Muitos pais esperam que os filhos sigam seu exemplo de “aluno do passado”, mas não conseguem, pois, os pais perderam “o controle na educação dos filhos”.

O respeito, para a professora Perpétua, é fundamental para um bom desenvolvimento nos estudos mas, não faz mais parte dos valores que o aluno traz consigo para a escola.

Segundo ela, o mundo capitalista tira a pessoa do centro do mundo. O lucro passa a ser o centro. As pessoas são periféricas. Assim, a pessoa só é considerada “de valor” se gerar lucro para o mercado consumidor. Nossas crianças e jovens são objetos deste ambiente capitalista. Elas e suas famílias não se dão conta desta realidade, e a escola também não observa profundamente a questão. Por isso não se consegue entender porque não há interesse em estudar.

A mesma professora, acentua, que a criança, o jovem quer estar sempre na moda, seguindo os padrões impostos pela mídia. Vão a escola para comparar seu material escolar com o do colega, sua roupa com a do amigo. Todo aquele que não consegue ingressar nesta roda é excluído, marginalizado. Nestes estão, principalmente, os alunos negros.

Embora a condição econômica da população negra sofreu alterações, ainda, os negros possuem baixo poder aquisitivo, na fala de Perpétua. Não conseguindo adquirir os bens exigidos pelas classes dominantes são inferiorizados, o que lhes causa sérios problemas no ambiente escolar. A agressão é uma das formas de defesa diante de situações vividas, pelos alunos negros. O descaso para com a escola é entendido como mecanismo de defesa contra um sistema que oprime a pessoa negra. Tal contexto não é compreendido desta forma e o aluno negro é estigmatizado, assim como o pobre, o morador da favela, que hoje já não é mais tão pobre como em tempos atrás. A professora Edite, já aposentada, diz que nos últimos tempos olhava para os alunos e não conseguia distinguir quem era rico e quem era pobre.

O mundo capitalista na fala da professora de 1960, interferiu muito na vida cotidiana, principalmente, na vida escolar das pessoas, dos alunos mas, isto não modificou o controle que os professores sofrem em seu trabalho diário. As escolas continuam sobre supervisão das diretorias de ensino e os professores devem mostrar “trabalho”.

Mesmo com as mudanças sofridas pela sociedade o que importa, ainda, para mostrar um bom trabalho docente, são cadernos cheios de lições, alunos enfileirados e em silêncio total.

Nas fala das professoras das três primeiras décadas, tempos atrás o controle era forte e não impedia o fluir do trabalho docente, o trabalho em sala de aula rendia muito. Hoje o controle não é tão intenso e o trabalho do professor não caminha da forma como se espera. Para estas professoras algo está muito errado.

Para as professoras das décadas de 1980 e 1990 as coisas estão mudadas porque nos dias atuais tenta-se resgatar e conscientizar o aluno e sua família dos valores que lhes assegurem uma vida digna. Isto no passado, para elas, parecia não ser importante. As professoras Perpétua, Beatriz e Juliana falam da importância do professor ser conscientizado para os problemas da sua época e assim valorizar o desenvolvimento de um trabalho que contemple o valor da pessoa humana e aumente a auto estima do aluno, em especial, do negro. O ensino de conteúdos, com fim em si mesmo, deve ceder lugar a um estudo que conduza à reflexão sobre a pessoa humana.

Edite, Aurora e Celina deixam claro que sua metodologia de trabalho é tradicional. Consideram que o método tradicional de ensino por mais críticas que sofra não será abandonado. Deve-se conhecer todas as formas de trabalho e fazer opção para aquela que melhor se adapte à realidade com que se trabalha. Embora digam isso Edite deixa clara sua opção pela forma tradicional de ensinar. Esclarece não gostar do método construtivista, que segundo ela, trata-se de um modismo, que somente “estraga” o aluno ao ingressar na primeira série.

Desta forma, não é favorável ao ensino pré – escolar. Para Edite e Perpétua no Brasil copiou-se modelos de ensino europeus e norte americanos que não modificaram em nada a vida de nossos estudantes que vivem uma realidade contrária a destes países desenvolvidos.

Para elas a escola tornou-se uma reprodutora da sociedade a que pertence. A desigualdade existente entre ricos e pobres na sociedade é refletida de igual forma e maneira no sistema de ensino como um todo, assim como, a desigualdade entre negros e brancos.

A exceção da professora Aurora, para todas elas tais assuntos não foram discutidos nos seus cursos de formação para o magistério. Questões raciais e sociais não eram temas crescentes como esclarece a professora Perpétua. Havia um silêncio muito grande em relação a este assunto.

A professora Edite conta que no início do século XX, seu pai, um aluno negro frequentou o grupo escolar e foi severamente discriminado em virtude de sua cor. A escola não estava preparada para trabalhar com o aluno negro, pois, a sociedade também não sabia conviver com aquele visto como diferente e por ela marginalizado. A escola reproduzia e reproduz o mesmo crime que a sociedade cometeu com o povo negro ao escravizá-lo. Para elas o não entendimento do assunto provocava o silêncio.

Este silêncio foi ampliado, segundo Edite e Perpétua, durante a ditadura militar de 1964 - um grande atraso cultural para o Brasil. Os professores silenciavam em sala de aula. Não discutiam assuntos polêmicos com os alunos. Tinham medo de serem presos, pois, uma vez presa a pessoa desaparecia e ninguém sabia de seu paradeiro.

Para estas professoras estes fatores associados a uma má administração política de nosso país fez com que nossa educação parasse no tempo. Atualmente, parece que tudo voltou a caminhar sendo desvelados muitos temas e assuntos mantidos em sigilo por longo período.

A professora Edite diz que o atraso sofrido pelos país com regimes autoritários provocou até o desaparecimento de materiais que ajudavam a entender e compreender a cultura negra. No ano de 1970 teve a pretensão de fazer um trabalho sobre a população negra e não conseguiu encontrar material, tudo na sua opinião estava escondido para não excitar o povo na reivindicação de seus direitos humanos e sociais.

Para Edite e Perpétua, professoras negras, hoje existem materiais que discutem a questão do negro, mas ainda são poucos. Atualmente, surgiu a revista Raça com objetivo de dar algum tipo de informação sobre o povo não branco; é esperado que ela seja aceita pela população e não acabe tão rapidamente.

As professoras mostram como as questões raciais estão ganhando espaço para discussão na sociedade em que vivemos, tanto que hoje, segundo fala de Perpétua, o racismo é crime, e por tal motivo considera que muitos professores deveriam ser denunciados, pois, abertamente discriminam seus alunos negros através de piadas e estereótipos. Na sua opinião deve existir um trabalho que esclareça a população docente e a sociedade de modo geral sobre o preconceito e conseqüente discriminação que existe na mente e na vida das pessoas de modo geral.

O dado acima nos ajuda a entender o comentado pela professora Celina sobre a violência presente nos dias atuais e que expõe as crianças a severos danos físicos e morais, como o caso de um aluno seu estuprado pelo vizinho. Esta criança tornou-se portadora de traumas talvez incuráveis, que resultaram em uma rebeldia crescente de sua parte e a família nada fez para resolver seu problema. A situação deste menino para Celina devia-se, em partes, ao fato de ser negro e pobre. Logo o preconceito e a discriminação, ditos pelas professoras anteriores, associam violência à pessoas negras e pobres.

Assim as professoras de 1980 e 1990, dizem que nos dias atuais tudo acontece de forma rápida e as pessoas necessitam se atualizar diariamente. No caso do menino acima, a família aceitou uma situação terrível, que segundo a professora isto ocorreu porque a família era desajustada e desligada dos seus direitos sociais e civis, impediu qualquer tipo de ajuda no caso. Logo a escola não possui mais o poder de intervenção que possuía nos anos de 1940, 1950, 1960.

A escola controlou, no passado, seus alunos e na atualidade tal processo de controle parece não surtir mais efeito. Mesmo que a escola deseje não consegue mais moldar seus alunos em formas previamente pensadas para eles, segundo Beatriz e Juliana. O medo da escola deixou de existir e a criança de hoje é totalmente diferente da criança do passado. Celina deixa isto bem claro quando diz que os alunos da primeira série não choram mais quando a professora faz algum tipo de avaliação. Antes não era assim, eles choravam por qualquer coisas, hoje acham graça.

Por isso Celina e Beatriz dizem que a professora nos dias atuais necessita utilizar metodologias diferenciadas para atrair e conscientizar seus alunos, principalmente, os negros. Trabalho com filmes, pesquisas sobre o continente africano são, para elas, uma forma de ajudar o aluno negro à entender sua história.

Para Edite e Perpétua tais recursos pedagógicos devem ser cuidadosamente avaliados, pois, todo material que se conhece produzido, nesta área, pelos meios de comunicação inferiorizam a pessoa negra ao invés de mostrar seu valor, sua condição de superar e vencer toda forma de preconceito.

Para a professora Juliana poderíamos viver em uma sociedade baseada na igualdade, pois, durante o Império Romano os cristãos davam o ósculo – o beijo da paz. Os

irmãos promoviam a união de diferentes classes. Todos eram considerados irmãos. Era algo fantástico uma religião quebrar preconceitos.

Diz que, segundo o evangelho, na sociedade não devem existir nem maiores nem menores. O problema é a dificuldade em mudar a mentalidade das pessoas. Pode existir boa vontade nas palavras, mas na prática tudo é difícil, principalmente, quando o assunto é sobre o negro. Juliana fala da existência de muita desigualdade e preconceito em nossas escolas, fato identificado pelos dados até o momento apresentados e que abaixo completo.

4.3 - PRECONCEITO:

As experiências e contextos vividos pelas professoras e evidenciados em suas falas permite identificar preconceitos contra os negros como uma das dimensões em que se constroem suas representações a respeito dos alunos negros. O preconceito é fruto do mascaramento da realidade, produzido por ideologias que contribuem para o sustento de uma ordem social desigual e injusta.

Na fala das professoras fica explícito o preconceito, contra pessoas negras, presente no âmbito escolar. As professora Aurora, Celina, Beatriz fazem diversas menções a alunos negros como fracos diante dos alunos brancos. Dizem que demoram a aprender, por isso necessitam da ajuda dos brancos mais espertos.

As professoras não demonstravam entender como preconceituosas são tais afirmações; na sua opinião estavam constatando fatos corriqueiros “normais” no dia a dia da escola. As representações em relação ao aluno negro, social e historicamente construídas, não permitiam que as professoras percebessem as condições de aprender dos alunos negros.

Esta situação, presente nos meios educacionais da atualidade, é mencionada pelas professoras Beatriz (1980) e Juliana (1990). Os anos passam, mas certas idéias alimentadas por preconceitos, como esta, permanecem.

O progresso do aluno negro é visto como lento pela maioria das professoras participantes desta pesquisa. As professoras Edite e Perpétua, negras, não fizeram menções a esta dificuldade apresentada pelas demais professoras brancas.

As professoras que apresentam as dificuldades dos alunos negros como próprias da sua natureza o que os colocaria em desvantagem em relação aos alunos brancos, não acreditam no sucesso dos primeiros no ambiente escolar. Falam com base em observações que faziam, dentro e fora das escolas e concluíam que não existiam negros em destaque na sociedade. Observavam que alguns conseguiam se sobressair através da música, do esporte, de atividades que não são vistas como dependentes da escola, do aprendizado formal do ensino.

Comprovam suas observações ao dizerem que existem poucos negros médicos, engenheiros, dentistas, advogados, e até professores. Os poucos professores negros, que existem, segundo elas, estão na rede pública de ensino e sofrem exclusão por causa de sua cor. A exclusão pela cor é um dos fatos mencionados e sofridos pela professora Perpétua, que é negra.

Segundo Edite e Perpétua nas universidades há poucos alunos negros. Perpétua diz que as cotas universitárias impostas pelo governo federal não são uma forma justa de colaborar com esta população. Diz que o aluno negro deve chegar lá por mérito próprio e não por imposição. Ao longo da vida ele deve ter condições de desenvolver seus conhecimentos e habilidades para que junto com o branco conquiste o espaço que lhe é de

direito. A professora Edite, por sua vez, não pensa desta forma e diz que através das cotas o governo devolve, em partes, o que foi roubado do povo negro.

As professoras Aurora, Celina e Beatriz acham duvidoso o sucesso do aluno negro. Tal dúvida surge do fato de terem antepassados escravos que não freqüentaram escolas porque eram incompetentes. Associam a pessoa negra aos episódio drásticos da escravidão e permanecem com discursos preconceituosos do passado.

Para Perpétua, professora negra, a palavra escravidão remete à idéia de submissão, logo, na idéias dos preconceituosos o negro deve estar submetido ao branco, depende de sua ajuda para tentar melhorar sua condição de inferioridade. Idéia distorcida e preconceituosa. Ela rebate esta idéias afirmando que o negro é tão único quanto o branco. Se um pode o outro igualmente poderá. Para esta professora para os brancos é difícil conseguir libertar-se do passado e ver o negro como uma pessoa realmente livre.

O peso da escravidão acompanha os negros, pois, lembra Edite, também negra, que os negros que vinham limpos para a escola significava algo extraordinário, uma vez que, o grupo de professoras com quem trabalhava associava a imagem do negro à sujeira. Para ela, esta é uma idéia carregada de conceitos prévios não condizentes com a realidade. A relação escravidão / sujeira mostra a falta de entendimento do branco em relação ao negro.

Tanto Perpétua como Edite dizem que guardou-se a idéia de negros nas senzalas, sem condições mínimas de higiene e transportam-se estas idéias para a pessoa do negro já fora da senzala. Mesmo fora, com “liberdade”, o negro continua preso na senzala ideológica construída e representada pela nossa sociedade.

Para Perpétua, o preconceito, fruto de ideologias sociais, modifica a imagem da pessoa negra em sua totalidade. A escravização do negro transformou-o em mercadoria, para facilitar seu comércio. A partir disso, tudo o que se fazia com uma “coisa” se fazia com o negro, e para esta professora, muitas pessoas na sociedade, no meio educacional, mantêm estas idéias e imagens, criadas neste período cruel de nossa história.

Para Perpétua muitos professores trazem estas concepções em seu ideário pedagógico e findam por discriminar seus alunos negros considerando-os fracos, impossibilitados de adquirirem conhecimentos da mesma forma que os brancos são capazes.

Ela, negra, conta os dramas que sofreu em sua infância quando foi severamente discriminada em sala de aula pelos colegas. Era criança e não entendia porque as crianças não queriam brincar com ela na escola. Começou a entender, quando na primeira série do ensino fundamental, uma aluna com deficiência física não quis dar sua mão para ela na saída da escola. Obrigadas pela professora deram-se as mãos. Ao sair pelo portão da escola a garota deficiente cheirou a mão para saber qual era o cheiro da pessoa negra.

Perpétua ficou indignada e passou a rejeitar a menina também. Interessante que a garota que a rejeitou também era rejeitada em virtude de seu problema físico. Mas, isto não foi motivo para que ela não discriminasse Perpétua, aluna negra.

Na adolescência esta professora que morava em uma colônia da FEPASA, para ir à escola passava na frente de uma república de rapazes estudantes universitários. Eles esperavam ela passar para chamá-la de tição, fundo de panela, bom – bril.

Perpétua é católica e quando, ainda criança, quis participar de uma procissão como um dos anjos foi impedida. Disseram que Deus não criou anjos negros e ela teve que ser Nossa Senhora Aparecida, a santa negra do Brasil. Foi uma posição mais elevada, mas para ela o que interessava era ser anjo, um desejo que conservava enquanto criança. Ficou decepcionada com o que lhe ocorreu.

Esta professora sofreu muita discriminação na sua vida. Conta que na escola foi escolhida para fazer uma apresentação oral na festa do livro e sentiu a indignação dos professores por ela ser negra e ter sido escolhida para fazer tal apresentação.

Como professora enfrentou diversas vezes o espanto dos alunos e dos pais ao verem no início do ano que a professora era negra. Não acreditavam na capacidade que possuía para ensinar e alfabetizar crianças. Sofreu muito, mas conseguiu superar estas barreiras. Tenta com estes exemplos de sua vida incentivar seus alunos negros que sofrem com o preconceito, mas não são todos que ouvem suas palavras.

Edite, professora negra, diz que o preconceito impõem sofrimento àquele submetido à rejeição. As pessoas negras, ao longo da história, têm sofrido rejeição, exclusão, solidão por não serem aceitas pelos brancos que ideologicamente julgam-se superiores.

A professora Edite, por ser negra, sentiu-se poupada do sofrimento que as pessoas de sua raça enfrentam. Não guarda episódios que a marcaram relacionados ao preconceito racial. Pelo contrário seu pai enfrentou a exclusão, na escola, nos anos iniciais do século XX, a dor de ser negro e não pode conviver normalmente com as pessoas brancas.

No início do século XX, ele foi um dos poucos negros que ingressaram nas poucas escolas existentes. Foi submetido a um martírio pois, ele era o único negro em meio a um grupo de alunos brancos e um grupo de professores também brancos. Conta que alguns professores, embora preconceituosos não eram tão ruins, tinham dó dos alunos negros, e para poupá-los” não os chamava para ler, ir ao quadro, corrigir cadernos. Deixavam os alunos caladinhos, ignoravam sua presença. Era como se não estivessem lá. Outros professores não gostavam do aluno negro e por isso o massacravam e humilhavam.

Edite conta que os livros utilizados por seu pai na época traziam comentários pejorativos sobre a pessoa negra. Falavam que esse povo era vagabundo, sujo, preguiçoso. O professor cruel chegava na sala e chamava o aluno negro para fazer leitura desses textos. Pretendia com isso que o negro percebesse que aquele lugar não lhe pertencia. Os colegas zombavam dele e o professor colaborava na humilhação.

Continua seu relato dizendo que ao sair da escola o aluno negro espancava os brancos que lhe ofenderam. Era minoria por isso perdia sempre e os professores pela janela do colégio assistiam sem tomar nenhuma atitude.

Para Edite e Perpétua os conceitos sobre a pessoa negra formulados nas escolas, vêm pela contra mão de longa data. Despreza-se a pessoa negra e afirma-se a existência de uma falsa democracia racial para encobrir a discriminação e o próprio aluno negro. Assim, este povo sofreu e continua sofrendo a ignorância que a humanidade lhes confere por terem um diferencial que se faz presente na cor da pele, no dizer delas.

As situações acima foram relatadas por duas professoras negras. As professoras brancas, participantes desta pesquisa, também fazem menções ao preconceito que percebem em sala de aula.

A professora Celina (1970) conta o caso ocorrido nos anos 1990 com um garoto negro, seu aluno, que era estuprado pelo vizinho quando saía para ir à escola. O menino não ia bem na escola e só falava para os colegas sobre relação sexual. A família chamada na escola e avisada do problema não tomou nenhuma providência, tampouco a escola.

Para a professora este seria um caso de pedofilia que poderia ser denunciado às autoridades superiores e este vizinho deveria estar preso pelo crime cometido. Mas quando o assunto é com o negro tudo parece ser normal. A família não luta por seus direitos, nem tão pouco é esclarecida para tomar atitudes mais severas. Falta conscientização para este povo e para toda sociedade. A professora diz que se o caso fosse com um branco tudo seria diferente.

Celina (1970), professora branca, cita também o problema de um casal, uma menina branca e um garoto negro, que se apaixonaram. O caso foi motivo de escândalo na escola e choque para a mãe da menina. As pessoas não podiam acreditar que aquela menina loirinha, de olhos azuis estava apaixonada por aquele “neguinho” de calças largas, tênis desamarrado, com jeito de garoto safado.

A professora diz que as meninas gostam de pessoas que não prestam. E ninguém conseguiu impedir o namoro. Acrescenta que entende a situação da mãe porque jamais aceitaria que sua filha namorasse um garoto negro. É contra à miscigenação. Fala que branco deve ficar com branco e negro ficar com negro, não é para misturar as raças para que os filhos não sofram.

Deixa claro que o preconceito maior é do negro com o negro. Teve diversos alunos que odiavam serem negros. Queriam se possível pintar-se de branco. Não queriam

uma namorada negra mas, loira, branquinha do jeito que era a professora. Diziam, seus alunos negros, que as mulheres negras são beijudas, com nariz e cabelo horríveis.

Celina não se opunha a estas palavras dos alunos e achava que o negro devia querer realmente mudar sua cor porque é sem prestígio, sem reconhecimento social. Completa sua fala dizendo que a maioria de seus alunos negros tornaram-se bandidos, marginais. Infelizmente sua fala situa o negro sempre do lado negativo.

Em sua fala Perpétua pode encontrar explicação para as idéias e ações da professora Celina. Isto quando ela diz que praticamente todas as pessoas de nossa sociedade desconhecem as lutas do povo negro. Pessoas que desconhecem os movimentos de resistência negra do período da escravidão através, dos suicídios, abortos praticados pelos negros como forma de negarem a opressão que sofriam, não sabem, segundo esta professora o que os negros sofreram e sofrem. Continua, ela, dizendo que os escravos negros tentavam de todas as formas superar as mazelas que lhes eram imputadas pelos “senhores brancos”.

O capitão do mato, às vezes um negro ou mestiço, assumia esta posição não porque não gostava dos negros mas porque queria ser visto, reconhecido, pelo senhor branco. A formação dos Quilombos, grande marco da resistência negra, foi uma das formas que os negros fugitivos das fazendas encontraram para formar uma comunidade forte para tentar por fim ao sistema social que os impedia de viver com dignidade. Zumbi foi um dos grandes líderes quilombolas, salienta a professora, mostrando que por iniciativa própria busca conhecer a história de seu povo.

Segundo Perpétua, poucos conhecem e discutem estes assuntos em sua essência. Sabem dizer que os negros eram rebeldes, não gostavam de sua cor e por isso

traíam seu povo, como na Rebelião de Pernambuco quando um negro delatou a causa que estava quase ganha.

Para Perpétua é preciso haver informação, divulgação dos movimentos de resistência negra e da cultura negra, para que a sociedade aprenda a valorizar este povo e entenda que no Brasil não vivemos uma democracia racial.

A professora Beatriz teve um caso semelhante ao da professora Celina. Uma aluna negra se apaixonou por um aluno negro, mas não foi correspondida. A menina foi humilhada. Teve péssimo rendimento na escola. A situação só foi amenizada quando a direção da escola, particular, chamou severamente a atenção do menino. Acuado amenizou seus atos agressivos.

Mas desprezava a menina da mesma forma. A garota não tinha amigos e sempre ficava sozinha. Tinha o apelido de “Lei Áurea”. A mãe chamada à escola disse que este problema era enfrentado pelas pessoas negras e que ela ensinava sua filha a se defender. O pai quando apareceu na escola foi causa de espanto. Era um homem alto e branco. A professora, e outros, não acreditavam que ele havia se casado com uma mulher negra como aquela que conheciam.

Beatriz relata o episódio não considerando existir preconceito na forma como vê a situação. Para Edite e Perpétua o grande problema da sociedade é as pessoas não se acharem preconceituosas. Sabem que o preconceito existe mas, não são parte atuante neste processo cruel.

Exemplificando o dito por Perpétua e Edite, Beatriz relata que no magistério teve uma colega negra que não queria dar aulas para alunos brancos. Queria uma sala só com negros e ela recriminou a atitude da garota, sem compreendê-la. Ela diz não ter

preconceitos, que conversa com suas vizinhas que são negras, tem amizade, ajuda-as, mas não quer que seus amigos brancos saibam que ela cultiva tais amizades. Assim como, não aceitava que o pai de sua aluna negra fosse um homem branco casado com uma mulher negra.

Para as professoras negras que colaboraram com este trabalho, o preconceito nos faz ver o outro de forma deformada. Dizem que a culpa não é das pessoas mas da sociedade da qual somos parte que desenraizou o negro de seu espaço de origem – África, para transformá-lo em mão de obra servil de um sistema econômico cujo objetivo é lucrar. O capitalismo, segundo elas, é um dos grandes responsáveis pela destruição do povo africano.

Edite além de ver o preconceito sofrido pelos negros diz que os japoneses são, também, discriminados. Há um diferencial nesta situação, segundo ela, se falarmos em Japão todos pensaremos em alta tecnologia, país de Primeiro Mundo. Se falarmos em negro, África, lembraremos de selva, macacos, pobreza, miséria, países de Terceiro Mundo. São duas realidades distintas cujo peso maior do preconceito cai sobre os pobres, no caso os africanos.

Nas falas das professoras ainda encontramos uma grave situação de preconceito apresentada pela professora Juliana que trabalhou com uma aluna negra estigmatizada na escola pelo apelido de “metidinha”.

Tudo acontecia porque sua mãe era advogada e os professores da escola não aceitavam que uma mulher negra possuísse um cargo de destaque na sociedade. A mãe vestia-se muito bem e era invejada pelas professoras da escola. Diziam que sua posição na sociedade devia ser de cortadora de cana, conta a professora.

Juliana, ainda diz que não aceitavam a condição social que possuía e que sua filha era uma boa aluna, sem problemas na escola e estava sempre sorrindo. Por outro lado teve uma aluna negra que a mãe era prostituta. A filha estava seguindo seu caminho. Neste caso todo diziam “coitadinha”, mas enfim aceitavam porque esta era a sina da pessoa negra, na fala das professoras que com ela trabalhavam.

O fato contado pela professora branca Juliana é explicado pelas professoras negras Perpétua e Edite, dizem que na mente das pessoas, o negro não tem direito às coisas boas da vida. Sua condição deve sempre ser de inferioridade e submissão. O branco, talvez não todos, não suporta enxergar que o negro está alcançando sucesso e ele não. Parece ser um castigo para quem convive com esta realidade e encontra nos estigmas sua vingança.

As professoras negras observam que todos ficam felizes quando podem falar mal, mas no caso de apreciar os sucessos, da pessoa negra, parece impossível. Se há fracasso é um “drama”; se há sucesso há um drama. A bem da verdade a sociedade não espera ver o negro bem resolvido na vida e docentes brancas possuem dificuldades em trabalhar com estes alunos.

As professoras cumprem com seu dever de ensinar, não conseguindo muitas entender os preconceitos de sua sala, dizem que o aluno negro não consegue aprender e isto é problema dele, na fala da professora Edite. O preconceito democraticamente estabelecido coloca o aluno negro como impotente, incapaz de modificar sua condição social, manifesta a mesma professora.

Democraticamente a cortesia entre brancos e negros é utilizada para mostrar a ausência do preconceito racial. Isto não basta para aquele que lê a história nas

entrelinhas e vê o aluno negro ser chamado de brigão para indicar uma pessoa violenta, não aceita dentro dos valores estabelecidos pela sociedade, segundo Edite.

Perpétua completa dizendo que o termo “brigão” já exclui, a pessoa negra, do convívio social e dá-lhe um estigma, pois, briga e aluno negro são fatos inter-relacionados. As docentes negras dizem que na escola o preconceito não é visto como preconceito, mas como algo natural, rotineiro. As professoras declaram não possuir preconceitos e não vêem em muitas situações a manifestação do racismo.

Para Perpétua o aluno negro diante do professor branco tem que render muito, para provar que é capaz. Existe diferença entre aluno negro e branco. Não pela incapacidade, mas pela baixa auto estima e pelas representações deformadas que o professor branco possui em virtude dos estereótipos atribuídos a raça negra.

O aluno negro chega à escola sem estímulo pois sabe que enfrentará os mesmos preconceitos que vive fora da escola. A escola é reprodutora dos modelos sociais. Interessante que estas observações são feitas pelas professoras negras.

Foi citado, por uma das professoras negras, que em São Carlos há uma escola que não faz matrículas de alunos negros no período da manhã que é forte. São, os alunos negros, encaminhados para tarde que é o período considerado fraco, e isto é discriminação, rotula-se o aluno negro como fraco, não precisa aprender muita coisa porque não vai conseguir ter sucesso.

Os rótulos que a escola põem nestes alunos os leva ao fracasso escolar e a ter problemas em seu futuro. Muitas mães negras avisam que qualquer problema que o filho apresentar é em virtude da sua cor. Isto provoca revolta na criança, no adolescente, ao qual

não é dada oportunidade para mostrar seus reais valores, muitas vezes, nem pela família, segundo Perpétua.

A professora Celina diz que há grande número de alunos negros no ensino Supletivo, um curso noturno. Diz que são alunos fracos e que usam roupas que os faz parecerem marginais, assim a forma de vestir-se é motivo de julgamentos e discriminações. A citada professora diz que a escola não está preparada para trabalhar com o diferente, predomina a idéia de aluno perfeito, mas infelizmente atualmente este tipo de aluno não existe.

As discriminações raciais, fruto dos preconceitos, ocorrem em todos os lugares. A professora Beatriz conta que uma mãe de aluno viu em seu prédio uma outra mãe branca impedindo sua filha de brincar com uma criança negra no playground. Concluiu que a criança não tem preconceito e não sabe o que é isto, não importa a cor de quem com ela brinca. Elas são puras, os adultos são racistas.

Para Beatriz dizer que gosta de uma pessoa negra não significa que a consciência mudou em relação ao negro. Não percebemos que nossa fala é cheia de preconceitos, diz a professora Juliana. É preciso reconhecer e tentar mudar. O professor que realmente der este passo estará colaborando para que o preconceito seja vencido na sociedade, conclui a professora.

Para Edite e Perpétua tratar da questão preconceito é trazer a tona uma série de situações que aparentemente não existem. A democracia racial teve a pretensão de fazer do Brasil uma população de iguais. Hoje percebe-se que isto não tinha bases sólidas, era uma fraude que iludiu por muito tempo as pessoas. O preconceito aí está fazendo vítimas a todo momento, principalmente as pessoas negras nas escolas.

4.4 - SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO:

Até o momento foi possível notar que as experiências de vida das professoras, colaboradoras deste trabalho, emergem de um determinado contexto social, que determina a presença, ou não, do preconceito racial. Ao reconhecer em suas ações, a existência do preconceito racial, o principal objetivo da pessoa, da professora esclarecida, será tentar superar este mal e criar oportunidades para modificar as situações discriminatórias que envolvem, principalmente, as pessoas negras de viverem com dignidade. Assim, as tentativas de superar ou não o preconceito, pelas professoras, é umas das dimensões do processo de representação de alunos negros, encontradas por este trabalho e que revelam como é possível modificar situações de discriminação, rejeição racial nas escolas.

Iniciando pela professora Aurora que diz que a escola do Flor de Maio era uma alternativa para superação da baixa escolaridade do povo negro e, também, de muitos brancos analfabetos. Mas era, principalmente, um caminho novo para o aluno negro.

Para ela existir, na época, uma escola que atendia a população negra era um passo a frente, pois, na precariedade do sistema escolar poderia-se dizer que estes alunos estavam diante de um privilégio.

Apesar de não reconhecer o preconceito que caminhava ao seu lado a professora tentava criar atitudes de colaboração entre os alunos no sentido de promover a união.

Tais atitudes seriam, para ela, uma via para que o aluno negro conquistasse seu espaço em uma sociedade que de longa data lhe negou o direito de pessoa com dignidade. Cooperar, já nos dizeres de Edite e Perpétua, seria estabelecer condições para

que o aluno negro crescesse na sua efetiva participação no mundo que lhe foi roubado. Um mundo pensado e organizado para valorizar somente pessoas brancas, mas que pode ser e deve ser reformulado, pois os negros são pessoas tanto quanto os brancos e devem ter seu espaço de direito garantido.

Para as professoras negras o incentivo é outra forma de tentar superar o racismo que ronda nossas escolas. A professora esclarecida das precárias condições que vivem os alunos negros no meio escolar criará mecanismos e estratégias que o incentivem a permanecer nos bancos escolares. Isto é o que fazia a professora Edite e Perpétua. Para elas incentivar um aluno negro, que morava na favela, amenizava sua condição de inferioridade e revelava suas capacidades.

Beatriz diz que o relacionamento entre alunos e professores deve ser de igual para igual. Incentivar o aluno e respeitá-lo, levá-lo ao aprendizado. A família fica satisfeita e olha para a escola com outros olhos e para si mesmos como pessoas de valor.

Para esta professora o incentivo é uma grande arma de superação do preconceito, faz com que o aluno caminhe, principalmente o negro. Não admitir ofensas que prejudiquem a auto estima destes alunos é outra atitude louvável do professor consciente do preconceito. Ao sentir-se protegido o aluno conseguirá confiar mais em si e na escola. Terá a oportunidade de permanecer neste local não pensado para ele.

Beatriz continua dizendo que o grau de consciência desenvolvido por uma pessoa não admite que outros fiquem acentuando a cor negra como algo que remete a humilhação, ao feio. Atitudes que ajudem o aluno negro a firmar sua identidade frente ao branco é maneira salutar de tentar superar as diversas manifestações do preconceito racial.

Neste caso, a professora Edite diversas vezes fez advertências a seus alunos negros, mas no sentido de incentivá-los a melhorar.

Com estas atitudes, por parte da professora Edite, a agressividade diminuiu e muitos paravam de bater, de xingar, de colocar apelidos como “negresco”. O aluno começava a aprender a respeitar o diferente. A professora, Edite, sempre elogiou pequenas atitudes dos alunos. Isto fazia com que a auto confiança voltasse naqueles, antes somente, recriminados.

O aluno progredia, avançava. Os negros paravam de querer chamar a atenção. A participação de todos em atividades festivas era uma forma de valorizar cada aluno negro ou branco. A Edite, negra, não fazia escolhas de quem era sujo, bonito, feio, todos participavam. Sempre procurou trabalhar com crianças de qualquer etnia ou situação econômica.

Esta professora revelou que uma das formas que utilizou para superar o preconceito em sala de aula foi o incentivo e não desistir de acreditar nas potencialidades de seu aluno negro. Impedir atitudes agressivas com maneiras amenas foi também uma estratégia que utilizou e parece ter sido bem sucedida.

Para Perpétua o incentivo recebido de sua professora, ao ser escolhida para recitar uma poesia, foi um dos momentos em que conseguiu superar os preconceitos e discriminações que sofria. Recebeu o título de melhor aluna, outro grande incentivo em sua vida.

Com este seu exemplo de vida tenta realizar o mesmo com seus alunos. Espera ajudá-los a adquirir maior auto estima, conhecer a história de seu povo e serem vencedores.

Diz ela que quando o negro supera barreiras é porque está acreditando em si, lutando por seus direitos, vencendo as pressões sociais. Consegue tal feito porque encontra alguém que o incentiva e acredita nas suas capacidades. Acreditar mais nos alunos, seria tarefa primordial dos professores que desejam romper com as duras barreiras do racismo.

Perpétua diz que a vontade de mudar a realidade do aluno negro não priva o professor de deparar-se com dificuldades. Não se pode desistir e sempre procurar dialogar com o aluno, principalmente, quando a professora é negra. Contar sua própria história pode ser uma forma de ajudar o aluno a não desanimar em sua luta diária, levantar a cabeça e caminhar para frente sempre. O caminho do negro é difícil, mas se existir união muita coisa pode ser feita.

Edite e Perpétua concordam que as famílias precisam colaborar. O professor tem que estabelecer contato com a família para juntos tentarem estabelecer meios, formas de superar o preconceito que os ronda e domina. Assim, juízos prévios de alunos e seus familiares não podem ser considerados antes de devidamente checados e esclarecidos pelos interessados.

Apesar das barreiras e dificuldades o preconceito está sendo quebrado, Perpétua percebe que a professora negra está sendo mais aceita hoje que no passado. A comunidade negra está mais unida, apesar das mudanças serem lentas, este povo está se fazendo notar.

A citada professora fala de pesquisas que mostram que a população negra cresceu em poder aquisitivo. O professor tem que mudar e atualizar seu olhar sobre seu aluno negro. Precisa saber investir concretamente neste aluno que poderá ser um vencedor.

O negro, muitas vezes, chega a pensar que o preconceito não será vencido, por isso, devem ter consciência de que as dificuldades sempre existirão, o importante é saber lutar e vencer. Ser respeitado e reconhecido pela raça e cultura que possui, fala das professoras negras.

As mesmas professoras dizem que com união e luta as comunidades negras poderão fazer acontecer um verdadeiro Treze de Maio. Atualmente a mídia vêm realizando um trabalho para elevar a auto estima do negro, segundo Perpétua. Incentivam os negros a pensarem mais em si, muitos poderiam seguir este exemplo. Na verdade este é um longo caminho a seguir.

Perpétua como mulher negra enfrentou a discriminação, mas superou. Sua mãe ajudou muito, por isso acha que venceu muitos traumas de sua infância e adolescência. Não possui vergonha de ser negra, convive bem com todas as pessoas. Não está mais preocupada que os outros a olhem e digam que é negra. Isso passou; consegue viver bem, embora na fala dos amigos existe muito preconceito circulando pela sociedade.

Superar o preconceito, para estas professoras, é na verdade uma questão de incentivo, de acreditar em si, não desanimar e contar com o apoio de uma sociedade esclarecida sobre os problemas raciais.

A professora Celina fala que apesar dos problemas têm alunos negros que superam e conseguem se dar bem na sala de aula. Foi o caso de uma aluna negra que foi uma das melhores alunas que teve. A menina era incentivada pela professora e pela escola, logo conseguiu ter sucesso.

Encontrou também um ex aluno negro que estava feliz e bem empregado. As dificuldades não impedem o aluno negro de sonhar com uma boa profissão, um bom

emprego, diz ela. Eles imaginam que vão ser “doutor”, engenheiro, policial, bombeiro, entre outras funções. Possuem muita perspectiva de vida que os ajudam a superar os preconceitos impostos pelo meio social.

Celina diz que o aluno negro superaria mais seus problemas se soubesse melhor o motivo de sua cor, seu cabelo serem do jeito que são. Precisam aprender a se valorizar física e psicologicamente. Muitos não sabem que foram seus antepassados que trouxeram para o Brasil a técnica de trabalhar com o ferro. Não sabem que foi o branco que bloqueou o curso de sua história.

Conhecendo melhor sua história o aluno negro, para a citada professora, pode conseguir melhorar sua condição social. Um aluno pode ajudar o outro nas aulas. O professor deve incentivar, mas os alunos também devem colaborar. Como no caso de uma aluna negra que nas aulas de reforço ajudava os colegas a investirem mais em sua inteligência.

Superar o preconceito, para a professora Celina, seria tomar conhecimento da história que os africanos viveram em seu continente de origem - África. Se o aluno negro tiver conhecimento de sua verdadeira história, dará mais valor a si mesmo e assim encontrará forças para driblar a discriminação que o persegue.

A professora Beatriz diz sentir o drama enfrentado pelo negro em sala de aula por isso não permite que estes alunos sejam desacatados em sua frente.

Deixou de seguir seu programa de ensino, várias vezes, para ajudar alunos discriminados em sua sala de aula. Foi recriminada pelos pais e pela escola porque ficou com seu trabalho atrasado, mas não se importou.

O aluno negro precisa saber que na sociedade existe espaço para ele, diz ela. Valoriza tudo que o negro faz. Ele precisa saber que é respeitado e visto como bom aluno pela professora.

Os alunos são pessoas humanas que precisam ser motivadas. Não está preocupada com o conteúdo, mas com a valorização do aluno. Não aceita que os alunos digam: não sei. Trabalha no sentido de que o aluno se sinta capaz e aumente sua auto estima. Não pode deixar que eles percam a esperança de vencer as barreiras que são postas a sua frente. Espera que os alunos sejam preparados para a vida e não façam somente continhas.

Superar o preconceito para esta professora significa motivar, investir no aluno discriminado. A formação humana é mais valiosa que os conteúdos formais de ensino. Poucos professores conseguem ter esta visão.

Para a professora Juliana a superação foi sentida no momento em que uma aluna tentou deixar os estudos para trabalhar. Ela entrevistou para que a menina não desistisse.

Dizia que a educação iria ajudar para que amanhã todos conseguissem um bom trabalho. A escola ajuda o aluno a conquistar autonomia, a não ser dominado pelas idéias da sociedade capitalista.

A escola não deixa ninguém rico, mas oferece oportunidades para todos terem melhores posições sociais, diz esta professora. O aprender ajuda a conhecer, a dominar uma situação de vida, de trabalho.

O aluno incentivado pode não explodir em saberes, mas apresenta grandes avanços. As pessoas estão começando a lutar por seus direitos. É um trabalho lento, que acontecerá devagar.

O negro tem buscado espaços na sociedade, na universidade. Juliana teve muitos amigos negros na universidade que se posicionavam contra o sistema que os oprimia.

Para Juliana a fé ajudou muito a olhar o negro, saber respeitá-lo na diferença. Ajudou a entender os traumas que as crianças negras sofrem. O evangelho deu a base da formação do respeito ao próximo. Para Deus não existe diferenças de classe social, cor, todos são iguais e amados da mesma forma. Deve-se ver no outro um irmão alguém que merece respeito e oportunidades.

Sempre teve preferência por crianças carentes. A criança negra discriminada era sua preferida. O diferente é o princípio da fé. A fé conduz ao diferente. O estudo liberta as idéias, o difícil é mudar a mentalidade. Pode ocorrer conversão, mas a mentalidade pode continuar a mesma. Jesus no evangelho perdoa a prostituta. Pede para que ela não peque mais. Não a condenou o difícil foi ela aceitar a nova vida. Existe a necessidade de abrir-se ao novo e renovar as mentalidades, diz Juliana.

Para esta professora superar o preconceito não é uma questão de meras palavras, mas de mudança de pensamento e de atitudes que venham do interior da própria pessoa que aprende a ver no diferente sua própria imagem. É uma atitude difícil de ser assumida, mas se realmente acontecer todos viveríamos em um mundo baseado na igualdade presente na diversidade. Os valores do evangelho seriam as diretrizes de vida de toda a humanidade. Seria maravilhoso e não impossível.

4.5 – CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DIMENSÕES ENCONTRADAS NA FALA DAS PROFESSORAS:

Ao final, desta análise dos dados, pretendo rever alguns pontos que foram marcantes na fala das professoras e que merecem um certo destaque. As conversas, desta pesquisa, ocorreram com quatro professoras brancas e duas professoras negras. Faço referência a cor da pele das colaboradoras da pesquisa porque foi possível sentir que este é um dado que não pode ser desprezado.

Ser professora negra significa apresentar um dado exterior que omite o mais precioso dado que é a sua interioridade. Poderíamos pensar que cor é um dado meramente biológico, ao passo que, isto vai além. A cor traz consigo uma história incorporada e vivida pela pessoa. Através da cor é possível compreendermos a história que o sujeito traz consigo.

No caso das professoras negras este detalhe, aparentemente insignificante, é repleto de significados. Revela a indignação que as acompanha diante da marginalidade a que é submetido o aluno negro. Tal fato ocorre porque a cor é parte do eu interior, é componente vivo da humanidade que traz. Ao assumir seu povo, sua raça está se incorporando a vida, a história que pertence exclusivamente a estas pessoas que são as únicas capazes de vivenciá-las com toda intensidade.

Podemos observar que as professoras negras possuem uma forma mais detalhada de fazer referências a seus alunos negros e as situações de preconceito a que estão expostos. Fazem tal coisa porque vivem junto com eles ou como eles situações de discriminação. A união simbólica das pessoas através da cor é recheada de sentidos e

significados que faz com que seus portadores criem uma identidade única, não separada, não descontextualizada.

Poderá existir quem negue sua cor porque não consegue superar as dificuldades impostas pelo racismo e desejam viver modelos que lhe são impostos, mesmo assim, é claro não deixam de ser negras. Fugir é mecanismo de fuga que não isola da origem africana, ou pelo menos da cor da pele, não separa aquilo que está unido, selado pela natureza da qual foi gerado.

Pode-se pensar que as professoras negras falaram sobre suas experiências, contextos vividos, preconceito, superação do preconceito na tentativa de convencer o leitor de que a raça negra é merecedora de piedade. Isto não é verdade, pois, elas revelaram o seu interior, sua essência que está implícita na cor que possuem. Seus relatos são genuínos, uma vez que, são partes da história que relatam. Não há distanciamento do fato, mas sim presença efetiva de alguém que sente o problema em questão.

O mesmo ocorre com as professoras brancas que introjetadas em sua cor exteriorizam as experiências que vivem a partir da história de seu povo. Revelam boa vontade, desejo de identificar-se com a causa do negro, mas não são genuínas como as professoras negras, que estão dentro do problema e não são expectadoras. O esforço das professoras brancas é louvável e digno de respeito, mas claro está que muitas delas necessitam de uma formação mais apurada sobre as questões raciais para superar os preconceitos que muitas reconheceram ter.

Diante disto, não há superioridade entre negros e brancos. São dois povos distintos que deveriam viver com respeito, postura ética, pois, com suas experiências diferenciadas conseguiriam produzir um conhecimento altamente relevante para o

progresso da humanidade. Infelizmente poucos vislumbram este “detalhe”, grandioso no seu significado de pertença a um povo, a uma coletividade.

Cor da pele, um detalhe que faz diferença na hora de compreendermos em profundidade as palavras proferidas pelas professoras negras e brancas e percebermos o pensamento de cada uma forjado em experiências seculares de seus povos, muito diferentes. Sua história de vida é o fio de ouro e somente ele pode desenrolar significados que ajudem a superar racismos e discriminações no ensino. Este ponto foi fundamental nesta análise de dados e muito ajudou a entender as formas de pensar e agir das professoras negras e brancas. Do que disseram cabe destacar alguns pontos.

No geral as professoras relataram que durante o período de formação para o magistério não houve aquisição de conhecimentos étnicos raciais. Os currículos não contemplavam o estudo de tais assuntos, omitidos durante muito tempo da discussão pública. É fato recente os estudos que se realizam nas universidades.

As professoras Perpetua, Beatriz e Juliana falam de uma mudança do pensamento do professor a partir de ações das pessoas negras com relação à exigência de direitos perdidos na sociedade a que pertencem e de luta pelo seu reconhecimento como pessoa plena em dignidade.

Perpétua (1960), professora negra, traz fatos do passado, mas não deixa de mencionar as conquistas de seu presente. Ela recorda posições assumidas no início da carreira quando sofreu rejeição dos seus alunos brancos e negros, hoje tal fato considera superado de sua parte, embora ainda exista esta rejeição, pois a discriminação está na natureza dos acontecimentos. Sua postura, em relação a estes fatos mudou, passou a lutar

juntamente com o povo negro. É possível perceber que os anos de trabalho mudaram visões que ela possuía.

A professora Aurora (1940) é a professora mais rígida em relação ao processo ensino / aprendizagem e relação professor / aluno. Considera seu trabalho de excelente qualidade. Acredita ter atingido seus objetivos tanto que menciona a falta de dedicação dos atuais professores. Sua relação com os alunos negros foi estritamente profissional e formal. Não revela ter existido laços de afetividade. Sua grande preocupação era que os alunos aprendessem os conteúdos ensinados. Ela viveu um modelo de ensino deveras tradicionalista. O aluno, no seu entendimento, era um agente passivo no processo de aprendizagem.

A professora Edite (1950), negra, tem grande preocupação com o conteúdo, não é adepta dos princípios do construtivismo para ensinar. Possui um olhar atento sobre o seu aluno negro. Busca diferentes maneiras de incentivá-los. Sempre acreditou nas suas capacidades e habilidades. Fala da importância do professor no crescimento intelectual e humano dos negros. Revela que seu olhar sobre o aluno negro foi mudando ao longo de sua carreira. Foi adquirindo compreensão do preconceito existente em sala de aula, fato que no início não observava, porque nunca tivera oportunidade de ser esclarecida.

A professora Perpétua (1960), também negra, faz o mesmo trajeto de mudança do início da carreira ao momento atual. Sofreu duras represálias no início de sua atividade docente, hoje enfrenta as situações de maneira mais atuante. Deixou de se sentir oprimida. O aluno negro na sua visão precisa aprender mais sobre sua raça. Precisa se auto valorizar e assim adquirir gosto pelo saber formal.

Aurora (1940), Edite (1950), apresentam algumas mudanças em suas concepções de ensino, conservam, entretanto, o modelo de ensino tradicional, em que o professor detém o conhecimento e o aluno o aprende. Todos os alunos, negros e não negros, são vistos de maneira homogênea. Permanecem, ao longo dos anos, a idéia de maior dificuldade dos alunos negros em relação aos brancos para aprender. Entretanto há uma diferença, a professora Edite, negra, vê possibilidades de os negros vencerem e investe nisto.

A professora Perpétua (1960) demonstra estar preocupada com a conscientização que deve existir da parte dos negros e da sociedade para mudar a situação do negro discriminado no interior da escola. Não menciona de forma clara seu método de trabalho. Percebo que ela procura dialogar com seus alunos mostrando suas possibilidades de sucesso.

A professora Celina (1970) parece-me conservar uma prática docente calcada, também, no ensino tradicional. Exige muita disciplina e quer manter o controle dos seus alunos. Ao falar que o professor deve “manusear o aluno”, leva a atender que para ela o aluno deve sempre receber no processo ensino / aprendizagem, na relação professor / aluno. Esta professora não fala em conscientização. Faz muitas referências a posições sociais dizendo existir profundas e nítidas diferenças entre as escolas centrais e periféricas da cidade.

Menciona as dificuldades do aluno negro em adaptar-se ao sistema de ensino formal. É clara ao dizer que os negros concentram-se no Ensino Supletivo, única forma de conseguirem o diploma exigido pelo mercado de trabalho. Diz incentivar seus

alunos negros, mas na sua fala deixa claro que branco e negro não devem se misturar. Foi a professora mais enfática nesta colocação. Para ela a harmonia racial está presente na escola. Pergunto: a harmonia advinda da separação? Neste ponto ela e a professora Aurora (1940) se assemelham, assim como no entendimento sobre a rigidez que o professor deve manter em sala.

A professora Beatriz (1980) tenta modificar e melhorar sua prática docente, esta é uma preocupação constante que aparece em sua fala. Ela se reconhece racista e espera mudar sua forma de olhar para os negros. É portadora de idéias preconceituosas, pois, não deseja que negros façam parte de seu círculo de amigos. O interessante é que demonstra boa vontade para reverter este seu olhar. Esta é uma mudança importante no comportamento e na visão da professora: a vontade de buscar meios e recursos para modificar uma situação vigente.

A professora Juliana (1990) também busca formas de transformar sua prática. Reconhece suas falhas e busca meios e recursos para modificar sua relação com seus alunos, particularmente os negros. Dedicava especial atenção a eles e para as crianças pobres. Para ela a mudança de mentalidade do professor é algo difícil de acontecer. Exige de si mesmo muito esforço e dedicação. Procura realizar cursos e estudar o assunto racial para conseguir “encontrar nos alunos um princípio de igualdade”, respeitando o direito de todos. A visão desta professora tende a ser mais democrática. Ela luta contra suas visões e ações preconceituosas e quer ser uma aliada da causa do negro.

Houve uma permanência nas décadas do reclamo da falta de informações e estudos mais precisos das questões raciais. A professora Aurora foi a única que não fez nenhuma queixa a este respeito, as demais reclamaram do silêncio imposto sobre estes

assuntos e como as teorias educacionais estudadas estão desvinculadas dos problemas com o racismo enfrentados pelos negros. Vêem à necessidade de um repensar na formação docente.

Outra questão colocada pelas professoras das décadas de 1950, 1960, 1970, 1980, 1990 foi a mudança do perfil da criança e do adolescente. Eles sofreram sérias transformações com o passar dos anos. Não existe mais aquele aluno acomodado e interessado em aprender. São agitados, questionam as coisas ensinadas, não aceitam o conhecimento com a facilidade que acontecia à alguns anos atrás. O aluno negro está inserido neste contexto de mudanças.

A família é ausente na vida escolar. Os pais querem notas e cadernos bem feitos, isto é alguns, outros não participam da vida escolar dos filhos. A luta pela sobrevivência os afasta da vida escolar de seus rebentos. A professora, chega a pensar, que sabe mais da vida do aluno do que a própria família. Poderia-se dizer ser uma pretensão das professoras mas, tal ocorre porque o aluno encontra muitas vezes mais espaço para falar na escola que na própria casa. Somente a professora Aurora não fez colocações negativas da participação da família na escola.

Podemos notar que existem permanências na prática e no olhar das professoras sobre os alunos negros. Existe um sério conflito reconhecido por algumas professoras e omitidos por outras. Elas querem vencer o preconceito, mas as representações existentes sobre este aluno na sociedade parecem ter raízes que penetram na vida e na consciência delas, consequência dos próprios fatos emergidos da vida social. O tempo e o trabalho dos Movimentos Negros e pessoas aliadas a causa poderão vencer e superar estas representações cristalizadas e oficializadas no âmbito social.

CAPÍTULO V

ACERTANDO O PASSO: SUPERANDO O PRECONCEITO NAS RELAÇÕES

PROFESSOR (A) / ALUNO (A) NEGRO (A).

Ouvir as professoras, colaboradoras deste trabalho, foi uma experiência que enriqueceu meus conhecimentos. Aprendi, com elas, como o trabalho docente é significativo na vida daqueles que passam pelos bancos escolares. Há tempo fui atraída, cativada pela docência e como diz um grande poeta (Saint Exupéry) temos responsabilidade para com aqueles que nos cativam.

Hoje sinto-me envolvida e com grande parcela de responsabilidade na organização, sistematização de um trabalho que seja significativo para superação do racismo e conseqüente valorização dos alunos negros no espaço escolar.

Infelizmente, verifiquei ao realizar a pesquisa que aqui concluo, ser o Brasil um país que ainda vive sob o mito da democracia racial. Omitem-se as severas desigualdades raciais existentes, anulando-se simbolicamente a presença das pessoas negras em nossa sociedade.

Nossas escolas não discutem os problemas decorrentes de relações étnico-raciais conflituosas, pois, sob os olhares dominantes, todos são tratados de forma igualitária. Os discursos racistas de muitos professores, confirmam as desigualdades raciais, ao dizerem que os estudantes negros não progridem nos estudos por serem incapazes e fracos para aprenderem o que a escola tem a lhes oferecer.

Tais afirmativas foram feitas pelas professoras brancas que participaram desta pesquisa. Para elas há uma inferioridade entre negros e brancos na aquisição dos

conhecimentos formais de ensino. Esta idéia, de inferioridade do negro, esteve presente nas diferentes décadas que este trabalho procurou abranger.

A discussão da inferioridade, da marginalização dos alunos negros fez que tanto as professoras negras como as brancas reclamassem da falta de informação e esclarecimento de questões étnico-raciais, no curso de formação para Magistério. A diferença que há entre elas é que as negras acreditam na superação do problema enfrentado pelos negros, enquanto para as brancas parece não existir muitas soluções, principalmente, as professoras mais antigas.

As participantes deste trabalho, especialmente as duas professoras negras, estão mais conscientes da problemática do aluno negro nos bancos escolares e da falta de um currículo que contemple conhecimentos sobre os afro- descendentes nos cursos de formação para professores e no currículo escolar utilizado na prática cotidiana com os alunos.

Reconhecem que a prática pedagógica do educador é deficitária quando o assunto envolve preconceito racial, pois, falta clareza dos problemas raciais pouco refletidos e analisados pelos professores e pelos cursos oferecidos.

O ideário pedagógico do educador, construído durante sua formação prática e teórica, apoiado nas suas concepções de vida e de mundo, está carregado de preconceitos apreendidos do meio em que vive. Para as professoras brancas, a idéia de que o aluno negro é inferior e incompetente, é natural e ao mesmo tempo problemático pela discriminação que provoca, pois, no interior da sala de aula, este aluno terá poucas oportunidades de vencer.

As idéias pré concebidas sobre os negros interferem nas relações professor/alunos negros, pois, comandam a vida das pessoas através das representações sociais que Moscovici assim explicará: "*A representação social reproduz, é certo. Mas essa reprodução implica num remanejamento de estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções, das regras de que se torna, o indivíduo, doravante solidário*".(Moscovici: 1979, p. 26). Ao receber o mundo em si o indivíduo reconstrói sua forma de pensar de acordo com as regras, as imposições do meio do qual faz parte.

O professor em seu interior organiza suas idéias a partir dos dados que estão ao seu redor, recebe influência do ambiente social, assimila às regras que lhes são impostas e exterioriza as representações sociais que nutre dos indivíduos, em seu cotidiano. Tais representações sociais são dinâmicas e portadoras de um conjunto de imagens que lhe dão significados, logo os professores trazem consigo imagens que são frutos de sua vivência e das influências sociais recebidas. Percebo que o educador distante de uma compreensão apurada das conflituosas relações étnico-raciais não entenderá que seu aluno negro é capaz, competente, com qualidades que o equiparam a qualquer aluno branco.

Assim, a sociedade ao rejeitar as pessoas negras inculca na mente dos educadores o mesmo processo de rejeição que persegue, de longa data, os descendentes de africanos. Detectei tal fato ao ouvir as professoras dizerem que os negros necessitam do auxílio dos brancos para conseguirem algum sucesso na sala de aula.

As professoras brancas, na sua maioria, barram as oportunidades dos alunos negros de se sobressaírem em atividades acadêmicas e comemorativas na escola, por considerá-los poucos apresentáveis e ineficientes para o trabalho intelectual. Para elas um

aluno negro não deve ser destaque. Já as professoras negras possuem outra mentalidade. Incentivam, sabem que seus alunos negros são capazes e merecem oportunidades. Estas professoras negras enfrentaram problemas em sua infância, logo esperam que em suas salas de aula tais dificuldades, em relação aos negros, fossem superadas.

De modo geral, tanto as professoras negras como as brancas recebiam influências do meio em que viviam, a diferença está nas respostas dadas a estas influências ideológicas. Ninguém está isento de receber uma grande dose de ideologias em sua vida e em sua prática profissional, pois, *"A influência é uma poderosa arma social que ajuda a reduzir conflitos e divergências entre os indivíduos. É uma forma de adaptação do indivíduo ao seu ambiente (grifo meu)" (Moscovici, 1985, p. 72)*, o importante é saber discernir o válido para tentar respeitar e fazer valer a dignidade humana do outro com quem se convive, independente de cor, classe social, sexo, religião, entre outras diferenças.

A vivência das professoras irá ajudar, espero, na compreensão das representações sociais que nutrem e externam das pessoas negras de forma negativa ou positiva. Algumas professoras brancas, em especial as das décadas de 1980 e 1990, mostraram que apesar de serem preconceituosas passaram a entender que é preciso existir uma mudança de mentalidade em relação ao aluno negro, já estigmatizado quando chega à escola.

Ao analisar as relações estabelecidas entre professor e alunos negros, em sala de aula, é preciso compreender que aí estão presentes todas as imagens, idéias, informações apreendidas sobre as pessoas negras. Infelizmente, como observei e ouvi das professoras colaboradoras, o aluno negro pela história de escravidão que traz consigo, está

em desvantagem, pois, tudo o que sobre ele se diz é no sentido de desmerecer e promover sua rejeição e exclusão.

O desmerecimento do aluno negro ocorre, principalmente, quando falta pelas professoras consciência dos mecanismos de dominação e expropriação do povo negro na sociedade brasileira. A consciência das graves questões raciais existentes em nosso país caminha a passos lentos. Existem avanços, mas ainda são pequenos diante do enorme problema racial criado nestes quinhentos anos de Brasil.

Ouvir falar do preconceito racial na sociedade, na escola parece não ser conflituoso para aquele que não é negro, mas a partir do momento em que se adentra à questão descobre-se que o problema é grave e complexo e há muito trabalho a ser feito em prol deste povo que tantos prejuízos sofreu desde seu desenraizamento de África.

O estudo, aqui realizado, revelou que a formação para o exercício da docência colabora para que o preconceito racial continue atuando com grande energia no ambiente escolar. Não há discussão ou informações suficientes sobre este assunto.

O professor ao enfrentar a realidade da sala aula não está preparado para lidar com as diferentes culturas, pessoas que formam a nação brasileira. Silva T. (1995) diz que os currículos escolares não contemplam a diversidade cultural presente nas escolas e não atende as reais necessidades dos alunos. As professoras, que colaboraram com este trabalho, confirmaram a ausência de certos saberes durante a formação docente, assim "*[...] a educação institucionalizada e o currículo continuam a refletir, anacronicamente, os critérios e parâmetros de um mundo social que não mais existe*" (Silva, T.: 1995, p. 42).

Este vácuo na formação institucionalizada somada às diferentes representações sociais que o professor assimilou em sua vida interfere no seu fazer

docente, e no caso da falta de conhecimentos étnico-raciais, de consciência das tensas relações entre brancos e negros os alunos negros serão os mais prejudicados. Os professores nesta situação tornam-se agentes reprodutores de um sistema social iníquo, que impede o desenvolvimento integral da pessoa negra.

Reproduzindo ações discriminatórias da sociedade no interior de nossas escolas, os professores são agentes da reprodução social que segundo Bourdieu (1979), irá manter as relações de força que sustentam as classes sociais dominantes no poder. Na prática escolar as relações de dominação e poder estão presentes, mas o educador não as reconhece, as ignora segue a trilha deixada pelos antecessores que, poucas ou nenhuma mudança promoveram no sentido de modificar a sociedade desigual em que vivemos. Sempre pensou-se que a escola seria para os brancos e ricos e não para os pobres e negros.

No Brasil existem diversos mecanismos para camuflar a desigualdade racial tanto que, Bento (2001: 70) assinala a existência, em nosso país, de três linhas de estudos sobre relações raciais. Todas elas, segundo a autora, mostram como o preconceito foi sendo justificado ou explicado pelas diferentes organizações da sociedade.

Primeiramente no início do século XX estudiosos diziam que os escravos eram inferiores biologicamente e por isso foram escravizados e no decorrer deste século, foi dito continuamente que a escravidão, no Brasil, foi amena e suave. Passadas quatro décadas, estudiosos, mais progressistas afirmam que os negros não são inferiores biologicamente, mas, como foram escravizados, foram deformados na sua condição de pessoa.

Atualmente, comprova-se que a situação de desigualdade do povo negro, deve-se à discriminação racial no cotidiano e não exclusivamente ao fato de o negro ter sido escravo e o branco escravizador.

Com a realização desta pesquisa, foi-me possível constatar que, de fato são nas relações cotidianas, que o preconceito ganha espaço e força e não é visto como desigualdade entre as pessoas. Explicações falaciosas são utilizadas para dizer que o branco não aceita estar com o negro. Como no caso da pessoa dizer que não tem preconceito mas não admite que alguém de sua família se envolva com uma pessoa negra.

É marcante na fala das professoras entrevistadas quando dizem, com firmeza, que seus alunos negros odeiam serem negros, fariam qualquer coisa para serem brancos. Afirmam que eles negam sua identidade de sujeitos negros, e pelo que se depreende das falas, esta negação é afirmada, principalmente, pelas professoras brancas. A afirmação feita pelas professoras brancas, para estes alunos negros, confirma o desconhecimento que possuem do significado e do valor de ser negro, descendente de africanos.

Os alunos de professores que assim agem poderão vir a nutrir em sua existência sentimentos de inferioridade que paralisam possibilidades de aceitação e defesa de sua negritude. O docente que não interfere em tais idéias, posturas, sentimentos possui um ideário pedagógico que neutraliza toda e qualquer possibilidade de afirmar e emancipar a identidade dos afro descendentes.

O pensamento e a prática pedagógica de professores, quando carregados de preconceitos, privam o desenvolvimento da autonomia do aluno negro e provocam sua exclusão do ambiente escolar.

A ausência de uma consciência aberta à causa do negro, pelos professores, destrói a auto estima de nossos alunos negros que, desconhecendo a história de resistência de seu povo contra escravidão assumem, como verdadeiros, os estigmas que lhes são atribuídos e deixam de lutar por seus direitos sociais e humanos.

Assimilam as idéias de maus trabalhadores, vagabundos e desconhecem que esta foi uma maneira de seus antepassados resistirem à escravidão. Mot (1988, p.29), diz: *"Muitos dos adjetivos que qualificam, ainda hoje, o negro de forma pejorativa resultam da resistência de seus antepassados à escravidão: nada realizavam além do necessário. Daí serem considerados preguiçosos"*. Percebamos que é necessário modificar, mesmo que lentamente, a mentalidade de nossos professores em relação à negritude, para garantir a permanência de todos os estudantes negros nas escolas, valorizando seu jeito de ser, viver e entender o mundo do qual fazem parte.

Na fala das professoras, participantes desta pesquisa, diversas vezes foi acentuado que o aluno negro era preguiçoso, "brigão", desmotivado para aprender e por isso acabava excluído da escola. A desqualificação do aluno negro, com estigmas pejorativos está presente em todas as décadas estudadas por este trabalho. As idéias de inferioridade do negro é algo enraizado na mente das pessoas da sociedade brasileira.

As professoras formadas nas décadas de 1940 e 1970 foram as mais enfáticas ao mencionar o rendimento insuficiente dos estudantes negros, tanto que, é interessante observar que no decorrer de trinta anos, espaço de tempo que as separa, as professoras conservam uma mesma mentalidade em relação aos negros. O que mostra a dificuldade existente na mudança de mentalidade que conduza ao reconhecimento do preconceito e de sua superação.

Cabe destacar que, esta pesquisa, trabalhou apenas com uma professora por década, não sendo possível, por isso, inferir uma tendência, tampouco uma permanência de percepções racistas a respeito do alunado negro. Entretanto, é possível constatar que por razões de educação familiar, de classe social posturas discriminatórias semelhantes se repetem num espaço de trinta anos. Os depoimentos revelaram mentalidade similar, pois, estas professoras, valorizavam as classes sociais dominantes e menosprezavam as classes pobres, lugar em que estão a maioria dos alunos negros.

Como vimos os anos passam, mas as idéias preconceituosas permanecem e isto é um grande prejuízo para os descendentes de africanos, mas também para os que os discriminam, como bem aponta Paulo Freire, ao referir-se às relações entre opressores e oprimidos (1978).

Uma pequena alteração em relação às posturas racistas e discriminatórias, começa a ser notada nas professoras que representaram as décadas de 1980 e 1990, talvez em virtude, de nos dias atuais os grupos do Movimento Negro estarem ganhando força e espaço em suas reivindicações e propostas. As pessoas começam a pensar melhor nas relações estabelecidas entre pessoas brancas e negras. Começa-se a entender que a situação real dos alunos negros é fruto das idéias criadas sobre eles na sociedade.

Nesse sentido, ficam questões: como o aumento de professores negros nas escolas poderá colaborar para uma mudança mais rápida da mentalidade preconceituosa existente? As atividades do Movimento Negro estarão ganhando maior espaço de atuação no convívio escolar e social? Um processo de conscientização capaz de superar toda forma de racismo já estará em andamento?

Tais indagações possuem o objetivo de conduzir o leitor a uma reflexão mais apurada do tema em discussão. Refletir sobre o assunto ajudará a melhor compreender e tentar superar as graves desigualdades raciais existentes em nossas escolas, em nossa sociedade, uma vez que, para muitos, o preconceito racial é visto como uma deficiência racial, fato que contribui para que os negros não tenham uma melhor presença no mercado de trabalho e sejam acusados pelo seu fracasso escolar.

Superar as idéias de deficiência racial, que mantêm o preconceito, significa entender que os negros merecem iguais oportunidades de trabalho e estudo como os brancos. Deixem, os professores, de dizerem que o negro conseguirá ascensão social através dos esportes, da música, atividades que, no entender de muitos, não exigem grandes conhecimentos “intelectuais”.

Infelizmente, as professoras brancas, colaboradoras deste trabalho, necessitam de uma rápida mudança de mentalidade em seu trabalho docente. Não conseguem, ainda, vislumbrar um horizonte promissor para o aluno negro e vêem, ainda, o professor como aquele que exerce atitudes de opressão e dominação, manipulando seus alunos para conseguir disciplina e não autonomia.

Geralmente, a manipulação se dará junto àqueles alunos vistos como problemas, indisciplinados, ineficazes no aprendizado formal. O negro será o primeiro alvo, uma vez que não consegue se ajustar ao sistema dominante imposto pela escola. Este aluno deve submeter-se a um poder opressor para não ser excluído do sistema formal de ensino, tão precocemente.

Assim, os alunos negros sofrem dominação ideológica e física no interior de nossas escolas, levando-os à discriminação. A dominação ideológica é no sentido de serem

vistos como incapazes e a física pela desconsideração de seus caracteres externos como: tipo de cabelo, formato do nariz, cor da pele, vestuário, entre outros. Vistos como diferente são rejeitados pelo modelo padrão da sociedade burguesa. Trata-se de uma dominação não explícita, mas velada, pois, as professoras não reconhecem nessas atitudes preconceito, mas uma forma de ensinar o aluno negro a ser como o aluno branco. Uma forte atitude de desrespeito para com um povo que possui características próprias.

Observa-se que as atrocidades da sociedade, que desmerecem os negros, são transpostas para as instituições escolares e as professoras reproduzem em sua prática pedagógica as mesmas relações opressoras da sociedade para com o povo negro. No conflito estabelecido e na busca de uma solução favorável, dificilmente encontrada, o aluno negro passa a ser considerado um problema. Vê-lo como um problema significa isenção de responsabilidade para com o mesmo. A consciência é amenizada, pois, não há culpados pelo fracasso daquele aluno que não é perfeito.

O aluno perfeito foi algo idealizado pelas professoras ao longo de sua formação para o magistério. Todas as professoras disseram que no curso de formação imaginavam que trabalhariam com crianças perfeitas, não existiriam dificuldades nos relacionamentos estabelecidos entre professores e alunos. Na mente de todas elas o aluno seria adaptado, facilmente, ao sistema de ensino, não infringiria as regras escolares, obedeceria e aprenderia todos os conteúdos ensinados. A escola, na visão destas professoras, foi pensada e criada para atender este tipo de aluno, que bem sabemos não existe.

O aluno negro não é este aluno ideal, não está ajustado ao sistema, é, na fala das professoras, indisciplinado, não conta, na maioria dos casos, com o apoio da

família, é inapto para o processo de ensino e aprendizagem e discriminado não encontra espaço para permanecer no interior da escola.

Assim, a escola, como um sistema social, possui uma função discriminadora e repressiva, traz em seu íntimo a violência simbólica que desmerece aqueles alunos considerados problemas, no caso específico o aluno negro, violentamente agredido nesta instituição social. (Bourdieu, 1979).

Este aluno é representado socialmente pelas professoras, na sua maioria, como um marginal, com atividade sexual precoce entre outras inúmeras deficiências que farão dele forte candidato à exclusão. É um aluno que depende do auxílio de colegas brancos para vencer as dificuldades de aprendizagem e, mesmo assim, não consegue ir muito além no sistema formal de ensino pela sua “incapacidade”. Abaixo pesquisadores confirmam este dado que se fez presente em minha pesquisa.

Silva C. (1995, p. 57) vai confirmar esta visão que os professores possuem do aluno negro. Segundo ela este aluno é visto de forma depreciativa pelos professores e pelos colegas brancos, sendo que tal fato diminui sua permanência no sistema formal de ensino.

Hasenbalg (1979, p.20) em seus estudos sobre o preconceito racial e o racismo confirma que a desigualdade social do país é promotora da desigualdade racial. Durante toda história brasileira foi sendo definido aqueles que seriam superiores e inferiores. A escola seguiu o modelo da sociedade e os negros foram postos à margem do processo educativo formal. Com esta prática esta instituição social promove em seu interior ações que confirmam os preconceitos e as discriminações raciais.

O ideário racista formulado pela sociedade está presente no olhar de muitos professores que estigmatizam seus alunos negros como traficantes, ladrões, entre outros nomes extremamente degradantes. Toda essa nomenclatura surge em virtude da cor do aluno. Caso fosse um aluno branco, poderia receber tais estigmas, mas seria bem mais ameno. A ligação da pessoa negra à marginalidade é algo construído historicamente pelas ideologias disseminadas em nossa história.

Os preconceitos e estereótipos adquiriram aspecto de naturalidade o que aumenta a problemática dos alunos negros na instituição escolar. McDavid e Harari (1980, p.211) assim dizem: *"Os estereótipos super-generalizados ocorrem com maior frequência quando faltam informações ou conhecimentos adequados"...*

As professoras ao denunciarem a falta de estudos raciais em sua formação para docência confirmam que muitos dos preconceitos que possuem e nutrem sobre seus alunos negros poderiam ser superados se houvesse um estudo amplo e eficaz sobre as questões que envolvem o racismo, o preconceito e a discriminação racial, confirmando que elas realmente desconhecem a problemática racial existente em nosso país.

A questão racial, omissa dos currículos de formação para o Magistério, provoca a fragilidade das professoras no entendimento e no relacionamento com seus alunos negros. As saídas para explicar o olhar preconceituoso sobre crianças e jovens, desta raça, é expressa na harmonia racial que acreditam existir entre as pessoas, entre os povos.

Agier (1992) diz que as questões raciais em nosso país foram pretensamente invisibilizadas e a opressão que os negros sofreram e sofrem em nossa sociedade foram omitidas.

O discurso de harmonia racial impõe uma falsa idéia de igualdade entre brancos e negros no Brasil. As professoras brancas, colaboradoras desta pesquisa, acreditam não existir desigualdade racial entre crianças brancas e negras; os preconceitos, segundo elas, aparecem na idade adulta.

Estas compreensões impedem que muitos preconceitos sejam desvelados. Acreditar que todos os alunos possuem iguais oportunidades é dizer que vivemos em um “paraíso racial”, algo que sabemos não existir em nosso país e que fica bem explícito nos próprios livros didáticos utilizados pelas nossas escolas, que desqualificam as pessoas negras. Assim:

"Não ser visível nas ilustrações do livro didático e, por outro lado, aparecer desempenhando papéis subalternos, pode contribuir para a criança que pertence ao grupo étnico / racial invisibilizado e estigmatizado desenvolver um processo de auto rejeição e de rejeição ao seu grupo étnico/racial"
(SILVA, A. : 2001, p. 18).

Ocultam-se a resistência dos negros no passado e no presente. A vida e a história dos negros passam como algo despercebido e inexistente na sociedade e na vida escolar. A rejeição a estes alunos é algo marcante.

O olhar da professora para o negro é um olhar de desconhecimento e desmerecimento. Não conseguem, as professoras, ir além do aparente e notar que as atitudes de seus alunos discriminados são de resistência a uma ordem social dominante, injusta e opressora. No olhar das professoras o aluno negro é um ser passivo, acomodado à opressão social; quando estudos recentes revelam a existência da resistência destas pessoas na escola, no trabalho.

Apple (1989, p. 112) diz: "[...] *estudantes como trabalhadores estão criativamente agindo sob formas que freqüentemente contradizem aquelas normas e disposições que permeiam a escola e o local de trabalho[...]*" , estas palavras de Apple revelam que os alunos, os trabalhadores discriminados não são seres passivos diante da opressão que sofrem mas, agentes ativos na luta contra uma ordem social injusta. Tais atitudes podem ocorrer de forma inconsciente pelos discriminados, o que não deixa de as fazer presentes.

A homogeneidade que se pretende estabelecer no sistema de ensino, do qual a professora é uma mediadora, não impede a manifestação dos diferentes, dos oprimidos, que se pronunciam contra, ainda que não sejam entendidos e atendidos em suas necessidades. " *Os estudantes devido à uma ausência de mediação satisfatória entre a cultura de origem e a de destino, oferecem resistências que também, se constituem como rituais*"(Santos: 1997, p. 63).

Os professores devem adquirir consciência das situações a que são submetidos seus alunos negros, da resistência que apresentam a um poder injusto e tentarem com recursos disponíveis reverter uma situação vigente na sociedade de longa data.

A luta, contra a discriminação e o preconceito racial deve partir do direito à humanização do aluno negro e estar presente nas atividades pedagógicas com o objetivo de superar as desigualdades raciais na sociedade e na sala de aula. A formação docente, ainda que omitindo conhecimentos étnico raciais essenciais não deve impedir o professor de transformar sua prática e tentar sobrepujar idéias pré concebidas que rotulam alunos negros como pessoas diferentes e inferiores.

Paulo Freire (1981) diz da possibilidade dos seres humanos vencerem as manipulações ideológicas pela sua capacidade de decisão. *"Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias"* (Freire, 1981, p. 30).

As professoras possuem a possibilidade de realizarem escolhas. Esta possibilidade é inerente a todos os seres humanos - a liberdade de optar por seus caminhos. Esta opção deve ser consciente e deliberada de formas a construir um novo relacionamento com os diferentes de nossa sociedade. É uma prática libertadora que induz aos que dela se apropriam a conquistarem a plenitude da existência. *"O homem está no mundo e com o mundo. Se apenas estivesse no mundo não haveria transcendência nem se objetivaria a si mesmo. Mas como pode objetivar-se[...] pode ser capaz de se relacionar; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. Pode distinguir órbitas existenciais distintas de si mesmo."* (Freire: 1981,p. 30).

Ao buscar o encontro do outro, do diferente as professoras estarão se humanizando e dando oportunidade de seus alunos negros encontrarem e viverem sua humanidade. O reencontro com a humanidade romperia com toda e qualquer forma de manipulação, dando ao sujeito oprimido condições de traçar e construir de forma digna sua própria história. A libertação aqui entendida como superação de toda dominação e opressão que rouba das pessoas, dos alunos negros o direito de terem e viverem sua própria cultura, é ponto de honra para o profissional comprometido com o ato, a ação de educar.

O comprometimento somente será verdadeiro se os professores conseguirem livrar-se das amarras ideológicas impostas pela história do nosso país e vencerem,

superarem explicações falaciosas que, diminuem e roubam das pessoas discriminadas, o direito de viverem e serem sujeitos partícipes de toda história; esta questão é fundamental para exterminar o racismo e suas conseqüências. *"O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano concreto."* (Freire: 1981, p. 15).

A professora comprometida com a docência, de forma autêntica e libertadora, criará condições para que seu aluno oprimido enfrente com consciência sua situação de opressão e assim ele reaja e conquiste a sua liberdade de pensar, agir, viver (Freire: 1988, p.30).

Os oprimidos recuperando sua humanidade tornam-se capazes de restaurarem a humanização roubada pelos seus dominadores. Restaurar e dignificar as vidas humanas seria sério compromisso do docente desejoso de transformar a realidade vivida de forma cruel e desumana por muitos de seus alunos.

Existem possibilidades de os alunos negros, emancipados na sua consciência, com auxílio de seus docentes, transformarem as idéias, os estereótipos que sobre eles pairam; revertendo um quadro social que desfigura a imagem da comunidade negra.

Os conflitos que atormentam a consciência de alguns professores revelam oportunidades de mudanças. O desejo e a busca por mudanças é fato recente e necessário para existência de uma sociedade mais justa e igualitária.

Considero a tomada de consciência do preconceito, por algumas professoras, um passo inicial para transformações. Se não ocorrer reconhecimento dos atos, pensamentos, compreensões preconceituosas e discriminatórias dificilmente existirão mudanças. Se o silêncio for mantido nada poderá ser transformado.

A consciência do ser inacabado e de sua inconcretude faz com que as professoras tentem repensar sua prática e reavaliar suas relações com o aluno negro e o conhecimento. Este seria um ato de vontade que traz em si a oportunidade de abrir-se ao novo, ao diferente. *"O homem, por ser inacabado, incompleto, não sabe de maneira absoluta. Somente Deus sabe de maneira absoluta. A sabedoria parte da ignorância. Não há ignorantes absolutos [...] o saber se faz através de uma superação constante"* (Freire, 1981, p. 28).

O profissional docente superando os limites impostos pelo mundo à sua ação pedagógica terá oportunidade de rever suas crenças, opiniões, ações e idéias superando ideologias que destituem de valor a população negra.

O estudo das representações sociais das professoras em diferentes momentos foi me revelando como elas sofrem interferência da sociedade e das idéias presentes no mundo. Falta a algumas delas uma visão mais humana e crítica do ser, do viver, do agir, das pessoas negras, em sua maioria, e brancas, em sua minoria, que em nossa sociedade deixam de ser valorizadas em prol do lucro.

O poder da representação social está em modelar e fixar-se no conjunto de comportamentos que englobam a vida humana e fazer-se presente em todos os âmbitos da vida emocional, social e intelectual. Ela se constrói junto com a pessoa e determina o comportamento, a forma de pensar, de agir, de compreender o mundo, a humanidade.

As professoras necessitam emancipar-se e libertar-se de idéias e concepções com resquícios ideológicos deixados pela escravidão negra. Não houve ainda, esta emancipação no modo de pensar e representar os negros, a fim de garantir-lhe plena liberdade de realização enquanto pessoas e cidadãos (ãs).

As idéias racistas sustentam, ainda, os preconceitos e conseqüentes discriminações generalizadas na sociedade. O conformismo às idéias dominantes é uma das perversas raízes do preconceito presente no cotidiano. Heller (1985) fala que os seres humanos utilizam a conformidade para se adaptarem às regras impostas pelo ambiente. Não é possível que professores e educadores continuem a aceitar ou ignorar os preconceitos raciais existentes na escola e na sociedade e sejam pessoas conformadas com situações desumanas.

A escola deveria ser o ponto de encontro da humanidade, respeitada e valorizada em suas diferenças. Não seria local de conflitos, mas de construção de diferentes saberes que unidos mostrariam um pouco da beleza que esta presente no universo.

O professor, caso conseguisse ter este olhar, não estaria submetido a tanto sofrimento sem compreender seus alunos, sentindo-se muitas vezes impotente diante de situações que não encontra respostas e não sabe como agir. Deixaria de buscar culpados pelo insucesso de sua prática educativa. Tampouco seria dispensado de suas funções sem explicações coerentes, após anos de dedicação. Os alunos não estariam submetidos ao fracasso escolar. Teriam oportunidades de desenvolver suas potencialidades, habilidades, seriam respeitados e vistos pelo valor que possuem como seres humanos. A cor seria um simples diferencial que garantiria a beleza da humanidade.

Esta idéia não considero utópica mas realizável. Para tal é necessário que educadores conheçam o mundo em que vivem em toda sua diversidade. Olhem a si, se encontrem, e partam ao encontro do outro. Reconheçam no outro particularidades e singularidades, respeitando e valorizando identidades próprias. Com este princípio básico

de vida penso que muitas situações cruéis que acometem nosso mundo, nossas instituições escolares possam ser superadas.

Poderíamos, então, pensar na existência de uma escola democrática que respeita e valoriza as diferenças como princípio da igualdade entre todos os seres humanos.

"Em todo homem existe um ímpeto criador. O ímpeto de criar nasce da inconclusão do homem. A educação é mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto de criar. A educação deve ser desinibidora e não restritiva. É necessário darmos oportunidade para que os educandos sejam eles mesmos". (Freire, 1981, 32).

Para tal o professor superando e transformando as representações sociais que impedem um olhar positivo sobre o aluno negro, seja um criador em potencial. O processo de criação abrirá as portas para a humanização, valorização, dignificação da pessoa negra no espaço escolar. O docente criador olhará para seu aluno negro e acreditará nas suas capacidades, acertará o passo e encontrará em si forças para lutar e permitir que o negro seja um grande vencedor, juntamente com toda humanidade. Romperá as correntes da escravidão ideológica que há tanto tem perseguido grande parcela da humanidade.

Bibliografia:

APPLE, Michael W. *Educação e poder*. 2ª Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ALTHUSSER, Louis. *Ideologias e aparelhos ideológicos dos estado*. Trad. Joaquim José M. Ramos. Lisboa. São Paulo: Martins Fontes. 1970.

AZEVEDO , Célia M. M. *Onda Negra Medo Branco: o negro no imaginários da elites - Século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 145.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1964.

BANDEIRA, M. L. *Território Negro em Espaço de Branco*. S. Paulo: Brasiliense, 1988.

BARCELOS, Luís C. *Educação um quadro das desigualdades sociais*. In. Estudos Afro Asiáticos 23. Produção CEAA, 1992 . p. 37 – 70.

BENTO, Maria A . S. *Cidadania em Preto e Branco - Discutindo Relações Raciais*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 2001.

BERGER, Peter & LUCKMAN, Thomas . *A Construção social da realidade*. Trad. Floriano de Souza Fernandes, Petrópolis: Vozes (Antropologia, 1), 1987.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, J. C. *A reprodução: elemento para uma teoria do Ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CANDAU, V. *Pluralismo Cultural, cotidiano escolar e formação de professores*. In. Candau (org.). Magistério: Construção Cotidiana. Petrópolis. Vozes, 1997. p. 237 – 250.

CAVALLEIRO, Eliane e SOUSA, Elisabeth F. *Um século de lutas: reflexões sobre a construção da cidadania de mulheres e homens negros no Brasil*. Texto apresentado no Congresso Negro e Educação. Universidade Federal de São Carlos, 2002. p. 10.

CHARLOT, Barnard. *A mistificação Pedagógica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CHIARELLO, Rosana A . P. *Relatório de Pesquisa - Projeto- Pensamentos em Educação - Estudos Comparados entre África e Brasil* . Agência Financiadora CNPq - Instituição UFSCar, 1999.

_____ *Relatório de estágio Supervisionado da HEM. - Metodologia da Pré-Escola*. Realizado na escola Álvaro Guião. Supervisora Profa. Anete Abramowicz. Universidade Federal de São Carlos, 1998.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. 47^a edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

_____. *Convite a Filosofia*. 4^a Edição. São Paulo: Editora Ática, 2000. p. 131 - 135.

CHIAVENATO, Júlio J. *O negro no Brasil*. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

CORRÊA, Lúcia C. G. & NAGEL, Lizia C. *Preconceitos e estereótipos em professores e alunos*. Petrópolis: Vozes, 1978.

ENGUITA, Mariano F. *Educação e Teorias da Resistência*. In. Educação e Realidade. V. 14. N. 1. Central de Produções - FACED/UFES: janeiro/junho 1989, p. 3 - 15.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3^a edição. São Paulo: Editora Ática, 1978. 2^o vol.

FRANCHI, Eglê P. *A insatisfação dos professores: conseqüências para a profissionalização*. In. FRANCHI, Eglê P. (org.) A causa dos professores. São Paulo: Papyrus Editora, 1995. Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico. p. 17 - 86.

FREIRE, Paulo . *Conscientização*. 2ª edição. São Paulo: Moraes Editora Ltda., 1980.

_____. *Pedagogia como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Record, 1992.

GOFFMAN, Erwing *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Trad. Maria C. Santos Raposo. Petrópolis: Vozes (Antropologia, 8), 1982.

GONÇALVES, Luis A.O. *O silêncio como um ritual pedagógico a favor da discriminação*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.

_____. *A Discriminação Racial na Escola*. In: Educação e Discriminação dos Negros. Ministério da Educação. Fundação de Assistência ao Menor. Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro. Belo Horizonte, 1988, p. 59 - 62.

GONÇALVES, Luiz & SILVA, P.B.G. *O jogo das diferenças – O multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

GONÇALVES FILHO, José M. *Olhar e Memória*. In. NOVAES, Adauto (org.) O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 95 - 124.

GONZALEZ, L. & HASENBALG, C. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.

HASENBALG, C. e SILVA, N. V. *Raça e oportunidades educacionais no Brasil*. Estudos Afro Asiáticos, 1990. p. 18.

HASENBALG, C. A. *Discriminação e Desigualdades: Racismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: Evolução das Condições de vida na década de 90*. IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: 2001.

JODELET, Denise. *Representações sociais: um domínio em expansão*. In. As representações sociais. Jodelet, Denise (org.) Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17 - 44.

KRAMER, Sônia. *Questões Raciais e educação*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas. n. 96, 1995. p. 66.

KOLLER, Sílvia H. (1997). *Educação para pró – sociabilidade: uma lição de cidadania*. Paidéia. FFCLRP – USP. Ribeirão Preto. Fevereiro/agosto/ 1997.

LIBÂNIO, João B. *Formação da Consciência Crítica*. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. p. 23 - 43.

LOPES, Ademil. *Escola, Socialização e Cidadania: Um estudo da criança negra numa escola pública da cidade de São Carlos*. Dissertação de Mestrado, São Carlos: SP. UFSCar., 1994.

LOPES, Helena T. *Educação e Identidade da Criança Negra*. In: Educação e Discriminação dos Negros. Ministérios da Educação. Fund. de Assistência ao Estudante. Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro. Belo Horizonte: 1988.

LOPES, Vera Neusa. *Racismo, Preconceito e Discriminação*. In: Superando o Racismo na escola, MUNANGA, K. (Org). Brasília. Ministério de Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2001. p.183 a 200.

LUCKMAN, Thomas e BERGER, Peter. *A construção Social da Realidade*. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1978.

MARQUES, Juracy. *Os caminhos do professor. Incertezas e Inovações. Desempenhos*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1975.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Linguagem*. Tradução: Marilena Chauí. 2ª edição. São Paulo, 1984, p. 136 - 147.

MOSCOVICI, Serge. *A representação Social da Psicanálise*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. *Pisología social, I: influencia y cambio de actitudes / individuos y grupos*. Barcelona: Cognición e desarrollo humano, 1985. p. 41 - 70.

MOTT, Maria L. B. *Submissão e Resistência: A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

MOURA, Clóvis. *Os quilombos e rebelião negra*. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986. p. 88.

NUCLEO DE ESTUDOS NEGROS - NEN. *Negros e Currículo*. Ivan Costa Lima e Jeruse Romão (Orgs.) Florianópolis. N. 2. Série Pensamento negro em educação. 1997.

_____. *Educação Popular Afro - Brasileira*. Ivan Costa Lima e Jeruse Romão (Orgs.). Florianópolis. N. 5. Série Pensamento Negro em Educação. 1999.

_____. *As idéias racistas, os negros e a Educação*. Ivan Costa Lima e Jeruse Romão (Orgs.). Florianópolis. N. 1. Série Pensamento Negro em Educação. 1997.

OLIVEIRA, Ivone M. *Preconceito e Auto Conceito*. Campinas: Papirus Editora, 1994.

OLIVEIRA, Ivani L. M. *Do mito da igualdade à realidade da discriminação: desvelações / Revelações; construções / desconstruções num micro universo de alunos trabalhadores*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos. Metodologia do Ensino. 2001.

OLIVEIRA, Rachel. *Preconceitos, Discriminações e formação de professores - do proposto ao Alcançado*. Tese de doutorado. Universidade Federal de São Carlos. Metodologia do Ensino. 2001.

_____. *Educação de Negros: escola, currículo escolar e currículo vitae*. In: *Negros e Currículos*. Série Pensamento Negro em Educação. N. 2 - Florianópolis, 1997. p. 77 - 91.

PINSKI, Jaime. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988. p. 50 a 55.

PROGRAMA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. *Brasil, gênero e raça. Todos unidos pela igualdade de oportunidades*. Brasília: 1998. p. 12 - 16.

QUEIROZ, Renato S. *Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito*. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.

REALI, Aline & colaboradoras. *Concepções, histórias e narrativas de professoras do Ensino Fundamental sobre seus alunos: compreendendo práticas pedagógicas*. Projeto vinculado ao Programa Ensino Público/FAPESP para o período 1996 - 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Trajetórias escolares de estudantes brancos e negros*. In. Educação e Discriminação dos Negros. Ministério da Educação - Fundação de Assistência ao Estudante Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro. Belo Horizonte, 1988, p. 27 - 51.

_____. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

ROSEMBERG, Lia. *Educação e desigualdade Social*. São Paulo: Loyola, 1984.

SANTOS, Erisvaldo P. *Escola e identidade étnico-racial*. In. O pensamento Negro em Educação. Número 1. Florianópolis. Maio de 1997. p. 59 - 74.

SANT'ANA, Antônio O. *História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados*. In. Munanga (Org.) Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2000. p. 31 - 61.

SANSONE, Lívio. *Cor, classe e modernidade em duas áreas da Bahia*. Cadernos Candido Mendes, n. 23. Estudos Afro - Asiáticos, 1992. p. 162 - 163.

_____. *Pai Preto, filho negro*. Trabalho, cor e diferença de geração. Cadernos Candido Mendes. Estudos Afro - Asiáticos, n. 25, 1993. p. 73 - 96.

SANTANA, Patrícia M. S. *Rompendo as barreiras do silêncio: projetos pedagógicos discutem relações raciais em escolas municipais de Belo Horizonte*. In. MUNANGA (org.) Negro e Educação. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2000. p. 37 - 52.

SANTOS, L. L. *O processo de construção do conhecimento escolar e a didática*. In. Moreira (org.). Conhecimento educacional e formação de professores. Campinas: Papirus, 1994. pp. 27 – 37.

SCHÖN, Donald A. *Formar professores como profissionais reflexivos*. In. Os professores e suas formação. NÓVOA, A. (org). Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 79 - 91.

SCHWARCZ, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993 - p. 15-7.

SEYFERTH, G. *Signos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SILVA, Ana Célia. *Estereótipo e preconceito em relação negro no livro de comunicação e expressão de 1º grau, nível 1*. Salvador. Universidade Federal da Bahia. Dissertação de Mestrado em Educação. 1987.

_____. *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador: CEAO. CEDE, 1995.

_____. *A desconstrução da discriminação no livro didático*. In: Superando o Racismo na escola. 3ª edição. MUNANGA, K. (Org.). Brasília. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. 2001, p. 13 - 30.

_____. *Ideologia do Embranquecimento*. In: O Pensamento Negro em Educação. Núcleo de Estudos Negros - NEN - numero 1. Florianópolis: 1997. p. 12 - 20.

SILVA, Consuelo D. *Negro, qual é seu nome?* Belo Horizonte: Maza edições, 1995.

SILVA, Edilson M. *Negritude & Fé*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Carlos Queiroz, 1998.

SILVA, Petronilha B. G. *Projeto a ser desenvolvido em Pós Doutorado, na University of South Africa*. São Carlos. SP. 1995.

_____. *Projetos Educacionais – prioridades dos brasileiros descendentes de africanos*. In. Uma dívida, muitas dívidas: os brasileiros querem receber. (Org.) Vilson Caetano de Souza. São Paulo: Atabaque, Solidaridad. 1998.

_____. *Quebrando o silêncio: resistência de professores negros ao racismo*. In. A escola e seis alunos – Estudos sobre a diversidade cultural – Org. Raquel Volpato Serbino. Seminários debates UNESP. S. Paulo: Ed. UNESP. 1994. p. 91 – 105.

SILVA, Petronilha B. G. *Socialização e formação da identidade: anotações para discutir a questão a partir do ponto de vista do movimento negro*. In. Aspectos da Negritude. (Org.) Vera Triumpho. Rio Grande do Sul: Martins Livreiro, 1991.

_____. *Vamos acertar os passos? Referências afro brasileiras para os sistemas de ensino*. In. O pensamento Negro em Educação. Núcleo de Estudos Negros NEN. Numero 1. Florianópolis: 1997. P. 40 - 57.

SILVA, Petronilha B. G.; BARBOSA, Lúcia M. A. (Org.) *Pensamento negro em educação no Brasil: Expressões do Movimento Negro*. São Carlos. EDUFSCar. 1996.

SILVA, Tomaz T. *Os Novos Mapas Culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna*. In: Territórios Contestados - O currículo e os novos mapas políticos e culturais. Silva, Tomaz T. & Moreira, Antônio F. (org.). Porto Alegre: Vozes, 1995. p. 41 - 51.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Raça e Racismo na virada do milênio: os novos contornos da Racialização*. São Paulo. EU: Campinas. Tese de Doutorado. 1999, p. 6-14; 51-56.

TAYLOR, CHARLES. *The politics of recognition*. In: GOLDBERG, David Theo. *Multiculturalism: a critical reader*, Oxford-UK. Cambridge-USA. 1994.

TEODORO, Maria de Lourdes. *Identidade, cultura e educação*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: N. 63, 1997, p. 46 – 50, nov. 97.

TRIUMPHO, Vera (org). *Rio Grande do Sul- Aspectos da Negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro – Editor, 1991.

VALENTE, Ana L. E. P. *Ser negro no Brasil hoje*. São Paulo: Ed. Moderna Ltda., 1987.

WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

A N E X O S

Observação: os quadros de análise dos dados, aqui apresentados, são um pequeno exemplo de como encontrei as unidades de significado nas falas das professoras. O encontro das unidades de significado deram origem aos temas e dimensões do fenômeno que pesquisava - as representações sociais que as professoras possuíam de seus alunos negros. Através destes quadros realizei a análise dos dados com a construção das sínteses referentes às dimensões do fenômeno procurado. Os quadros estão na seqüência das décadas , são seis, pois, referem-se a cada professora colaboradora.

Anexo 1

Quadro um: conversa com a professora Aurora (1940).

Unidades de significado	Temas	Dimensões
Trabalhou na escola primária.	Âmbito de atuação.	Experiência vivida.
Primeiro emprego / como professora primária.	Âmbito de trabalho	Experiência vivida.
Professores de hoje / não se importam com os alunos.	Relação prof./aluno.	Contexto social.
Carinho especial pela escola primária.	Dedicação profissional	Experiência vivida.
Escola oferecia / mínimo de escolaridade.	Processo ensino aprendizagem.	Contexto social.
Não eram muitos / os preocupados / em aprender.	Processo ensino aprendizagem.	Experiência vivida.
Escola freqüentavam / alunos negros e brancos / proporções iguais.	Participação educativa.	Contexto social.
Os pais procuravam a escola / não estavam preocupados com negros e brancos/ todos eram pobres.	Desigualdade social	Contexto social.
Observava as crianças bem de perto / os negros eram mais fraquinhos.	Discriminação racial	Preconceito.
Os negros demoravam para aprender / os brancos eram mais espertos.	Preconceito e discriminação racial.	Preconceito.
Aprender/ dependia do esforço /do desejo de cada um.	Ensino / aprendizagem.	Experiência vivida.

Anexo 2

Quadro dois: conversa com a professora Edite (1950).

Unidades de significado	Temas	Dimensões
Fez Magistério na escola Jesuíno de Arruda./ Pedagogia e biblioteconomia em Araraquara.	- Âmbito de Formação	- Experiência vivida.
Frustração / trabalhou com poucos alunos negros.	- Âmbito de trabalho. - Insatisfação docente.	- Experiência vivida.
Alunos negros / embranqueceram tanto / não sabe mais a cor deles.	Ideologia do branqueamento.	- Contexto social.
O Anderix / um aluno negro/ aprendia normalmente / incentivava muito.	- Processo ensino / aprendizagem.	-Superação do preconceito.
Formação acadêmica / era proibido / falar de questões raciais.	- Formação docente. - Preconceito racial.	-Contexto social.
Levou um choque / quando deparou com estas questões em sala de aula.	- Choque da realidade. - Teoria / Prática.	- Experiências vividas.
Nessa época era horrível/ na saída da escola / um aluno negro/ batia em outro branco/ o professor não fazia nada.	- Preconceito e discriminação racial	- Preconceito.

Anexo 3

Quadro três: Conversa com a professora Perpétua (1960).

Unidades de Significado	Temas	Dimensões.
Realidade da sala de aula/ é diferente/ do que viu/ no curso de magistério.	- Teoria / Prática	- Experiência vivida.
A sala de aula / não exige somente / conhecimento dos conteúdos.	- Teoria / Prática	-Experiência vivida.
A sala de aula / exige outras faixas de educação: - Respeito com a escola./ - Respeito com os colegas./ - Respeito com os professores./ - Responsabilidade do aluno na realização de suas atividades./	- Processo ensino / aprendizagem. - Relação professor / aluno. - Conscientização.	- Experiência vivida.
- A escola / não é mais ponto tão forte / para transformação / da pessoa no futuro.	- Função educativa. - Conscientização.	- Contexto social.
Teve que aprender / com ajuda de livros / de colegas professores / o curso de formação não deu conta.	- Âmbito de formação. - Deficiência na formação profissional.	- Experiência vivida.

Anexo 4

Quadro quatro: conversa com a professora Celina (1970).

Unidades de Significado	Temas	Dimensões
A questão do negro/ é normalmente/ trabalhada em sala de aula.	- Democracia racial	- Preconceito.
Aulas de reforço para um aluno negro / era estuprado pelo vizinho.	- Violência infantil. - Déficit de aprendizagem.	- Preconceito.
Teve um aluno negro / que se apaixonou por uma menina branca / de família conceituada .	- Preconceito Racial. - Discriminação racial.	- Preconceito.
No Supletivo / há mais alunos negros / querem melhorar de vida.	- Desigualdade social.	- Contexto social.
Primeiro dia de aula / já sabe quem é o aluno.	- Saberes da docência.	- Experiência vivida.
28 anos de experiência / olha e sabe quem é o aluno / não pode deixar ele a vontade.	- Controle pedagógico.	- Experiência vivida.
Sem a presença / da família / é difícil o aluno vencer.	- Escola / família. - Fracasso escolar.	- Preconceito.

Anexo 5

Quadro cinco: conversa com a professora Beatriz (1980).

Unidades de Significado	Temas	Dimensões
Os adultos são racistas / as crianças são puras.	- Racismo - Igualdade racial	- Preconceito.
Para criança não existe preconceito / ela não se importa com isso.	- Desenvolvimento infantil. - Relacionamento infantil.	- Preconceito.
O aluno negro ofendido / levantava da carteira / descia a mão no agressor.	- Agressividade. - Resistência à dominação.	- Preconceito.
Sofre influência da sociedade / esta sociedade influencia as crianças.	- Dominação social.	- Experiência vivida.
Pensa que a escola/ não está interessada / com a formação humana e social do aluno.	- Formação do aluno. - Humanização do aluno.	- Experiência vivida.
Curso de Magistério / nunca ofereceu / conhecimentos / sobre as questões raciais.	- Âmbito de formação. - Omissão de conteúdos.	- Experiência vivida.
A amizade entre alunos brancos e negros é diferente.	- Relações raciais. - Racismo.	- Preconceito.
O trabalho do professor / é solitário / mal remunerado / não tem coleguismo.	- âmbito de trabalho. - Desvalorização do magistério.	- Experiência vivida.

Anexo 6

Quadro seis: conversa com a professora Juliana (1990).

Unidades de Significado	Temas	Dimensões
Esta tendo contato/ nos dias atuais/ com professores / estão defasados / voltando a estudar / a fazer cursos.	- Âmbito de Formação. - Melhoria profissional.	-Contexto social.
- Cursos de formação ensinam uma prática errada / uma teoria atrasada / fora da realidade.	- Formação docente. - Relação teoria / prática.	- Experiência vivida.
- Disse que foi um trabalho / rico / alfabetizar sem formação.	- Alfabetização. - Déficit na formação.	- Experiência vivida.
Nunca tinha olhado para cor / como interferência / na aprendizagem.	- Racismo. - Fracasso escolar.	- Preconceito.
O maior problema da criança negra / é o preconceito / socialmente imposto.	- Preconceito racial. - Desigualdade social.	- Preconceito.
Os alunos negros / não tinham perspectiva de carreira profissional.	- Desestímulo educativo. - Fracasso escolar.	- Preconceito.
Questões financeiras / o SENAI / era uma solução / para as famílias mais pobres / principalmente negras.	- Ensino profissionalizante - Desigualdade social	- Contexto social.